



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PP GEO

JORGE FRANÇA DA SILVA MEDEIROS

**AS FEIRAS LIVRES EM BELÉM (PA):
Dimensão Geográfica e Existência Cotidiana**

Belém
2010

JORGE FRANÇA DA SILVA MEDEIROS

**AS FEIRAS LIVRES EM BELÉM (PA):
Dimensão Geográfica e Existência Cotidiana**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, para a obtenção do título de Mestre em Geografia, Universidade Federal do Pará.

Área de Concentração: Gestão Urbana e Regional

Orientador: Prof. Dr. Gilberto de Miranda Rocha.

Belém
2010

Dados Internacionais de Catalogação de Publicação (CIP)
(Biblioteca do NAEA/UFPA)

Medeiros, Jorge França da Silva

As feiras livres em Belém (Pa) / Jorge França da Silva Medeiros;
orientador, Gilberto de Miranda Rocha Silva – 2010.

118 f.: il. ; 30 cm

Inclui bibliografias

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
Geografia, Belém, 2010.

. 1. Espaços públicos – Belém (PA). 2. Feiras – Belém (PA). 3. Feiras
livres Belém (PA). 4. Feirantes – Belém (PA). I. Silva, Gilberto de Miranda
Rocha, orientador. II. Título.

CDD 21. ed. 381.186098115

JORGE FRANÇA DA SILVA MEDEIROS

**AS FEIRAS LIVRES EM BELÉM (PA):
Dimensão Geográfica e Existência Cotidiana**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, para a obtenção do título de Mestre em Geografia, Universidade Federal do Pará.

Área de Concentração: Gestão Urbana e Regional

Data de aprovação:

Banca examinadora:

Profº Drº Gilberto de Miranda Rocha
Orientador – NUMA/UFPA

Profº Drº. João Santos Nahum
Examinador Externo – PPGeo/UFPA

Profº. Drº. Aldrin Moura de Figueiredo
Examinador Externo – PPHIS/UFPA

A minha Família, em especial a minha mãe Julieta,
meu Pai Francisco e a minha Avó Raimunda,
verdadeiros vencedores da Universidade da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo Dom da Vida.

Esse é o momento mais especial para o pesquisador, consciente de que um trabalho acadêmico, por mais solitário que seja, passa pela vida de inúmeras pessoas. É o momento em que a vaidade intelectual cede lugar ao reconhecimento da amizade, do companheirismo e da solidariedade humana.

Nestas breves palavras, gostaria de expressar minha gratidão a algumas pessoas que fizeram, nesses anos de vida acadêmica, muita diferença na minha vida e em meu amadurecimento intelectual.

A minha família pelo apóio e pela força espiritual de todos os dias.

Ao Professor Gilberto Rocha, pelas breves conversas, sempre recheadas de novas ideias, novos pensamentos e novas ambições acerca do trabalho apresentado. Acima de tudo, um grande ser humano.

Ao grande amigo Augusto Vieira, que, lá no início, me deu a oportunidade de trilhar pelos caminhos da Geografia e perceber o quanto ela seria importante na minha vida profissional.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia, em especial aos atuais coordenadores (Prof. Carlos Bordalo e Prof. João Nahum), que não mediram esforços para proporcionar um melhor ambiente de estudo e pesquisa ao corpo discente pertencente ao programa. A eles o meu agradecimento especial.

Aos colegas de turma do mestrado, Odimar, Gilber, Thiago, Marcel, Paula, Orleno, Glauber, Alan, Raifran, Marcos, Rosivanderson, que estimularam inúmeros debates, sobre os mais variados temas geográficos e pela amizade construída nesses poucos meses de convivência acadêmica.

Agradeço também aos meus inseparáveis amigos, Assis Melo, Ayala Colares, Victor Cachon, Elis (agora no Sul), Franco, Walber Abreu que sempre nas horas de folga estiveram compartilhando bons “momentos de reflexão” em algum cantinho da cidade com várias mesas e cadeiras ao redor.

Aos meus colegas, professores da Escola Tenente Rego Barros, da área de ciências humanas, que souberam acolher-me nos momentos cruciais de desenvolvimento do trabalho.

A grande profissional da língua portuguesa Roseany pelo excelente trabalho de revisão final do texto. E não poderia deixar de lembrar a Tabila Verena, responsável pelo fabuloso trabalho cartográfico empregado na dissertação.

Ao amigo Odivaldo (REX), pelo apóio dedicado a normalização do trabalho.

A Eliza(BETE) e suas duas maravilhas (Aline e Enne), pela força, pelo apóio, pela confiança e pela compreensão nos momentos de ausência.

Aos personagens das inúmeras feiras livres espalhadas pela cidade grande. Pela dedicação, pela vontade, pela sabedoria e pelo humor que todo(as) espelham dia-dia em sua árdua luta pela sobrevivência na cidade.

As várias instituições públicas visitadas durante a pesquisa, em especial a Secretaria Municipal de Economia, a Companhia de Desenvolvimento do Município de Belém (CODEM), a Biblioteca Pública Arthur Viana pela disponibilidade de dados e documentos escritos que subsidiaram a pesquisa aqui desenvolvida.

E a todos aqueles que, de certa maneira, contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

São os simples que nos libertam dos simplismos, que nos pedem a explicação científica mais consistente, a melhor e mais profunda compreensão da totalidade concreta que reveste de sentido o visível e o invisível. O relevante está também no ínfimo. É na vida cotidiana que a História [e a Geografia] se desvenda ou se oculta.

Martins

RESUMO

O presente trabalho busca enfatizar o estudo sobre as feiras livres existentes no município de Belém, com ênfase em seus aspectos geográficos e sua expressão cotidiana na grande cidade. Toma como referência a produção do espaço urbano em Belém, como forma de estabelecer possíveis vínculos com o processo de formação e expansão dos diferentes espaços de feiras livres em Belém. Analisa as feiras livres geograficamente a partir da relação entre a localização geográfica, a formação histórica, a quantidade de feirantes e a diversidade de produtos comercializados, anunciando as feiras livres como espaços relacionais no contexto de estruturação do espaço urbano. A dimensão cotidiana se expressa a partir da existência de uma “solidariedade orgânica” entre os diferentes atores partícipes do dia-dia da feira e também pelo reforço das tradições e costumes locais nos diferentes espaços de feiras em Belém. Busca-se, por fim, enfatizar o papel que os diferentes tipos de feiras livres passam a cumprir perante o acelerado crescimento urbano dos últimos anos na capital paraense.

Palavras-Chave: Espaço. Cidade. Urbano. Modernidade. Feiras livres. Feirante.

RESUMEN

Este artículo pretende hacer hincapié en el estudio de las ferias en la ciudad de Belén, con énfasis en sus aspectos geográficos y su expresión cotidiana en la gran ciudad. Toma como referencia la producción del espacio urbano en Belén, a fin de establecer posibles vínculos con el proceso de formación y expansión de los diferentes espacios de los mercados libres en Belén. Analiza el libre mercado geográfico de la relación entre la localización geográfica, antecedentes históricos, el número de vendedores ambulantes y la diversidad de productos comercializados, anunciando los mercados libres como espacios de relación en el contexto de la estructuración del espacio urbano. La dimensión cotidiana se expresa de la existencia de una "solidaridad orgánica" entre los diferentes actores de los participantes día a día de la feria y también mediante el fortalecimiento de las tradiciones y costumbres locales en diferentes lugares de las ferias en Belén de la búsqueda por fin destacar el papel que los diferentes tipos de ferias se van a cumplir antes de que el rápido crecimiento urbano de los últimos años en la capital de Pará.

Palabras claves: Espacio. Ciudad. Urbano. Moderno, el libre mercado, comercialización.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1-	Características dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos	36
Mapa 1-	Localização Geográfica do Município de Belém	55
Figura 1-	Belém – Fins do século XVII	57
Figura 2-	O centro comercial de Belém e sua periferia	59
Quadro 2-	Demonstrativo do número de feiras e de permissionários em Belém	63
Mapa 2-	Estruturação Urbana – RMB (a partir de 1980)	68
Mapa 3-	Distritos Administrativos do Município de Belém	74
Mapa 4-	Localização Geográfica das Feiras Livres em Belém-PA.	75
Mapa 5-	Os Eixos de Articulação Espacial e a Expansão de Bairros em Belém-PA	79
Quadro 3-	Situação de ocupação da Feira do Entroncamento – Ano 2007	81
Quadro 4-	Situação de ocupação da Feira Parque União – Ano 2009	82
Quadro 5-	: Situação de ocupação da Feira do Barreiro – Ano 2009	92
Quadro 6-:	Situação de ocupação da Feira Damasco – Ano 2009	93
Mapa 6-	Dos distritos administrativos como maior incidência de feiras	86
Mapa 7-	Áreas de Abrangências das Feiras Livres “Primárias”.	102
Quadro 7-	Quadro demonstrativo da situação e ocupação por atividades nas Feiras municipais de Belém – Ano 2009	103

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1-	Aspectos da Feira de Campina Grande-PB	43
Fotografia 2-	Mercado de Campina Grande-PB	43
Fotografia 3-	Feirante e sua freguesia na feira central da cidade	44
Fotografia 4-	As mercadorias na Feira Central de Campina Grande-PB	44
Fotografia 5-	Barracas na Feira de Caicó-RN	47
Fotografia 6-	Açougue a céu aberto em Caicó-RN	47
Fotografia 7-	Produtos regionais na Feira Central de Caicó-RN	48
Fotografia 8-	Sandálias de couro na Feira local de Caicó-RN	49
Fotografia 9 e 10-	Organização do espaço nas Feiras Livres de Uberlândia-MG	51
Fotografia 11-	Feira da Rua 8 de maio (Distrito de Icoaraci/Belém)	70
Fotografia 12-	Feira da Rua 8 de maio (Distrito de Icoaraci/Belém)	70
Fotografia 13 e 14-	Feiras Livres da Pedreira e do Barreiro	71
Fotografia 15-	Feira do Porto da Palha em Belém-Pa.	77
Fotografia 16-	Feira do Ver-o-Peso – aspectos do circuito inferior da economia urbana na principal Feira Livre da cidade	76
Fotografia 17 e 18-	Feira do Barreiro e a diversidade de produtos comercializados	90
Fotografia 19 e 20-	Feira do Entroncamento – Rua da Prainha e Av. Pedro Álvares Cabral.	96
Fotografia 21-	Doca do Ver-o-Peso, sem a presença do Mercado de Ferro	99

Fotografia 22-	Doca do Ver-o-Peso em 1902	100
Fotografia 23 e 24-	Boulevard da República, início do século XX, atual Boulevard Castilho França, principal via de acesso à Feira do Ver-o-Peso	100
Fotografia 25-	Ocupação desordenada do espaço na feira do Entroncamento	104
Fotografia 26-	Vista panorâmica da Feira do Ver-o-Peso	104

LISTA DE SIGLAS

CODEM - Companhia de Desenvolvimento do Município de Belém

DABEL - Distrito Administrativo Belém

DABEN - Distrito Administrativo Bengui

DAICO - Distrito Administrativo de Icoaraci

DAENT - Distrito Administrativo Entroncamento

DAGUA - Distrito Administrativo Guamá

DAMOS - Distrito Administrativo Mosqueiro

DAOUT - Distrito Administrativo Outeiro

DASAC - Distrito Administrativo Sacramenta

NAEA - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

NUMA - Núcleo de Meio Ambiente

PPGEO - Programa de Pós-Graduação em Geografia

SECULT - Secretária Executiva de Cultura

SECON - Secretária Municipal de Economia

UFPA - Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
PARTE I		
	O LUGAR DAS FEIRAS LIVRES NA CIDADE CAPITALISTA	23
2	O ESPAÇO DAS CIDADES E AS FEIRAS LIVRES: UMA CONTRIBUIÇÃO A PARTIR DA ANÁLISE GEOGRÁFICA	24
2.1	A CIDADE E O COMERCIO: o passado projetando o futuro	24
2.2	ESPAÇO E ECONOMIA URBANA: onde estão as feiras livres?	30
2.3	A LÓGICA DAS FEIRAS LIVRES NA(S) LÓGICA(S) DA (S) CIDADE(S): relações e processos urbanos	40
PARTE II		
	“FAZER A FEIRA EM BELÉM (PA)”: singularidade e existência na cidade contemporânea	53
3	A FORMAÇÃO (GEO) HISTÓRICA DAS FEIRAS LIVRES EM BELÉM (PA)	54
3.1	A FORMAÇÃO E A DIFERENCIAÇÃO DAS FEIRAS LIVRES NA / DA CIDADE	54
3.2	A CARACTERIZAÇÃO DAS FEIRAS LIVRES EM BELÉM (PA): (Re) definindo os olhares	64
3.2.1	As feiras livres e os aspectos jurídico-Institucionais	67
3.2.2	A dimensão espacial das feiras livres em Belém-Pa	72
4	VER-A-FEIRA LIVRE EM BELÉM: a marca de um fenômeno na cidade contemporânea	84
5	ESCRITOS FINAIS	107
	REFERÊNCIAS	111

1 INTRODUÇÃO

Iniciar a escrita de um texto sempre é uma tarefa difícil para qualquer pessoa que esteja envolvida pelo mundo da academia. Não por acaso, a história se repete novamente, não por falta de informações balizadas do ponto de vista científico-intelectual, mas sendo retomada a partir da multiplicidade de dados, informações e resultados a respeito do estudo sobre as feiras livres na/da cidade de Belém.

Aliás, por que estudar as feiras livres espalhadas pelos diferentes bairros e distritos em Belém? Do ponto de vista científico, as feiras livres cumprem um papel razoável de objeto de estudo acadêmico? O que significa estudar as feiras livres para um Geógrafo, habitante da grande cidade?

Esses questionamentos posicionaram inicialmente o pensamento a respeito do tema a ser desenvolvido. Afinal, a cidade é um espaço que apresenta um amplo e vasto campo de investigação intelectual.

Responder aquelas interrogações não parece ser tão simples como pode imaginar. Por trás delas estão experiências de vidas, passadas e presentes, construídas desde as primeiras fases do desenvolvimento intelectual.

Historicamente, é muito comum ouvir pelas ruas da cidade a expressão “hoje vou fazer a feira”, tal expressão carrega, ao longo do tempo, múltiplos significados para a vida de milhares de pessoas que faziam e ainda fazem a feira do dia, da semana ou do mês. Ainda quando criança era comum e habitual (em família) “fazer a feira” todos os sábados na principal feira livre da cidade de Belém – o Ver-o-Peso – e suas ramificações. Nesse percurso semanal que se iniciava pelo Mercado de Ferro, de venda da carne, circulavam dezenas de “fregueses” e feirantes ambulantes, vendendo suas sacolas de plásticos em busca de um trocado qualquer. Lá era possível encontrar pessoas de todas as caras (negros, brancos, mestiços), crenças e origens.

Em seguida, a caminhada se dava para o outro lado da Avenida Boulevard Castilho França, para o local da feira livre a céu aberto. Frutas, legumes, peixes, mariscos, farinha e outros mantimentos eram vendidos e consumidos semanalmente e faziam parte de nossa dieta alimentar e familiar.

Naquela época, no final dos anos de 1980 e início da década de 1990, tudo parecia mais uma rotina do que propriamente uma prática habitual e tradicional da

família paraense. Ir à feira tornava-se algo necessário e perigoso, dada a grande quantidade de furtos e roubos que aconteciam todos os dias naquele espaço.

O cenário era mesmo de preocupação e ansiedade. Não se sabia ao certo o que poderia acontecer na hora da compra, do deslocamento no interior da feira. Um simples vacilo, e tudo era perdido. Mas essa vida no interior da feira tinha um significado, uma explicação que só foi conhecida em tempos recentes trazida pela formação acadêmica.

A feira livre é um espaço que comporta múltiplas relações sociais que vão desde o estranhamento com o outro até aos laços mais afetivos de solidariedade com o próximo. E nesse fervilhar de práticas sociais cotidianas passaram-se inúmeras cenas que, só agora, veio a ter um entendimento mais aproximado de seu significado para o lugar e para a cidade.

Com isso, pode-se perceber que, numa relação dialética, a cidade está no lugar e o lugar expressa um fragmento dessa cidade. A feira livre é a síntese das relações econômicas, sociais e culturais que são estruturadas diariamente nos espaços da cidade. Desse modo, aquilo que parecia ser estranho, na infância, agora, torna-se atraente na fase adulta e profissional deste geógrafo.

A história das feiras livres em Belém confunde-se com a própria história de desenvolvimento da cidade. Tendo o rio como elemento central de estruturação da vida urbana, a cidade passou a se organizar a partir de relações socioespaciais mantidas com a região insular mais próxima. Sendo assim, as primeiras atividades econômicas ligadas à atividade comercial estiveram vinculadas à dinâmica do rio.

Com o processo de expansão urbana, intensificado a partir do século XIX, a cidade passa a ocupar novas áreas em direção às regiões mais afastadas do centro comercial. Nesse sentido, surgiram os bairros de Nazaré, São Brás, Canudos, Fátima e Marco. A ocupação se dava pela incorporação de novas áreas, cada vez mais distantes do núcleo original de povoamento da cidade.

Acompanhando esse rápido processo de expansão urbana, as feiras livres passaram a ocupar rapidamente os principais logradouros públicos municipais e, de certa forma, virando as costas para o rio, com a exceção daquelas já existentes.

A formação e expansão de grande parte das feiras livres presentes na cidade de Belém surgiram e ainda estão localizadas nesses pontos específicos da grande cidade, cumprindo uma função espacial e estratégica no contexto de formação do espaço urbano.

De posse dessas reflexões iniciais, fica evidente o papel que os espaços de feiras livres cumprem no processo de organização do espaço na cidade capitalista. Além disso, numa cidade tipicamente amazônica recortada por diversos rios e absorvida pelo asfalto e pelo concreto da nova urbanidade, o desenvolvimento de pequenas atividades comerciais ganha forma e impõe um novo ritmo à dinâmica espacial do lugar.

Nesse sentido, busca-se fazer uma interpretação dos diferentes espaços de feiras livres espalhados pelo município de Belém, levando em consideração seus diferenciados momentos de estruturação enquanto espaço urbano dotado de elementos sociais, econômicos e culturais relativos à região amazônica.

Interpretar a dinâmica espacial espelhada pelas feiras livres na capital paraense à luz do processo de produção do espaço urbano pressupõe reconhecer uma série de situações cotidianas que passam a se expressar no momento em que tomam a dimensão espacial como palco concreto de ações coletivas de um determinado grupo social.

Analisar a maneira pela qual os espaços de feiras ganham projeção na cidade significa responder àquelas questões iniciais que, em princípio, tornaram-se o ponto de partida para se buscar uma interpretação mais aprofundada do ponto de vista científico-intelectual.

Assim, compreender a relação estabelecida entre os pontos de feiras (sua localização geográfica, suas diferentes formações histórica e sua diversidade e sua dimensão espacial) e os diversos espaços da cidade torna-se uma das etapas centrais deste trabalho. Em Belém, tal relação é mais importante pelo fato de revelar a verdadeira singularidade desses espaços numa cidade amazônica.

O grau importância que os espaços de feiras livres cumprem na grande cidade depende do grau de dependência que a cidade passa a apresentar perante essa realidade. Como uma capital que vive e pulsa a partir da atividade comercial, a cidade de Belém passa a configurar diferentes padrões de produção, circulação e consumo, que se estabelecem, de forma desigual, nos mais diversos pontos da cidade.

Para desenvolvimento da pesquisa, algumas etapas tiveram que ser superadas e muitas outras passaram a surgir no próprio desenvolvimento do trabalho. Inicialmente, foi preciso definir o objeto de estudo nas/das feiras livres da grande cidade. Uma vez definida a proposta de investigação, foi preciso recorrer à

literatura urbana sobre as feiras livres, algo ainda pouco explorado pela comunidade de Geógrafos, mas muito fértil para antropólogos e sociólogos, principalmente.

Em seguida, havia a necessidade de “redefinir os olhares” sobre os espaços de feiras livres a partir de constantes visitas em grande parte desses pontos espalhados pela cidade. Nessa etapa, foi possível capturar imagens, sons e depoimentos daqueles que fazem desses espaços uma extensão de sua rua, de sua casa, ou até certo ponto, de sua família.

Tomando como referência teórica os estudos de Santos (1979), Santos (2005), Santos (2006), Carlos (2007), Lefebvre (1991;1999) e Martins (2008), sobre o espaço urbano e suas diferentes manifestações à vida de milhares de pessoas, foi possível construir uma interpretação mais próxima daquilo que permeia os espaços de feiras em Belém. Além desses autores, outras obras foram consultadas e exploradas no decorrer da pesquisa.

Entendidas como espaços de encontros e desencontro, as feiras livres da cidade resguardam importantes traços da vida cotidiana tradicional da região, ao mesmo tempo em que passam a incorporar elementos da vida cotidiana moderna, sobretudo, quando se pensa na organização política dos feirantes. A rápida multiplicação das associações de feirantes em Belém configura-se mais como uma resposta aos ditos “modernos” sistemas de gestão pública do espaço.

Diante desse quadro, algumas questões pertinentes puderam ser levantadas a respeito da temática em destaque e nortearam o caminho trilhado pela pesquisa. São elas:

a) Qual a relação existente entre o processo de expansão urbana verificado em Belém, nos últimos anos, a localização e o crescimento dos espaços de feiras livres na capital paraense?

b) Quais os elementos geográficos existentes nesses espaços que reforçam sua permanência e sua singularidade no contexto urbano marcado pela modernidade?

a) Quais as características geográficas que fazem das principais feiras livres belenenses espaços emergentes capazes de (re)produzir novos e antigos ritmos de vida na cidade?

Sem dúvida, a presença desses espaços na capital paraense encontra vários significados que, muitas vezes, extrapolam as questões econômicas e de consumo da grande massa populacional. Tais espaços evidenciam um “outro mundo” dentro

do mundo urbano amazônico. Por meio deles, são percebidas práticas coletivas e ações individuais que reforçam ainda mais os parâmetros do modo de vida local/regional.

Tomando como referência a problemática acima, foi possível definir os principais objetivos que acompanharam o desenvolvimento do trabalho científico. Dentre os quais, podem-se destacar:

a) Compreender a formação e a singularidade das feiras livres em Belém a partir de sua dinâmica espaço-temporal estabelecida no contexto de (re)produção do espaço urbano local;

b) Mapear e analisar a dinâmica espaço-temporal de estruturação das feiras livres em Belém, ao longo dos últimos anos;

c) Analisar e identificar os diferentes elementos existentes na realidade cotidiana dos espaços de feiras em Belém, a fim de esclarecer sua singularidade como espaço de apropriação coletiva na cidade;

Apontar tipologias aos diferentes espaços de feiras em Belém, como forma de esclarecer possíveis diferenciações sociogeográficas.

As feiras livres reforçam a ideia do coletivo, do grupo enquanto organização essencial na consolidação de suas coletividades. Para tanto, a existência do *circuito inferior da economia* (SANTOS, 1979) impregnado nas relações cotidianas de troca, (re)afirma o sentido e o significado que esses espaços apresentam na conjuntura metropolitana belenense.

A existência dos feirantes só tem sentido quando as suas relações sociais materializam-se no espaço. Quando tais relações ganham projeção espacial, o território configura-se como elemento intrínseco deste jogo (geopolítico), uma vez que o *público* passa a se confundir com o *coletivo*, pensado a partir das necessidades de um determinado grupo.

Quando pensadas a partir da noção do coletivo, os espaços de feiras reforçam a ideia de Santos (1996), na qual a solidariedade orgânica, estruturada por meio da capacidade própria de articulação daqueles agentes pouco favorecidos pela dinâmica do sistema econômico, prevalece sobre a solidariedade organizacional, cuja lógica está intimamente vinculada ao circuito superior da economia urbana.

Nesse sentido, tem-se uma forma diferenciada de produção e uso do espaço, no qual a feira tende a resgatar aquelas noções básicas da solidariedade humana, criando uma atmosfera menos prejudicial às relações sociais ali presentes.

Santos (1996, p. 55) é bem mais enfático sobre a questão acima. A similitude das relações sociais provoca o desenvolvimento de novos arranjos espaciais, capazes de consolidar outras formas de viver na cidade.

As horizontalidades são o domínio de um cotidiano territorialmente partilhado com tendência a criar suas próprias normas, fundadas na similitude ou na complementaridade das produções e no exercício de uma existência solidária. Nesses subespaços, e graças a essa solidariedade, consciente ou não, há um aumento da produtividade econômica, mas também da produtividade política, alimentadas pela informação.

A ideia trazida pelo Geógrafo acima é bastante relevante para se pensar a realidade dos espaços de feiras na cidade capitalista, sobretudo, nas cidades amazônicas, com destaque para a cidade de Belém. A forma de organização de várias feiras livres em Belém denota certa “existência solidária”, na qual o respeito e a partilha cotidiana entre os seus principais atores (feirantes) denotam um clima altamente favorável à consolidação de seus traços culturais, marcando, por excelência, sua territorialidade urbana.

A escolha pelo estudo da temática urbana merece uma atenção especial, dada a complexidade com que os fatos e os processos espaciais recortam a cidade capitalista. Um espaço marcado pela forte competitividade social, econômica e, em certas ocasiões, políticas, que influenciam o comportamento e o ritmo das relações sociais produzidas nesse ambiente.

Assim, pensar em respostas condizentes com os problemas que emergem nos espaços intraurbanos depende, acima de tudo, de uma investigação qualitativa da realidade em foco. No que diz respeito à problemática em destaque, torna-se bastante pertinente a apresentação das principais hipóteses que estão norteando a pesquisa:

a) A localização de grande parte das feiras livres em Belém tem se apresentado como consequência direta do processo de expansão urbana, principalmente nas regiões de periferia da grande cidade. São regiões que, na maioria das vezes, carecem de equipamentos e serviços urbanos essenciais às necessidades da população local e, também, concentram grande parte de pessoas que utilizam como mais importante instrumento de trabalho a sua disposição física, dada a baixa qualificação profissional;

b) A presença e/ou existência dos espaços de feiras em Belém tem proporcionado a construção de um ambiente propício à manutenção dos feirantes nos logradouros da cidade, bem como tem possibilitado a reprodução de suas territorialidades no espaço intraurbano, uma vez que o desenvolvimento diário do trabalho (informal) tem proporcionado um elo de fixação entre o logradouro público (a rua, na maior parte das vezes) e o feirante, o que lhe confere maiores possibilidades de participação na (re)produção do espaço urbano;

c) As feiras livres em Belém apresentam em sua composição cotidiana relações sociais pautadas na valorização da cultura regional, mediante a existência de práticas e saberes populares capazes de criar uma singularidade espacial, movida pela vida simples e culturalmente rica de seus principais personagens (feirantes, fregueses, artistas de rua, ambulantes, entre outros), possibilitando a manutenção das experiências simbólico-culturais, político-econômicas no lugar.

De posse dessas reflexões, pôde-se estruturar o trabalho a partir de quatro capítulos, os quais estão divididos em duas partes. Na primeira parte, denominada “O lugar das feiras livres na cidade capitalista”, encontram-se o capítulo um e o capítulo dois.

No primeiro capítulo do trabalho, são levantadas algumas ideias acerca da relação entre o comércio e o desenvolvimento das cidades capitalistas, privilegiando o contexto histórico, no qual se processou a formação das primeiras cidades fundamentadas nas relações de troca, sobretudo, nos espaços de feiras. Nesse sentido, tenta-se articular a existência dos espaços de feiras ao contexto de evolução econômica das cidades.

No segundo capítulo, são desenvolvidas breves reflexões sobre os diferentes espaços de feiras localizados em diferentes regiões do País, como forma de estabelecer similitudes ou mesmo assimetrias em relação aos espaços de feiras na capital paraense. Nesse contexto, privilegiou-se as reflexões sobre as feiras livres de Campina Grande-PB e Caicó-RN, no nordeste brasileiro, e a feira livre da cidade de Uberlândia-MG, no centro-sul brasileiro.

Na segunda parte da dissertação, denominada “Fazer a feira livre em Belém(PA): singularidade e existência na cidade contemporânea”, encontram-se os capítulos três e quatro, além dos “escritos finais” do trabalho.

No terceiro capítulo, desenvolve-se a análise a respeito da formação de diferenciação dos espaços de feiras livres, considerando seus diferentes momentos de estruturação ao longo do processo de estruturação do espaço urbano em Belém.

Segue-se, ainda, uma breve caracterização dos espaços de feiras livres a partir de suas respectivas dinâmicas de funcionamento, cujo fundamento está atrelado às diferentes localizações geográficas destes pontos na cidade e na constante tensão jurídico-institucional que envolve o uso do solo urbano por parte dos feirantes e de seus respectivos equipamentos de trabalho.

Em seguida, privilegia-se a dimensão espacial inerente aos espaços de feiras livres em Belém e seu relevante papel para o processo de produção do espaço urbano. As feiras livres podem ser encontradas em quase todos os Distritos Municipais de Belém, configurando verdadeiros pontos de articulação do chamado *circuito inferior da economia urbana*.

Já no último capítulo, é possível apresentar e analisar alguns dados e relatos importantes sobre esses espaços e mencionar possíveis efeitos que tais espaços provocam na configuração espacial do lugar. São efeitos que traduzem a verdadeira dimensão geográfica desses dinâmicos pontos de encontro do comércio varejista da cidade. E, por fim, seguem-se os “escritos finais” sobre a pesquisa realizada.

Dessa forma, fazer uma leitura das feiras livres em Belém, atentando para as suas múltiplas dimensões, pressupõe reconhecer a existência de diferentes variáveis que concorrem simultaneamente para a sua permanência e para sua diluição perante as investidas de outras formas “modernas”, de comércio desenvolvidas nas últimas décadas na cidade.

PARTE I

O Lugar das Feiras livres na Cidade Capitalista

2 ESPAÇO DAS CIDADES E AS FEIRAS LIVRES: UMA CONTRIBUIÇÃO A PARTIR DA ANÁLISE GEOGRÁFICA

2.1 A CIDADE E O COMÉRCIO: O PASSADO PROJETANDO O FUTURO

Quando se busca compreender certos assuntos ligados à dinâmica da sociedade, de modo geral, é preciso recorrer às inúmeras fontes e informação, no sentido de obter a contribuição daquilo que é relevante para o desenvolvimento de novos estudos.

Nesse aspecto, o esforço científico voltado à análise da(s) cidade(s), enquanto um campo de estudo, emerge como oportunidade singular para discernir suas características e seus diferentes processos tidos como histórico-sociais. Tais processos podem ser percebidos pela estruturação de múltiplas relações de cunho econômico, social e cultural que fizeram (e ainda fazem) da(s) cidade(s) um espaço privilegiado ao trabalho científico.

O espaço das cidades cumpre uma função essencial na definição de padrões e estilos de vida, cujo fundamento, às vezes, escapa a ideia do coletivo, do grupo enquanto forma de organização da vida social, negando, muitas vezes, as raízes históricas que projetaram o seu desenvolvimento.

Enquanto espaço produzido, a cidade é repleta de significados que se expressam pelas formas espaciais (prédios, ruas, monumentos etc.) e pelas funções (sociais) que as animam. Nesse complexo jogo de significantes e significados encontra-se a razão de ser da cidade, isto é, não há cidade sem metamorfoses da vida dos indivíduos que fazem desse espaço, seu local privilegiado de relações cotidianas.

Acompanhando a análise feita por Mumford (1998, p.37-38) ao comparar a vida cotidiana a uma aldeia que se transformara numa cidade em desenvolvimento, é fácil identificar as principais mutações ocorridas na vida cotidiana do passado cidadão.

Os antigos componentes da aldeia foram transportados ao novo plano e incorporados na nova unidade urbana; contudo, graças à ação de novos fatores, foram eles recompostos num padrão mais complexo e instável que o da aldeia – e, apesar disso, de uma forma que promoveu ulteriores transformações e desenvolvimentos. A composição humana da nova unidade tornou-se mais complexa; além do caçador, do camponês e do pastor, outros tipos primitivos

introduziram-se na cidade e emprestaram sua contribuição à sua existência: o mineiro, o lenhador, o pescador, cada qual levando consigo os instrumentos, habilidades e hábitos de vida formados sob outras pressões. O engenheiro, o barqueiro, o marinheiro surgem a partir desse fundo primitivo mais generalizado, em um ou outro ponto de seção do vale: de todos esses tipos originais, desenvolvem-se ainda outros grupos ocupacionais, o soldado, banqueiro, o mercador, o sacerdote. Partindo dessa complexidade, criou a cidade uma unidade superior.

Como se percebe, há uma forte tendência à transformação da vida na/da cidade, uma vez que a presença de novos indivíduos, com novas habilidades laborativas permite a chegada do novo, traduzido na forma de organização da sociedade. Cria-se, pois, a ideia de “unidade superior”, cuja representação projeta-se espacialmente na forma de cidade.

A cidade, nessa perspectiva, torna-se um espaço mais complexo, mais dinâmico, com maiores possibilidades de extrair e expandir o novo, o “superior”, deixando para trás o tradicional e o passado. Isso, desde os tempos iniciais de sua evolução, nos primórdios do capitalismo (comercial).

Durante muito tempo, o estudo das cidades esteve alicerçado às análises de cunho econômico, cujos dados estatísticos elaborados sobre a população e a economia, por exemplo, tinham como finalidade básica a execução de planos e programas urbanísticos.

Essa tradição permeou a visão de muitos cientistas sociais, sobretudo aqueles com vínculo mais cristalizado na chamada Escola de Chicago, que durante boa parte do século XX estabeleceu as linhas de pensamento acerca do planejamento das cidades.

Buscar interpretar a dinâmica e os processos que estruturam a vida nas cidades do presente, pressupõe o (re)conhecimento de sua história e de suas características cabais construídas ao longo do tempo. Nesse sentido, é preciso considerar que a relação entre *cidade/economia/sociedade* não só permitiu o desenvolvimento das relações de produção, mas também contribuiu para consolidar diferentes modos de vida na cidade. Nesse sentido, as palavras de Mumford (1998, p. 9), são bem mais enfáticas:

Se quisermos lançar novos alicerces para a vida urbana, cumpre-nos compreender a natureza histórica da cidade e distinguir, entre as

suas funções originais, aquelas que dela emergiram e aquelas que podem ser ainda invocadas. Sem uma longa carreira de saída pela História, não teremos a velocidade necessária, em nosso próprio consciente, para empreender um salto suficientemente ousado em direção ao futuro, pois grande parte dos nossos atuais planos, sem exceção de muitos daqueles que se orgulham de ser “avançados” ou “progressistas”, constituem pouco engraçadas caricaturas mecânicas das formas urbanas e regionais que ora se acham potencialmente ao nosso alcance.

Um recuo no tempo irá revelar a íntima relação entre cidade e economia, uma vez que o embrião da cidade (capitalista) está cristalizado nas relações de trocas comerciais, ainda no século XIV, nos fins da chamada Idade Média. O comércio, enquanto atividade econômica mais importante deste espaço passou a estruturar as relações sociais, as quais, muitas vezes, controladas pela força religiosa do cristianismo ocidental. Papas, bispos e padres viram seus dogmas e princípios religiosos desmoronarem, frente à “racionalidade” econômica do capital.

Desse modo, a vida social citadina tornava-se, cada vez mais, uma vida mercantilizada, na qual a venda de produtos de todos os gêneros e espécies, desde artesanatos até mantimentos primários, passou a ser uma regra no cotidiano da sociedade da época.

Fomentar a atividade comercial significava maiores possibilidades de lucro, já que a demanda por mercadorias tornava-se mais acentuada e a vida social, mais complexa. O desenvolvimento do comércio servia como mola propulsora para o crescimento das cidades. No entanto, algumas dificuldades relacionadas à infraestrutura e a regulação de mercado dificultavam a sua rápida expansão, como afirma Huberman (1986, p. 17-18).

[...]o comércio nos mercados semanais nunca foi muito intenso e era sempre local. Um outro obstáculo à sua intensificação era a péssima condição das estradas. Estreitas, malfeitas, enlameadas e geralmente inadequadas às viagens. O dinheiro era escasso e as moedas variavam conforme o lugar. Pesos e medidas também eram variáveis de região para região. O transporte de mercadorias para longas distâncias, sob tais circunstâncias, obviamente era penoso, perigoso, difícil e extremamente caro.

Sem dúvida, há uma extrema preocupação com as condições encontradas pelo comércio por volta do século XIV, isso porque a sua intensificação pressupunha duas direções: de um lado, estimular o crescimento de vilas e cidades, como forma

de agregá-las à vida mercantil; de outro, expandir as fronteiras comerciais para além dos limites europeus, fato consolidado com a exploração das colônias na América e na África, nos séculos seguintes.

Do ponto de vista histórico, as Cruzadas tiveram extrema importância para o desenvolvimento do comércio, nos momentos iniciais de sua estruturação. Nas palavras de Huberman (1986, p. 21), pode-se ter maior clareza deste fato:

Do ponto de vista do comércio, entretanto, os resultados foram tremendamente importantes. Elas ajudaram a despertar a Europa de seu sono feudal, espalhando sacerdotes, guerreiros, trabalhadores e uma crescente classe de comerciantes por todo o continente; intensificaram a procura de mercadorias estrangeiras; arrebataram a rota do Mediterrâneo das mãos dos mulçumanos e a converteram, outra vez na maior rota comercial entre o Oriente e o Ocidente, tal como antes.

Como se percebe, nos escritos acima, há uma forte relação entre o comércio e as rotas marítimas. Por se tratar de uma atividade econômica que necessita de mobilidade espacial, o comércio introduziu novas iniciativas mercadológicas, mormente a regulação de fluxos materiais (mercadorias, serviços) e fluxos imateriais (capitais e informações) que passaram a ter projeção mundial.

A relação dos corpos hídricos com a economia mundial sempre foi uma marca do capitalismo e ainda hoje exerce uma função cabal nas relações de troca entre as grandes nações. Muitas atividades econômicas atuais tiveram, nessa relação, o início de sua história. Na Amazônia, as feiras livres têm esse papel, sobretudo nas cidades localizadas às margens dos principais rios da região.

Existe, portanto, uma relação umbilical – de origem – entre comércio e cidade (capitalista), respondendo às necessidades de abastecimento da população urbana e de seus arredores, garantindo também a articulação política, territorial e econômica da sua região de influência. Ao contrário do que pressupõe, hoje, a concepção hegemônica de mercado, sujeito abstrato que rege as trocas econômicas, estes históricos lugares de mercado não são instituições originalmente nem caracteristicamente capitalistas, estão presentes, na verdade, desde épocas remotas e em diversas sociedades (VARGAS, 2001).

Neste sentido, é interessante ressaltar como, na análise destas relações entre os lugares de mercado e a história urbana, a maioria dos trabalhos dedicados a esta temática vai buscar suas referências nos *bazaars* árabes, na ágora grega, nos

fóruns romanos ou nas praças de mercado medievais. Lugares emblemáticos não só da simbiose entre cidade e comércio, como também exemplares do forte caráter social presente nesta atividade, cuja característica geral mais marcante é a riqueza e a concentração de atividades, a convergência de práticas sociais e de pessoas, o encontro e a diversidade social.

Caráter social em duplo sentido: tanto o da necessidade de abastecimento das populações urbanas como do próprio entendimento do comércio como atividade que pressupõe a troca não só de mercadorias, mas também o encontro entre pessoas e de pessoas com bens e serviços, a conversa, a necessidade e/ou o desejo, a negociação (em amplo sentido) e a busca de satisfação - de ambos envolvidos, vendedor e comprador (VARGAS, 2001).

O espaço das cidades sempre se comportou como um local apropriado ao estabelecimento das trocas. Nesse aspecto, há um forte apelo ao conjunto de objetos e de relações sociais que decorrem dessa condição. Isso faz deste espaço, quer dizer, pode-se ver um mosaico de possibilidades para a apreensão das múltiplas formas de vida produzidas no cotidiano urbano.

As feiras livres existentes nas diferentes cidades brasileiras, por exemplo, expressam um pouco deste mosaico, no qual se encontra uma série de atores sociais urbanos (re)produzindo um padrão de organização socioespacial, muitas vezes, tradicional e, até mesmo, adaptado ao estilo de vida do presente.

Enquanto espaço de circulação de mercadorias e pessoas, as feiras livres estabelecem um vínculo bastante forte com a economia local, e, de certa forma, até mesmo nacional, haja vista o nível de interdependência entre os diferentes lugares e regiões.

Esta condição faz de algumas cidades, sobretudo, daquelas cuja base produtiva depende substancialmente do comércio e dos serviços urbanos, verdadeiros centros de expressão comercial, configurando-se como polos simultâneos de convergência e de distribuição de produtos regionais, em sua maioria. É o caso de algumas cidades do Nordeste brasileiro, que acabam cumprindo esta função dentro da região, em que estão inseridas.

Isso implica compreender o papel que as feiras livres desempenham no processo de produção do espaço urbano, uma vez que sua existência transcende

sua própria função principal (mas não única) de proporcionar parte do abastecimento alimentar das populações urbanas.

Na cidade de Belém, a peculiaridade é ainda maior. Grande parte das feiras livres existentes remonta dos últimos trinta anos, acompanhando, pois, o processo de estruturação e expansão do espaço urbano belenense. Outro fator de grande valia a análise geográfica diz respeito à localização desses espaços no sítio urbano. Há uma forte concentração de feiras livres ocupando as ruas dos bairros periféricos, seguindo a zona de expansão da cidade, enquanto que uma pequena parte localiza-se às margens dos corpos hídricos que cercam a cidade de Belém.

Esses indicadores revelam de forma parcial um pouco das características desses espaços na cidade. De certo, as feiras livres amazônicas, em especial da capital paraense, possuem uma função bastante relevante no processo de (re)produção do espaço urbano, uma vez que a relação entre *cidade/economia/sociedade* está bastante enraizada na formação socioespacial urbana.

Por outro lado, é preciso destacar que os espaços de feiras livres, enquanto espaço de apropriação coletiva, também vislumbram outras possibilidades de apreensão, nas quais os elementos produzidos cotidianamente pelos seus principais atores (feirantes) denotam outras formas de expressão da vida na cidade.

Por isso, certos fragmentos da vida urbana podem ser encontrados nesses espaços, nos quais a “modernidade” ainda não conseguiu lograr maiores oportunidade de expansão, dada a (re)existência de formas de organização coletiva e traços culturais bastante consolidados das feiras livres amazônicas, em especial, na cidade de Belém.

O advento de múltiplas formas de comércio na cidade acabou reforçando a lógica organizacional (com base em novas tecnologias de comercialização) das grandes redes de supermercados, colocando “para dentro” desses espaços verdadeiras representações dos espaços de feiras, contribuindo para a dissolução das mesmas, em vários pontos do território nacional, sobretudo, na região Centro-Sul do Brasil.

Paradoxalmente, em Belém o movimento ganhou outras direções. As grandes redes comerciais de supermercados, embora funcionando com a mesma lógica

organizacional já mencionada, não foi capaz de diluir a *lógica orgânica* estruturada pelas feiras livres ao longo do tempo.

Assim, pensar o lugar das feiras livres (e por extensão dos feirantes) na cidade capitalista pressupõe dialogar com os diferentes fatores (geográficos, principalmente) que fazem desses espaços, locais de (re)existência de formas de vida e produção singulares que, em certas ocasiões, acabam negando o lado “moderno” da vida urbana.

Nos itens subsequentes, analisar-se-á o fundamento teórico que norteia o estudo em destaque, com ênfase nas categorias de apreensão do espaço geográfico, associado à dinâmica de funcionamento da economia urbana, buscando entender a relação que há entre *cidade/economia/sociedade* no bojo da produção do espaço urbano. Posteriormente, seguirá a análise mais específica dos espaços de feiras livres em diferentes regiões, como forma de estabelecer um maior embasamento do estudo proposto, bem como possibilitar a compreensão de diferentes *tempos sociais* que se coadunam com novas formas de vida na cidade capitalista.

2.2 ESPAÇO E ECONOMIA URBANA: onde estão as feiras livres?

Os estudos sobre a dinâmica de estruturação do espaço urbano tendem a revelar diferentes formas e processos que reforçam a concepção de que nesse local há uma forte tendência a heterogeneidade e a complexidade das relações sociais produzidas no cotidiano.

Ao longo do tempo, as cidades capitalistas foram concebidas no sentido de maximizar o uso do solo urbano, mediante a implantação de projetos urbanísticos marcados pela seletividade de áreas e, conseqüentemente, de grupos sociais privilegiados economicamente.

Assim, a lógica de produção do espaço urbano está intimamente ligada à diretriz mercadológica, como forma de reforçar certos padrões de uso do solo voltados para a competitividade capitalista, possibilitando a ampliação das desigualdades no acesso às diferentes áreas da cidade.

Seletividade e competitividade parecem ser os dois principais aspectos que proporcionaram, ao longo do tempo, a adequação das funções e das normas ditas urbanas, já que grande parte dos investimentos produtivos direcionados às áreas

urbanas, fossem elas de países ricos ou países pobres, reforçaram privilégios e ampliaram as diferenças nesses espaços.

Como forma de garantir a ampliação das relações capitalistas de produção, uma série de investimentos do setor público e também do setor privado nacional e internacional partilharam as grandes cidades no Brasil, nos últimos anos do século XX e início do século XXI. Nesse sentido, movimentou-se um grande aporte de recursos voltados para viabilizar a criação de objetos técnicos capazes de solucionar problemas crônicos no setor de infraestrutura urbana.

Tais intervenções garantiram, ao mesmo tempo, a valorização do espaço, em certos pontos do sítio urbano, e possibilitaram a expansão cada vez maior de investimentos produtivos ligados ao setor de comércio e serviços urbanos.

Trata-se, na verdade, de um processo de criação de uma nova *imagem* urbana, a partir da adoção de um novo modelo de urbanismo, caracterizado pela presença da paisagem “espetáculo”, capaz de modificar certos padrões de reprodução da vida cotidiana na cidade. Um novo sentido é atribuído às cidades: elas não são mais lugares para se habitar, mas para exhibir. As cidades são tratadas como *ambientes visuais*, como se fossem imensos videoclipes publicitários. (BARBOSA, 2006, p. 127)

Tenta-se constantemente empregar a ideia de modernidade como atributo da vida urbana e, a partir disso, a paisagem urbana torna-se refém desse processo mercadológico. Como elemento visível, concreto e passível de compreensão, a paisagem passa a traduzir as possíveis intencionalidades do chamado do “urbanismo *décor*”, fundamentado pela ordem do grande capital e capaz de racionalizar e (re)configurar o (des)uso do solo urbano.

Tal lógica ganha bastante força quando se pensa na relação entre a economia urbana e a produção do espaço, uma vez que o desenvolvimento urbano passa pela promoção de novos atributos espaciais condicionadores de novos ritmos de produção e consumo urbanos. Por isso, “é preciso dotar o espaço urbano de um conjunto de representações e situações capazes de constituir lugares excitantes, atraentes, criativos e ao mesmo tempo seguros para investir, jogar, apostar e consumir” (BARBOSA, 2006, p. 129)

Não se trata aqui de realizar uma análise da cidade, com base em suas características arquitetônicas ou mesmo destacar as laboriosas paisagens

modernistas ou pós-modernas surgidas nos grandes centros metropolitanos, no Brasil, em especial.

Trata-se mesmo de enfatizar que a medida que as formas urbanas passam a se modificar com bastante velocidade, adequando suas características técnicas à lógica de reprodução ampliada do grande capital, novas formas de produzir e consumir *no* espaço se configuram, impondo novos limites ao ritmo de vida na cidade.

No caso particular da cidade de Belém, tem-se a aplicação de uma estratégia espacial caracterizada pela valorização de certas áreas urbanas convenientes à expansão de formas diferenciadas de ocupação e uso do solo urbano, quase sempre negando as formas solidárias de organização do espaço pré-existent.

Nesse contexto, *shopping centers*, *grandes armazéns*, *redes de supermercados*, entre outros, surgem como resposta imediata a essa nova lógica de organização do espaço e da economia urbana. A breve citação do geógrafo Jorge Luiz Barbosa pode ilustrar com bastante clareza esse novo momento do espaço urbano.

Estamos diante de técnicas “discretas” e “silenciosas” que fazem da captura e da exposição de imagens visuais o seu recurso geoestratégico para esquadrihar os comportamentos sociais e, a partir disso, impor a disciplina aos corpos e às ações no espaço urbano. A estetização da paisagem combina-se ao controle e à normatização dos corpos estranhos e rebeldes, com o objetivo de figurar uma cidade da ordem em oposição à desordem (BARBOSA, 2006, p. 130-31)

A “cidade da ordem” pressupõe um novo ritmo, uma nova forma de organizar pessoas e espaços, a partir da produção de novos objetos técnicos recheados de intencionalidades. Nesse aspecto, pode-se pensar numa profunda modificação entre o espaço e a economia urbana. Sendo esta última uma espécie de catalisador “inteligente”, capaz de produzir um novo arranjo na organização espacial dos lugares urbanos.

Ao longo do tempo, a cidade capitalista tem sido o espaço mais concreto de realização das possibilidades inovadoras. São elementos técnicos, como a modernização da paisagem pré-existente ou mesmo a criação de novas “molduras de concreto”, que são introjetadas na realidade urbana, e também são (re)criações de práticas cotidianas caracterizadas pela necessidade de *sobrevivência* na/da

cidade. A afirmação de Santos (2006, p. 86) pode evidenciar de forma mais explícita essa questão.

Objetos não agem, mas, sobretudo no período histórico atual, podem nascer predestinados a um certo tipo de ações, a cuja plena eficácia se tornam indispensáveis. São as ações que, em última análise, definem os objetos, dando-lhes um sentido. Mas hoje, os objetos “valorizam” diferentemente as ações em virtude de seu conteúdo técnico. Assim, considerar as ações separadamente ou os objetos separadamente não dá conta da sua realidade histórica. Uma geografia social deve encarar, de modo uno, isto é, não-separado, objetos e ações “agindo” em concerto.

Assim sendo, *forma e função* ou *objeto e ação* (modificadas ou não) estabelecem uma nova configuração da realidade urbana, uma vez que se têm novas ações e novas ideias capazes de produzir novos espaços e também novos cidadãos. São os espaços da produção, da circulação, do consumo, do lazer, da habitação. A existência desses múltiplos espaços pressupõe a existência de múltiplos atores sociais na configuração da vida urbana.

Nesse aspecto, a relação estruturada entre *cidade/economia/sociedade* parece evidenciar um caminho menos complicado, do ponto de vista da evolução e transformação das formas de viver, produzir e consumir na cidade capitalista.

Este novo tema de estudo é útil não só para a compreensão do funcionamento da cidade como uma máquina de subsistência, mas também para a explicação, sob uma nova ótica, do relacionamento externo que a cidade desenvolve, quer seja com sua região de influência, quer seja com outras cidades (SANTOS, 2005, p. 96).

Um novo tema sugerido pelo geógrafo Milton Santos está intimamente relacionado ao papel que a cidade passou a cumprir no final do século XX e início do século XXI, na realidade dos países subdesenvolvidos latino-americanos, em especial o Brasil.

Como se sabe, a segunda metade do século XX consolidará a forma urbana no mundo. Nesse contexto, os chamados países pobres (sobretudo da América Latina e Ásia) apresentaram números bastante elevados no que diz respeito à urbanização. A multiplicação exponencial do número de cidades, acompanhando o elevado crescimento populacional urbano colocou certos desafios para o Estado: (1) promover a expansão dos investimentos em setores estratégicos para o

“desenvolvimento” da nação; (2) estabelecer a mediação dos conflitos de diferentes classes sociais no rápido e constante movimento de produção do espaço urbano.

Nesse ponto, mediar os conflitos emergentes no espaço urbano (brasileiro e amazônico, em especial) significa reconhecer a cidade como um espaço de possibilidade, local de tensão entre o real e o virtual (LEFEBVRE, 1999). Daí o porquê dos espaços da cidade capitalista representarem algo passível de ser apropriado de maneira desigual. Tal apropriação sugere a presença de novos mecanismos de controle da vida econômica, social e até mesmo cultural na cidade. Isto se deve a grande capacidade dos chamados atores hegemônicos locais de recriar as suas ações sobre o “espaço banal, espaço de todas as pessoas, de todas as empresas e de todas as instituições, capaz de ser descrito como um sistema de objetos animado por um sistema de ações” (SANTOS, 2006, p. 283)

A noção sobre o *espaço banal* deve ser entendida como algo passível de realização por parte das ações que emanam dos diferentes atores da vida urbana, os quais passam a configurar novos arranjos à vida social e econômica na cidade.

Nesse sentido, pode-se refletir sobre os atributos da realidade urbana que estão relacionados à prática da produção e do consumo, como algo estimulador de modificações na estrutura produtiva dos grandes centros urbanos.

É fato que nas grandes cidades brasileiras, em particular nas cidades amazônicas, coexistem diferentes formas de produção e de consumo material por parte da população em geral. As grandes redes de lojas varejistas, em especial os supermercados passaram a configurar uma nova lógica no padrão de consumo das populações urbanas, devido a. grande variedade de mercadorias disponíveis e por agregar novos padrões de segurança que confortam aqueles que buscam o direito da compra, da propriedade de um objeto qualquer.

Essas novas modalidades de consumo surgidas há pouco tempo na vida urbana redesenharam o espaço do consumo urbano, cujo elemento “moderno”, traduzido pela emergência de uma nova forma urbana, portanto, um objeto espacial, passou a elaborar novas ações condizentes com a rápida reprodução do grande capital na cidade.

Na Amazônia Oriental, em particular, é a região com maior índice de modificação na sua estrutura produtiva local, sobretudo, a partir dos anos de 1960

do século XX, pois houve uma rápida expansão desse tipo de comércio nas grandes cidades, principalmente em Belém, a grande capital.

O crescimento do número de estabelecimentos comerciais dessa natureza pode ser apreendido pela própria paisagem urbana belenense. A facilidade, a comodidade, a diversidade de mercadorias e a ideia de segurança são alguns elementos que fazem dessas formas espaciais locais de grande movimentação.

Mas, diante de toda essa força comercial trazida pelas grandes redes de supermercados locais existiria a *possibilidade* de surgir algo alternativo a toda essa padronização do consumo em Belém? Pode-se perguntar, mesmo, como estava organizado o espaço do consumo na cidade, antes da “supremacia” exercida pelas grandes redes comerciais varejistas?

Santos (2005, p. 95, grifo nosso) afirmou que “a revolução no campo do consumo tem sido acompanhada por uma *deformação da estrutura do consumo*, resultando nas *novas formas de produção e comércio*.” Os questionamentos acima colocados, bem como a afirmação de Santos podem resgatar parte do subtítulo deste capítulo: “onde estão as feiras livres?”

Em Belém, capital do Estado do Pará, estão localizadas as maiores feiras livres do Brasil, em termos de tamanho e quantidade de atores (feirantes) sociais envolvidos cotidianamente com o seu trabalho. A feira ou complexo do Ver-o-Peso, tão descrito e publicado pelos maiores meios de comunicação local e nacional, é um exemplo dessa realidade na capital paraense.

As feiras livres em Belém se estabeleceram e ainda se estabelecem no espaço urbano, a partir de elementos peculiares, que impõem uma nova lógica de organização do espaço pautada na *possibilidade* da reinvenção de práticas cotidianas, muitas das vezes, contrárias, porém, de certa forma, complementares àquilo que as grandes redes varejistas do comércio não conseguiram estruturar e que serão mais bem explicitadas no decorrer do texto.

Na verdade, poderia-se afirmar que existem dois circuitos espaciais da economia urbana (SANTOS, 1979) assimétricos, porém, interdependentes e que fazem da cidade um palco de múltiplas representações espaciais, já que o funcionamento de tais circuitos promove o surgimento de novos arranjos na organização espacial pré-existente.

A presença marcante dos espaços de feiras livres em Belém, por exemplo, corresponde a uma necessidade imposta pela diferenciação no processo de produção e consumo de bens coletivos. O surgimento dos diferentes circuitos da economia urbana funciona como uma resposta a própria estruturação de relações sociais desiguais no tempo e no espaço das cidades. Santos (2005, p. 95) é bastante claro em sua análise sobre essa questão.

A presença de uma massa populacional com salários muito baixos, dependendo de trabalho ocasional para viver, ao lado de uma minoria com altos salários, cria na sociedade urbana uma distinção entre os que têm permanente acesso aos bens e serviços oferecidos e os que, mesmo apresentando necessidades similares, não podem satisfazê-las. Isto cria ao mesmo tempo diferenças qualitativas e quantitativas de consumo. Estas diferenças são, ambas, causa e efeito da existência, isto é, da criação ou manutenção, nestas cidades, de dois sistemas de fluxo que afetam a fabricação, a distribuição e o consumo de bens e serviços.

Trata-se do surgimento daquilo que o próprio autor denominou de “*circuito inferior*” e “*circuito superior da economia urbana dos países subdesenvolvidos*”. Tais circuitos espelham a maneira pela qual estão organizadas a produção e o consumo dentro das cidades. Além do mais, possibilita localizar e/ou classificar as atividades econômicas de acordo com as principais características de cada circuito. O quadro abaixo poderá esclarecer com maior eficiência tal condição.

	CIRCUITO SUPERIOR	CIRCUITO INFERIOR
Tecnologia	Capital intensivo	Trabalho intensivo
Organização	Burocrática	Primitiva
Capitais	Importantes	Reduzidos
Emprego	Reduzido	Volumoso
Assalariado	Dominante	Não-obrigatório
Estoques	Grande quantidade e/ou alta qualidade (em geral)	Pequena quantidade, qualidade inferior
Preços	Fixos	Submetidos à discussão entre comprador e vendedor (<i>haggling</i>)

Crédito	Bancário institucional	Pessoal não-institucional
Margem de lucros	Reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios (exceção produtos de luxo)	Elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios
Relações com a clientela	Impessoais e/ou com papéis	Diretas, personalizadas
Custos fixos	Importantes	Desprezíveis
Publicidade	Necessária	Nula
Reutilização dos bens	Nula	Frequente
<i>Overhead capital</i>	Indispensável	Dispensável
Ajuda governamental	Importante	Nula ou quase nula
Dependência direta do exterior	Grande, atividade voltada para o exterior.	Reduzida ou nula

Quadro 1- Características dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos
Fonte: Santos (1979)

O referido quadro analítico demonstra de forma eficaz e pertinente o modelo de organização da estrutura que compõe os dois circuitos econômicos. Se bem analisado, o leitor poderá perceber que as características em destaque nos dois circuitos espaciais da economia urbana expressam, simultaneamente, diferenças e complementaridades.

O exame das características de cada um dos circuitos evidencia uma oposição entre ambos. Em contrapartida, no interior de cada circuito, tecnologia, organização, porte da atividade, regime e volume de emprego, recurso ou não da publicidade, etc., aparecem como elementos dotados de uma lógica interna. O circuito inferior encontra os elementos de sua articulação na cidade e sua região, enquanto que o circuito superior vai ordinariamente buscar essa articulação fora da cidade e de sua região. (SANTOS, 1979)

Poderia, pois, afirma que as feiras livres tal como são e como se estruturaram (e ainda se estruturam) na cidade capitalista, em especial na capital paraense funcionam a partir da lógica de organização do *circuito inferior da economia*? Existem elementos evidentes nesses espaços que reforçam tal concepção? Se

existem, quais seriam? Tais perguntas não servem apenas para ampliar a análise aqui proposta, mas, sobretudo, proporcionar maior embasamento as ideias que serão defendidas no decorrer deste texto.

Sem dúvida, os espaços de feiras livres em Belém caracterizam-se pela rica e complexa experiência da vida construída cotidianamente pelos seus mais diferentes atores sociais. A construção de uma dada experiência nesses espaços pressupõe a reprodução de valores e significados inerentes a cidade e sua região mais próxima, nesse caso, as ilhas e cidades ribeirinhas e as cidades à margem das principais rodovias que recortam o Estado em diferentes sentidos.

Vale ressaltar que a feira é um espaço de consumo por excelência, criado para atender as demandas de uma parte da população que raramente consegue maior inserção numa outra dinâmica de consumo. Por outro lado, é espaço de vida, no qual estão estruturadas um série de relações sociais marcadas pela “*solidariedade orgânica*” ou pelas “*horizontalidades*” entre os seus principais atores. São laços culturais, costumes, hábitos e memórias que reforçam a ideia de “*espaços residuais*”, no agitado mundo metropolitano.

As horizontalidades são o alicerce de todos os cotidianos, isto é, do cotidiano de todos [...]. São cimentadas pela similitude das ações [...] ou por sua associação e complementaridade.

[...] As horizontalidades são o domínio de um cotidiano territorialmente partilhado com tendência a criar suas próprias normas, fundadas na similitude ou na complementaridade das produções e no exercício de uma existência solidária (SANTOS, 1996, p. 54-55).

Analisar os espaços de feiras livres em Belém pela ótica das horizontalidades, isto é, como espaços nos quais a possibilidade de recriar novas estratégias de (sobre)vivência é facilitada na cidade, pressupõe privilegiar o outro “lado” da cidade, aquele em que a vida cotidiana parece está preocupada não pura e simplesmente com a satisfação das necessidades materiais, mas que tem na interdependência das relações o motor necessário para reinventar um modo de vida alternativo e ao mesmo tempo negar uma lógica de acumulação e reprodução pautada única e exclusivamente no capital.

Pensada a partir das relações sociais desiguais produzidas no tempo e no espaço, a cidade torna-se, simultaneamente, condição e meio de realização das possibilidades da vida em sociedade, sendo esta cada vez mais diferenciada, a

ponto de regular o uso do solo urbano, a partir da hierarquia social e espacial estabelecida no seio das principais cidades capitalistas e brasileiras, sobretudo.

O uso diferenciado da cidade demonstra que esse espaço constrói e se reproduz de forma desigual e contraditória. A desigualdade espacial é produto da desigualdade social.

O processo de reprodução espacial envolve uma sociedade hierarquizada, dividida em classes, produzindo de forma socializada para consumidores privados. Portanto, a cidade aparece como produto apropriado diferencialmente pelos cidadãos. Essa apropriação se refere às formas mais amplas da vida na cidade. (CARLOS, 200, p. 23)

A noção de apropriação parece ser o elo mais importante que passa a marcar a vida coletiva na cidade capitalista. Uma vez apropriado, o espaço transforma-se em local de reprodução (material e imaterial) social. Tal condição é inerente a lógica do sistema capitalista de produção, que tem na propriedade e na realização do lucro o seu principal motor de funcionamento. Nesse sentido, apropriar na cidade pressupõe negar e/ou facilitar o acesso às diferentes áreas do sítio urbano, caracterizando a presença de múltiplas relações de poder na configuração espacial e social urbana.

Daí a ideia de que ao produzir sua existência, os homens produzem não só sua história, conhecimento, processo de humanização, mas também o espaço. Um espaço que, em última instância, é uma relação social que se materializa formalmente em algo passível de ser apreendido, entendido e aprofundado. (CARLOS, 2007, p. 28)

Assim, as feiras livres existentes no Brasil e, especialmente, em Belém espelham a grande riqueza de possibilidades de apreensão. Como espaços caracterizados pela rica e complexidade cotidiana estruturada ao longo do tempo, são verdadeiros celeiros de vozes, olhares, sons, cheiros e cores que animam o lado “simples” da cidade, o lado daqueles que fazem desse espaço, um espaço de vida e ao, mesmo tempo, de possibilidades múltiplas de viver, aprender, construir, solidarizar e re(ex)sistir.

2.3 A LÓGICA DAS FEIRAS LIVRES NA(S) LÓGICA(S) DA(S) CIDADE(S): relações e processos urbanos

No mundo em que a pós-modernidade toma conta das relações cotidianas das pessoas e empresas em quase todos os cantos do planeta há espaços para determinadas lógicas concretas? Ainda mais, quando se refere à lógica de espaços cujo fundamento *aparente* de sua *existência* é a racionalidade econômica material, como no caso das feiras livres, tais lógicas podem aparecer? Será que existe uma lógica das feiras livres em cidades capitalistas?

Esses e outros questionamentos parecem pertinentes quando se pensa que as grandes cidades capitalistas, principalmente as brasileiras, respiram a atmosfera da inovação, da plenitude das formas e significados ditos modernos no contexto em que a economia e as pessoas se tornam cada vez mais mundializadas.

Pensar a lógica de certas atividades econômicas inseridas nos grandes centros urbanos brasileiros pressupõe reconhecer a complexidade de ações que gira em torno da possibilidade de apropriação de certas frações do espaço urbano, executada por diferentes atores e atividades das mais variadas.

Assim, pensar na lógica das feiras livres no contexto das cidades capitalistas significa ampliar o leque de interpretação das inúmeras relações espaciais e sociais que costumam a realidade urbana em muitas regiões espalhadas pelo Brasil, sobretudo.

Nesse complexo e intenso jogo de lógicas que marcam a construção de múltiplos cotidianos nos grandiosos centros urbanos, abre-se a possibilidade de (geo)grafar espaço e territorialmente os reflexos das práticas sociais que impulsionam a (re)produção do espaço urbano.

Nesse sentido, muitos espaços de apropriação coletiva, a exemplo das feiras livres espalhadas pelas várias regiões brasileiras, servem de base para se buscar uma possível interpretação das motivações e significados que tais espaços expressam na região e no local em que se localizam.

Nesses locais de reprodução da vida cotidiana, consubstanciam-se elementos típicos da vida urbana (a exemplo da troca de mercadorias, da compra, da venda, da competição) com elementos da realidade rural (como os gêneros agrícolas, as ervas medicinais, os animais e seus produtos derivados e etc.), estimulando, cada vez

mais, a presença do mundo rural e do mundo urbano na produção da realidade de muitas cidades no Brasil.

Na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba, Nordeste brasileiro, a presença da feira livre funciona como uma verdadeira instituição. Em pleno agreste paraibano, a feira é mais do que um espaço de pura e simples comercialização de troca, ela expressa o movimento, a vida, a razão da existência de muitos nordestinos que veem nesse local, um ponto de equilíbrio e realização da vida cotidiana.

Barbosa e Araújo (2004, p. 7) em trabalho realizado na feira livre da cidade de Campina Grande buscam enfatizar o verdadeiro sentido de existência dessa “instituição” perante as múltiplas formas de comércio varejistas que emanam pelo Brasil afora. Conforme as pesquisadoras,

A feira central é também um espaço de lazer, pois, ao lado de comerciantes, convivem artistas diversos que fazem os sons do local. Se numa barraca pode-se ouvir um forró de pé de serra tocado ao som da sanfona, nos corredores da feira, distribuídos em vários locais, encontram-se emboladores de coco, cantadores de violas que com criatividade e inventividade criam seus repentes, além de poetas populares que, nos versos e rimas dos cordéis, mostram para seu público leitor-ouvinte a força telúrica de sua poesia.

Percebe-se, pelo relato das autoras, que há uma íntima relação entre a feira e a sobrevivência de múltiplos personagens da vida cotidiana daquele local. A ideia de diversidade torna-se bastante evidente quando se tem na feira um espaço para *comunicar*. Nesse sentido, são frases, músicas, versos, poesias que são declamadas por artistas diversos que fazem da feira uma espécie de teatro ao ar livre.

Dessa forma, a feira livre incrustada no agreste paraibano parece ultrapassar aquele ideal de um simples espaço de comercialização material, necessário a vida humana e econômica da cidade. Nesse local, estão expressos os mais íntimos laços da cultura regional que ligam a tradição, o saber popular e a práticas sociais num mesmo contexto diversificado da vida. Assim, seguindo o pensamento de Barbosa e Araújo (2004, p. 6): “do vendedor de frutas ao balaieiro, do barbeiro ao vendedor de peças do artesanato regional, todos fazem parte da feira. Na realidade, a feira Central se constitui num polo comercial, cultural e turístico campinense.”

Na prática, são espaços que caracterizam a sociabilidade “alternativa” de atores sociais que preenchem o cotidiano da vida a partir da experiência da lógica

de funcionamento das próprias feiras, as quais emanam diferentes e novas relações do homem com seu espaço imediato.

Heller (1998 apud BARBOSA; ARAÚJO, 2004, p. 11) ao refletir sobre o significado do cotidiano na vida coletiva dos indivíduos de uma determinada comunidade afirma que:

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais insubstancial que seja, que viva tão somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente. A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

Não há como negar que a vivência coletiva fortalece os laços de sociabilidade que cercam a vida de uma gama enorme de atores sociais, que veem na feira o local apropriado para despertar o sentido social da própria vida humana.

Dessa forma, não se pode compreender a dinâmica de estruturação da feira livre de Campina Grande, segundo as autoras, sem estabelecer os vínculos com a cultura local e regional e a educação popular que nela está contida. As formas democráticas que se estruturam e toda a produção cultural que se percebe, fruto do saber-fazer dos seres humanos são fundamentais para se compreender a lógica de funcionamento que ocorre nesse ambiente.

Assim sendo, afirmam Barbosa e Araújo (2004, p. 11),

são estilos de vida, modos de se relacionar com os grupos ao qual pertencem e a comunidade na qual estão inseridos, que mostram como na feira há o entrelaços de saberes, este saber popular que é percebido no cotidiano da feira e permeia seus espaços.

Nas imagens que se seguem abaixo, podem-se visualizar de maneira mais eficaz as relações sociais estruturas em torno da feira livre da cidade de Campina Grande. São imagens que carregam um sentido da feira e, ao mesmo tempo, o

significado cultural para muitos personagens daquela região, que fazem desse espaço, o local de múltiplas possibilidades.



Fotografia 1- Aspectos da feira de Campina Grande/PB
Fonte: Gourmetidos (2009).



Fotografia 2- Mercado de Campina Grande/PB
Fonte: GOURMETIDOS (2009).



Fotografia 3 - Feirante e sua freguesia na feira central da cidade
Fonte: GOURMETIDOS (2009).



Fotografia 4 - As mercadorias na feira central de Campina Grande/PB
Fonte: GOURMETIDOS (2009).

Não há como negar que os espaços de feiras livres imprimem um ritmo diferenciado no fazer cotidiano de milhares de pessoas espalhadas pelo país. O que se deve destacar, acima de tudo, é que tais espaços suplantam as normas de conduta de uma racionalidade econômica pautada única e exclusivamente no lucro e na competitividade das grandes redes de comércio varejistas.

A feira é um espaço democrático de convivência, em que os sujeitos sociais se encontram, trocam experiências e vivências e aprendem mutuamente, informalmente, ao lado de toda modernidade dos grandes conglomerados de redes de supermercados. A feira resiste e essa resistência tem sua origem na própria forma de como as pessoas que dela participam vão criando estratégias de sobrevivência, formas e meios de continuar subsistindo, mostrando sua visibilidade quando muitas vezes são vistos como se fossem seres invisíveis.

Ainda na região Nordeste do Brasil, na cidade de Caicó, estado do Rio Grande do Norte, outra “instituição” secular faz dessa cidade um espaço singular. Nesse sentido, Moraes e Araújo (2006) demonstraram por meio dos estudos realizados na feira livre daquela cidade uma série de elementos sociogeográficos presentes naquela realidade.

Caicó constitui-se como uma localidade de extrema importância para a região do Sertão do Seridó Potiguar. Sua centralidade urbana, expressa pelo forte vínculo econômico com outras cidades menores da região, ganha espaço à medida que a feira livre passa a se constituir como a principal “instituição” econômica e cultural da vida de centenas de pessoas.

A importância que esse espaço de apropriação coletiva passa a configurar sobre aquela região nordestina é tamanha que Moraes e Araújo (2006) buscam elucidar os principais fatores de coesão, capazes de estimular o surgimento de práticas sociais fundamentais na construção de “territorialidades e sociabilidades” diversas.

Para tanto, os autores iniciam seus estudos descrevendo o cenário em que a feira livre se estabelece enquanto vida e possibilidade para dezenas ou centenas de sertanejos “invisíveis”. Desse modo, os autores convidam seus leitores a imaginar, o tempo social que pode ser expresso no próprio ritmo natural da vida no sertão.

Ainda é madrugada no Sertão do Seridó, os intróitos raios do sol encetam o despontar no horizonte, pincelando o espaço seridoense com as luzes policromáticas do amanhecer. O cenário central dos sítios urbanos começa a ser adornado e montado com as múltiplas estruturas e funções que possibilitarão mais uma semana de realização da feira livre. Para a protagonização [...] em boa parte das cidades que compõe a Cartografia Urbana do Seridó, vários atores sociais são emanados dos mais longínquos recônditos espaciais até os mais próximos. (MORAES; ARAÚJO: 2006. p. 245)

A descrição acima ilustra de maneira cabal a forma pela qual a feira passa a se projetar na região do Seridó, em especial na cidade de Caicó. Na medida em que o tempo da natureza se modifica, modificam-se também os elementos componentes da paisagem urbana. São as “velhas estruturas” que são montadas com a função de realizar o ir e vir na/da feira.

Fica explícita, nas palavras em destaque, a função social que a feira livre desenhar sobre a cidade de Caicó, por meio de sua existência, há a possibilidade do encontro, da criação e da comunicação entre os diversos atores sociais que nela coexistem cotidianamente. Há lugar para todos(as). Desde aquele do próprio lugar até aquele que “são emanados dos mais longínquos recônditos espaciais”.

Acerca dos itinerantes, sejam eles comerciantes ou fregueses, oriundos de outros recortes espaciais, estes percorrem, periodicamente, as sinuosas sendas do sertão, atravessando fronteiras estaduais, regionais e municipais. Geralmente essas travessias levam dias e noites, acontecendo em caminhões, motocicletas e demais veículos, repletos de objetos e produtos que serão comercializados no dia da feira.

Do mesmo espaço onde acontece essa manifestação sócio-econômica e cultural, homens, mulheres, jovens e crianças, provenientes da zona rural, também se mobilizam para participarem de mais um dia de feira, inclusive revisitando familiares e amigos, desenvolvendo, concomitante ao dia de mercado, eventos e micro-eventos, e efetuando as atividades de compra, venda e troca de inúmeros produtos na malha urbana onde a feira está enxertada. (MORAES; ARAÚJO, 2006, p. 245)

De acordo com as palavras em destaque, a feira pressupõe movimento. São fluxos das mais diferentes naturezas que passam a convergir para esse espaço, fazendo-o cada vez mais repleto de significados. Hábitos, costumes, saberes e todos os tipos de ações passam a se misturar, caracterizando uma sinestesia de sentidos e funções à feira.

Diferentemente da Amazônia em que grande parte dos fluxos de pessoas e mercadorias emana das águas para os espaços de feiras livres às cidades ribeirinhas, na região do Sertão Potiguar, os caminhos abertos rumo ao interior, ainda como resquícios do período colonial, funcionam como veias que filtram quase toda a carga material necessária a existência da feira livre na cidade de Caicó. Observe as imagens a seguir:



Fotografia 5 - Barracas na feira livre de Caicó/RN
Fonte: www.fja.rn.gov.br, (2009).



Fotografia 6 - Açougue a céu aberto em Caicó/RN
Fonte: www.fja.rn.gov.br, acesso em 20/12/2009

Nota-se nitidamente que a feira livre existente na cidade de Caicó, no Sertão Potiguar, estrutura-se a partir da ocupação das ruas. Tais espaços sustentam cotidianamente o ritmo do trabalho e da vida de centenas de nordestinos que fazem desse local uma espécie de extensão da vida familiar e coletiva.

Nesse aspecto, é possível, conforme os autores, descortinar uma polissemia de sociabilidades e territorialidades. As práticas sociais estabelecidas diariamente por meio do trabalho informal no local da feira costuram múltiplos símbolos e significados sobre o entorno, possibilitando a emergência de novos territórios.

Por isso, Moraes e Araújo (2006, p. 247), são enfáticos ao afirmar que

[...] Nesses espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, das jocosidades, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede

de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos

No interior das feiras e em suas redondezas é tecida uma complexidade de relações econômicas, sociais e culturais. Os mercados livres, dominados pelo setor informal e terciário, apresentam elementos rústicos e técnicas tradicionais de exposição e venda, com possibilidades de barganha, permutas e pechinchas dos produtos exibidos nessas reuniões coletivas.

Nessa trama complexa de dinâmicas e conotações, as praças de comércio tradicionais ou feiras livres não se constituem como um espaço único, mas, como um espaço fracionado em territórios delimitados. No âmbito das feiras, são erigidos territórios de compra, venda e troca, demarcados materialmente pelas barracas, bancas e outros objetos geográficos, bem como, subjetivamente pelos indivíduos que frequentam esses espaços. (MORAES; ARAÚJO, 2006)

As imagens a diante podem ilustrar com maior clareza essa situação bastante comum nos ambientes em que se verifica uma simbiose de ações e reações as lógicas dominantes de construção da realidade racional do grande e poderoso capital. O Estado enquanto ator social parece cumprir apenas a sua função de regulador do uso do espaço físico.



Fotografia 7- Produtos regionais na feira central de Caicó
Fonte: www.fja.rn.gov.br, acesso em 20/12/2009



Fotografia 8 - Sandálias de couro na feira local de Caicó
Fonte: www.fja.rn.gov.br, acesso em 20/12/2009

Na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, a existência da feira livre está condicionada a própria dinâmica de estruturação econômica local. Considerando que a cidade está localizada no chamado triângulo mineiro, região de intensa produção de gêneros agrícolas e industriais, há um forte apelo à realização do consumo.

Américo et al (2003) ao realizarem o estudo sobre o funcionamento e as características das feiras livres na cidade de Uberlândia procuram demonstrar a peculiaridade que move estes espaços numa importante cidade da região.

Assim como em outros espaços de feiras, em Uberlândia verifica-se, segundo os autores, uma grande diversidade de produtos comercializados que vão desde os principais gêneros agrícolas presentes na mesa dos brasileiros (arroz, feijão, cenouras etc.) até produtos com maior valor agregado, como roupas, sapatos e eletrônicos.

Como um espaço voltado, primeiramente, às trocas comerciais, as feiras livres indicam em sua dinâmica de funcionamento diferentes aspectos do consumo na cidade. Seja no Nordeste ou no Centro-Sul brasileiro, o consumo de bens duráveis e não-duráveis parece se multiplicar nos espaços em que a possibilidade

de (re)significar o presente a partir da existência coletiva tende a diminuir a competição e o individualismo, marcas indelévels da cidade contemporânea.

A lógica do consumo na cidade capitalista atribui aos espaços de feiras, no Brasil, uma lógica de organização, cuja base está fundamentada na reprodução das características sociais, econômicas e culturais de uma determinada localidade. Dessa forma, as feiras livres das cidades de Campina Grande-PB, Caicó-RN e Uberlândia-MG refletem diferentes lógicas de organização do espaço, da produção e do consumo em seus respectivos locais de existência.

Naquela última cidade, “as feiras livres estão espalhadas por cinquenta e nove pontos e são formadas em média por trezentos e cinquenta feirantes.” (Américo et al., não paginado) Tais pontos, conforme os autores, representam os diferentes bairros espalhados pela cidade. Assim, somente alguns bairros recebem no dia, na hora e no local determinados pela gestão municipal, as feiras que funcionam como espaços “flexíveis”, do ponto de vista da mobilidade geográfica.

Por isso, os pesquisadores afirmam que nem todos os bairros recebem feiras durante a semana, devido a presença de vários motivos, dentre os quais destacam-se: a proximidade geográfica do local da feira com outros bairros e o tempo de permanência da feira. Percebe-se, ainda, que tais espaços passam por um controle bastante rígido por parte das instituições públicas locais.

Nesse sentido, a caracterização das feiras livres de Uberlândia, demonstra a variação existente quanto à estrutura das feiras, aos produtos comercializados, às diferenças de preços e ao público frequente. Estes são elementos de grande importância e que refletem a peculiaridade desses espaços em relação às demais regiões brasileiras.

Diferentemente das duas últimas feiras analisadas, a feira livre da cidade mineira toma uma dimensão mais “profissional” do ponto de vista da organização e do planejamento de sua funcionalidade. Isso se justifica pela seleção dos bairros que devem receber esses espaços. Conforme Américo et al (2003, não paginado), os “bairros que possuem estrutura urbana adequada, recebem as feiras por pelo menos uma vez na semana, disponibilizando as condições para a realização desta prática comercial.”

Nota-se uma certa rigidez sobre o uso do solo urbano para o funcionamento das feiras livres. Somente os bairros com maior e melhor infraestrutura urbana

recebem semanalmente os espaços de trocas comerciais, isto é, as feiras propriamente ditas.

Quando se menciona a dimensão “profissional” desses espaços na cidade Uberlândia parte-se do princípio de que o uso do solo urbano está condicionado a uma série de normas que passam a regular não só certas frações do sítio urbano, mas, principalmente, do cotidiano de dezenas de atores sociais sobreviventes às feiras.

Além do mais, a ideia de segregação espacial se faz presente, à medida que a seleção dos bairros mais “adequados” à prática comercial se tende a excluir aqueles locais e por extensão as pessoas onde a modernização da superfície urbana ainda não se fez presente. Define-se, pois, um padrão de consumo que se fundamenta primeiramente nas condições socioeconômicas do lugar, em detrimento à história, à cultura ou mesmo o imaginário que outras centenas de habitantes da cidade.

Um dado relevante sobre esses espaços na cidade do triângulo mineiro, segundo os autores, corresponde à funcionalidade desempenhada no contexto de organização do espaço urbano local. As feiras livres em Uberlândia são em geral compostas por no mínimo setenta feirantes e vai variar de acordo com a localização e população que as recebe. Bairros que possuem uma grande população ou atraem os vizinhos devido a sua importância comercial, certamente irão abrigar feiras livres compostas por muitos feirantes e variedades de produtos. (AMÉRICO et al, 2003)



Fotografia 9 e 10: Organização do espaço nas feiras livres de Uberlândia/MG.
Fonte: www.uberlandia.mg.gov.br , acesso em 22/12/2009

Um dado a se destacar é que em Uberlândia os feirantes não são considerados trabalhadores informais. Conforme os autores, os feirantes estão

agremiados em um sindicato que os representa. Os feirantes, em geral, trabalham em várias localidades podendo em alguns casos trabalhar sete dias por semana e se não estão diretamente na feira, empregam pessoas para que façam a comercialização de suas mercadorias.

Nesse sentido, há uma formalização da mão-de-obra ocupada com as “coisas” da feira. A informalidade tão característica das feiras livres presentes nas grandes cidades amazônicas, por exemplo, parece se diluir em outras realidades em que o controle e a regulação da atividade do feirante se constituem em algo rentável para os cofres públicos.

Desse modo, afirmam os autores que

a necessidade de se criar meios sejam eles estruturais ou econômicos para que os feirantes continuem a exercer sua atividade, se torna cada vez mais importante, pois, as feiras livres empregam um grande contingente de pessoas e disponibilizam para a cidade diferentes formas de se obter produtos livres. [...] As feiras livres do município de Uberlândia, por serem atividades econômicas legalizadas, representam uma fonte de arrecadação tributária e geração de empregos. [...] Essas feiras são a principal fonte de renda para inúmeros pequenos e médios produtores do município, que repassam seus produtos aos feirantes para que sejam comercializados, diretamente, ao consumidor final. (AMÉRICO et al., 2003, não paginado)

Nota-se, claramente, uma íntima relação entre o rural e o urbano no município de Uberlândia. Uma espécie de cadeia produtiva dos produtos agrícolas que passam a se direcionar aos espaços das feiras livres espalhadas pela cidade. A integração economia-sociedade cria um circuito espacial pautado na lógica de acumulação capitalista, em que o feirante é parte de uma engrenagem produtiva, movida ao sabor da livre circulação da economia.

Nesse sentido, os laços culturais que, certamente, marcam as feiras livres amazônicas e nordestinas parecem se diluir no tempo e no espaço das feiras da cidade mineira. As feiras livres passam, então, de espaços que marcam a resistência a partir da *solidariedade orgânica* para espaços de reprodução da *solidariedade organizacional*, imprimindo um novo ritmo de relações não mais fundamentadas em aspectos simbólico-culturais, mas sim em relações cujo fundamento maior é a lei de mercado.

PARTE II

“FAZER A FEIRA EM BELÉM (PA)”: Singularidade e Existência na Cidade Contemporânea

3 A FORMAÇÃO (GEO)HISTÓRICA DAS FEIRAS LIVRES EM BELÉM (PA).

3.1 A FORMAÇÃO E A DIFERENCIAÇÃO DAS FEIRAS LIVRES NA/DA CIDADE.

Nascida às margens de um corpo hídrico – atual Baía de Guajará – a cidade de Belém (fundada no início do século XVII, no ano de 1616) ainda guarda muito da dimensão simbólica que um representativo elemento natural expressa para o conjunto do tecido urbano. O rio, enquanto elemento de grande valia para a conquista do território, proporcionou a cristalização de certas ações estratégicas do colonizador europeu em terras amazônicas.

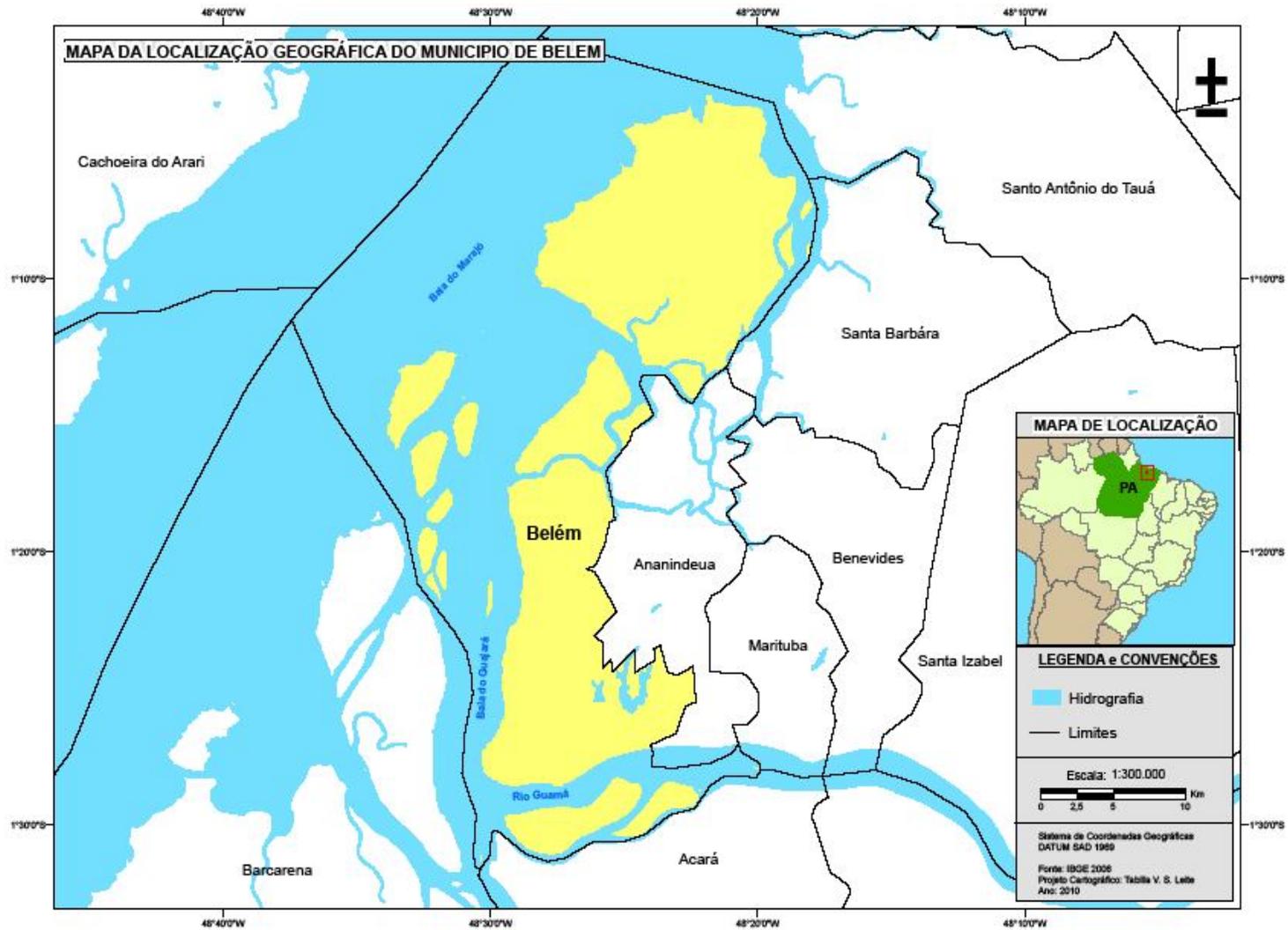
Inicialmente, orientou a localização das iniciativas geopolíticas representadas pela construção de inúmeras fortificações militares dispostas ao longo da calha dos principais rios amazônicos, tornando-se condição e meio de conquistas territoriais no âmbito da região.

Em seguida, as atenções lusitanas se voltaram para os espaços ainda não estruturados dos pequenos núcleos urbanos que passaram a emergir nesse contexto. A cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, sem dúvida, constituiu-se no mais importante espaço às intenções portuguesas na região.

Sua localização geográfica privilegiada em relação às demais cidades amazônicas foi um fator diferencial para que as possibilidades econômicas, sociais e políticas pudessem acontecer com maior força e rapidez em seu sítio urbano (mapa 1. Localização Geográfica do Município de Belém).

A estruturação dos espaços na cidade Belém, ao longo do tempo, foi marcada pela permanência das características geopolíticas impostas pelo colonizador. A proximidade dos primeiros prédios públicos e religiosos, bem como das primeiras residências implantadas com o rio, é um fator de grande importância para a compreensão dos diferentes momentos de estruturação da cidade.

A justificativa estava bastante evidente. O rio foi, nos momentos iniciais do processo de colonização, o elemento de maior relevância nas estratégias lusitanas para a região. E, nesse contexto, a cidade de Belém desempenhou importante papel, uma vez que os pilares da iniciativa lusitana para a região eram sustentados pela, então, pequena cidade tropical.



Mapa 1 - Localização Geográfica do Município de Belém

Ainda por volta do século XVII, verificou-se os primeiros momentos de expansão da cidade. Pequenas ruas, com traçado rígido e bem definido foram abertas dando início ao aglomerado urbano localizado no *bairro da cidade*. Ali vivam portugueses, membros do clero, militares, governo e também escravos imbuídos pelo objetivo colonial.

Nesse compartimento da cidade (figura 1), cujo limite apontava para o igarapé do Piri (a leste) e a Baía de Guajará (a oeste), cristalizavam-se todas as formas de vida produzidas na cidade. A “vida urbana” parecia se confundir com a vida regional, com destaque para as populações indígenas disseminadas pela vasta planície.

As primeiras experiências capitalistas se consolidaram com a exploração das chamadas drogas do sertão (produtos típicos da floresta amazônica), as quais produziram um grande efeito na economia colonial. Nesse momento da história local, *espaço e economia* caminhavam em consonância

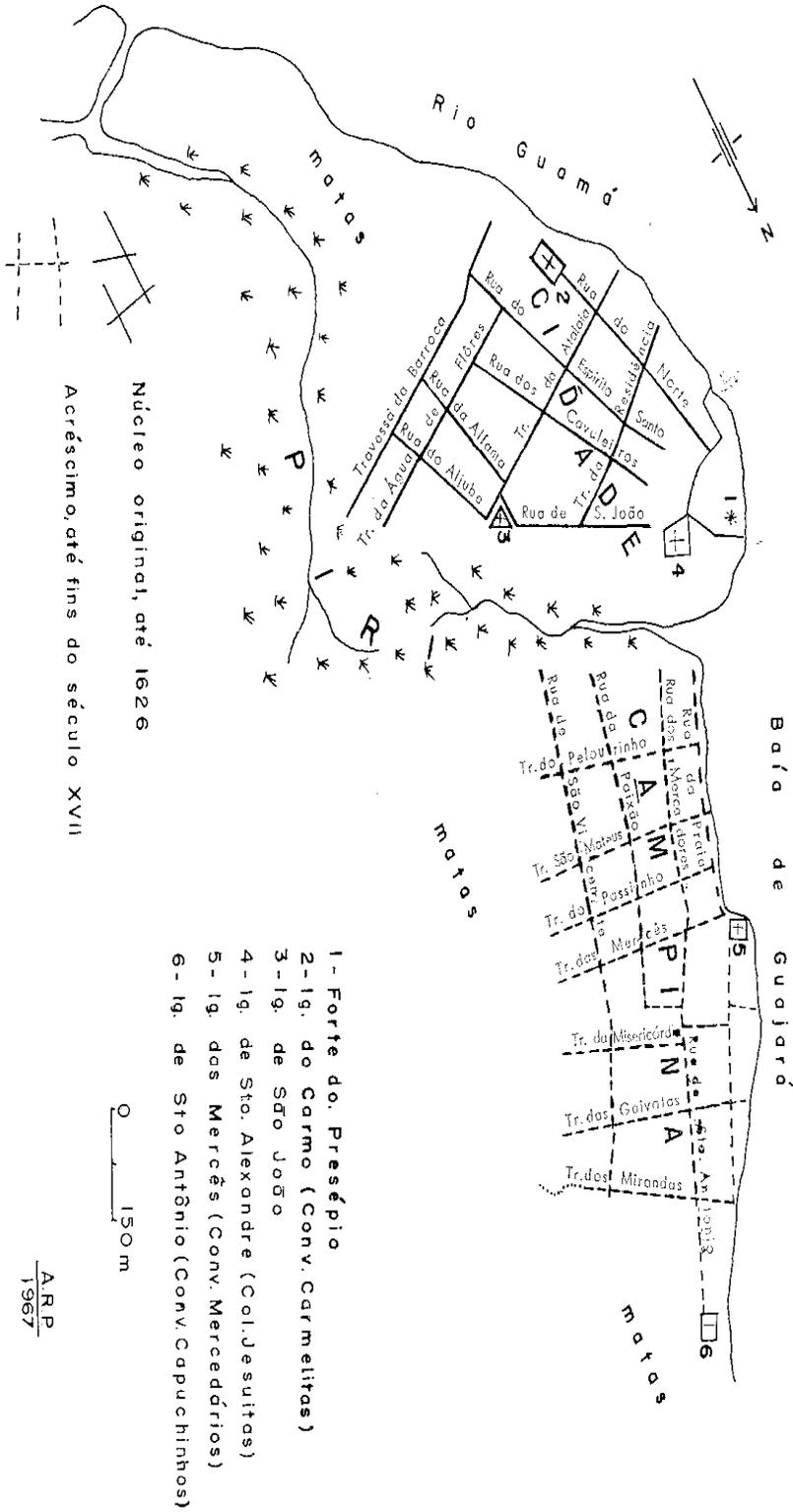
No momento em que a economia local ganhava destaque mediante a exploração dos produtos da floresta, as repercussões da lucratividade do negócio projetavam-se espacialmente. A expansão urbana que ocorrera em Belém ainda no século XVIII ratifica esta afirmação.

As atividades comerciais, sem dúvida, passaram a consolidar o direcionamento da expansão urbana nos anos seguintes, passando a comportar uma gama de possibilidades para outros pontos da cidade. O alargamento dos negócios para além das áreas mais centrais de Belém funcionou como mola propulsora à consolidação do comércio como atividade mais importante à época.

Como, nesse momento, as atenções capitalistas atrelavam-se aos interesses externos, ou seja, a comercialização dos produtos regionais tinha sua dinâmica maior direcionada para além das fronteiras urbanas e regionais, o comércio intraurbano belenense tendia a evoluir, nos anos seguintes, agregando maior diversidade de produtos e maior quantidade de indivíduos envolvidos.

BELEM - FINS DO SÉCULO XVII
 Reconstituição do autor baseada
 em documentação histórica

Figura 1



Buscar entender o processo de formação das feiras livres em Belém pressupõe reconhecer a importância do comércio para a vida urbana da mais importante capital da Amazônia, durante o período colonial. Segundo Antônio Rocha Penteado, em sua importante obra “Belém - Estudos de Geografia Urbana”, publicada em 1968, a cidade de Belém, no Pará, representou muito mais que uma cidade de caráter colonial. Sua ocupação inicial teve dois aspectos importantes: primeiro, possibilitou a dominação territorial em grande parte do vale amazônico, pelos portugueses; e, segundo, trouxe a possibilidade de expansão e modernização do sítio urbano original (PENTEADO, 1968). Sem dúvida, uma condição para se pensar a estruturação de novas modalidades comerciais na cidade. Nas palavras de Penteado (1968, p. 116-117)

Belém se orgulhava pelos artigos que exportava, entre os quais figurava a goma elástica, além das valiosas e procuradas drogas do sertão. Pela descrição feita pelos autores [Spix e Martius], na qual se nota o papel de entreposto comercial da cidade, tem-se uma idu muito razoável e até mesmo uma noção geográfica de Belém como centro de uma região, pois que, após se referirem à exportação de produtos derivados da pecuária de Marajó, como também de cavalos, afirmam que apenas a menor parte desses produtos, isto é, açúcar, cachaça, melado, fumo e borracha, é cultivada nas vizinhanças da capital; a maioria vem do interior, que é aqui designado com o nome vago de sertão. O comércio de Belém depende, portanto, principalmente dos artigos que recebe dos lugares mais ativos do interior da província: Cametá, Gurupá, Santarém e da província do Rio Negro. Logo que chegam as canoas do comércio dessas regiões, animam-se as ruas da cidade, vêem-se índios, meio nus, atarefados a carregar os precisos artigos para a alfândega e dali para os diversos armazéns espalhados pela cidade; fora dessa época, porém, não é a praça menos morta do que Maranhão.

A dinâmica da vida urbana, no decorrer do século XIX, estava intimamente ligada ao desempenho da economia local e regional, uma vez que o comércio serviu não apenas como atividade econômica, mas também possibilitou um maior dinamismo à vida social da cidade. Dessa forma, nota-se que a relação entre *economia e sociedade* foi responsável por definir a relação *sociedade e espaço*, na qual os novos elementos da vida social e espacial da cidade, passaram a definir as normas de (re)produção do espaço urbano.

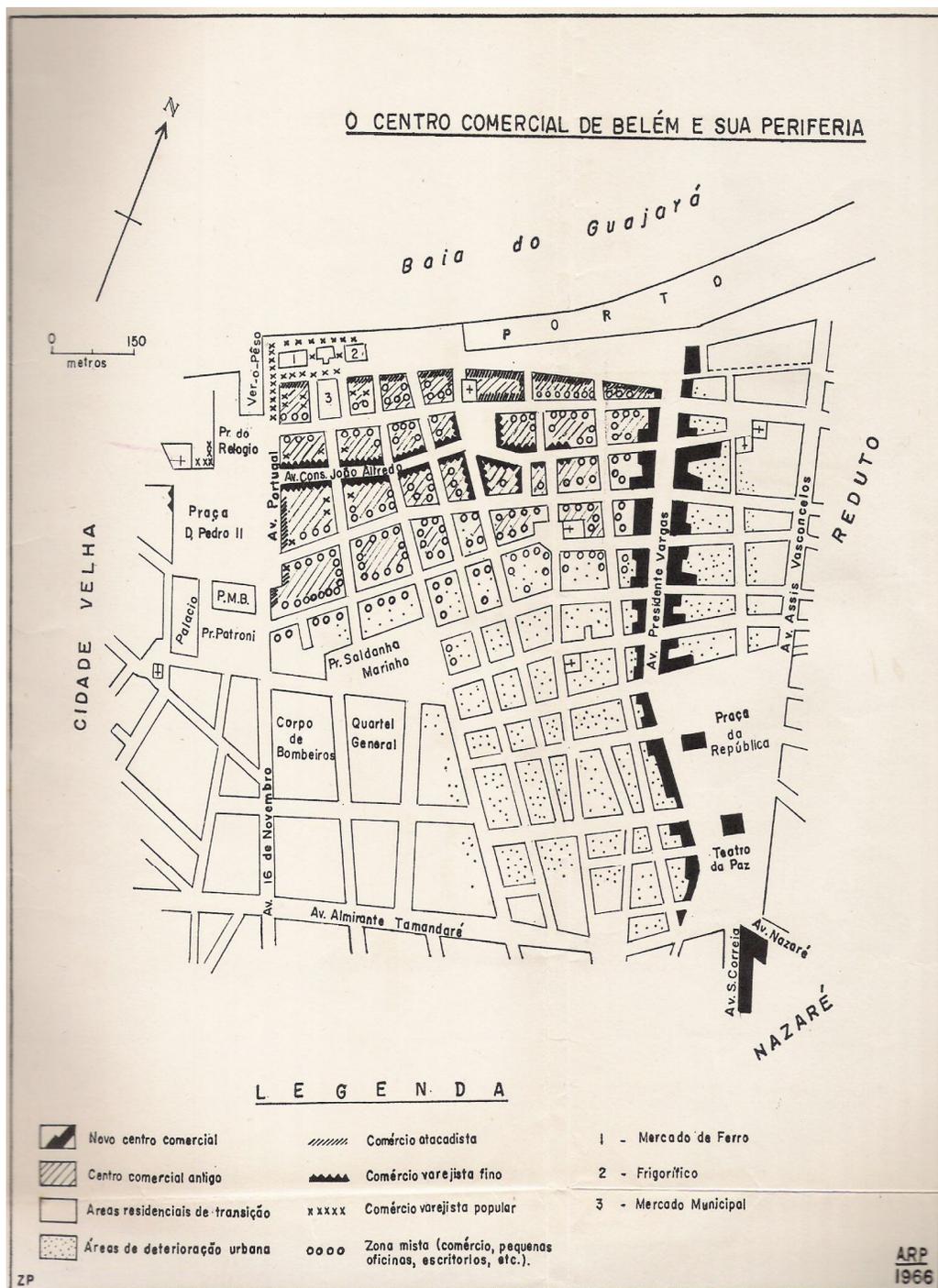


Figura 2 – O Centro comercial de Belém e sua periferia
Fonte: Penteadó (1968)

O surgimento das feiras livres em Belém reflete apenas um desses novos elementos. As feiras irão representar a relevância da atividade comercial, contemplando as primeiras necessidades da população menos favorecida da cidade, incluindo negros, mestiços e mulatos.

As feiras livres na capital paraense têm uma dinâmica de formação e funcionamento bastante diferente das feiras espalhadas pelas demais regiões brasileiras. A formação histórica, o sistema de funcionamento, a forma de ocupação espacial, bem como a localização geográfica, são elementos que fazem das feiras livres belenenses verdadeiros espaços diferenciados, tipicamente, locais e únicos.

Tais elementos justificaram, também, a importância que esses espaços passaram a configurar, a partir da segunda metade do século XIX na vida urbana belenense. Naquele momento, a prosperidade econômica trazida pela economia da borracha na Amazônia culminou na estruturação dos espaços intraurbanos das principais cidades amazônicas da época – Belém e Manaus.

As primeiras feiras livres em Belém surgiram no contexto histórico e social da exploração econômica da borracha na Amazônia. Isto se deu em função da maior necessidade de abastecimento da cidade, acompanhando o intenso ritmo do crescimento demográfico na capital. A expansão do tecido urbano para além dos limites dos bairros da campina e da cidade¹ proporcionou o alargamento das relações de troca para outros locais da cidade que não necessariamente tivessem vinculados à dinâmica do porto.

O abastecimento era motivo de preocupação das autoridades, uma vez que os padrões de qualidade dos gêneros consumidos pela maioria da população prescindiam a qualquer fiscalização municipal. Nesse período, o naturalista inglês Alfred Russel Wallace descreveu tal situação, afirmando que:

A carne da vaca constitui o principal alimento. As reses procedem das fazendas de criação, sitas alguns dias de viagem rio acima, de onde são trazidas em canoas. Durante a viagem, recusam alimento e perdem a maior parte da gordura, chegando ao seu destino em deploráveis condições. São abatidas logo, no dia seguinte, para o consumo diário, e são abertas a machado e a cutelo, sem nenhuma observância dos preceitos de higiene, deixando-se o sangue correr sobre a carne.

Diariamente, cerca de seis horas da manhã, vêm-se numerosas carroças seguindo em diferentes direções pela cidade, para fazer a distribuição da carne aos açougues [...]

Algumas vezes têm-se peixe, porém é um alimento muito caro. A carne de porco só aparece aos sábados. O pão é feito de farinha de

¹ Durante o período colonial, esses eram os principais bairros existentes na cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará.

trigo, importado dos Estados Unidos. A população branca da cidade geralmente faz uso de manteiga, irlandesa ou americana, e outros produtos importados do estrangeiro. (CRUZ, 1973, p. 43-44)

A citação acima é de grande valia na interpretação aqui privilegiada. Anteriores ao surgimento dos espaços de feiras livres existiam os comerciantes ambulantes que se ocupavam com a distribuição dos gêneros alimentícios para os lugares mais afastados da cidade. O desenvolvimento desse tipo de comércio foi de fundamental importância para o estabelecimento dos primeiros pontos comerciais localizados fora do eixo fluvial. O surgimento e a permanência das feiras livres na capital correspondem a uma necessidade de abastecimento da população com menor poder aquisitivo, naquele momento histórico.

Desse modo, as feiras surgiram em pontos estratégicos da cidade, obedecendo à lógica e o movimento de estruturação da cidade. De início, tem-se a feira localizada à *margem do rio*. No ponto em que, na atualidade, localiza-se um dos principais cartões postais da cidade – o Complexo do Ver-o-Peso -, funciona a principal feira livre da capital. Sua formação e estruturação como um espaço de apropriação coletiva deriva da própria condição geopolítica desempenhada pela cidade ao longo do período colonial e também no período da borracha, nos quais o rio se estabeleceu como o caminho principal das transações comerciais entre as cidades amazônicas e as demais regiões do mundo.

Naquele momento, a vida urbana atrelava-se diretamente aos fluxos (matérias e imateriais) procedentes do rio. Os produtos comercializados e consumidos em Belém, principalmente pela “população branca” da cidade chegavam pela via fluvial. As primeiras feiras livres de Belém acompanharam essa dinâmica.

Num segundo momento, tem-se o desenvolvimento e a formação de mercados particulares que mais tarde cedem espaço ao surgimento das feiras livres nas vias públicas da cidade. Em um de seus relatórios, o Intendente Municipal (Antônio Lemos), justifica a necessidade e a importância dos pequenos mercados para o abastecimento de parte da cidade.

Sempre tenho afirmado nestes volumes a minha opinião de que os grandes Mercados não devem excluir os pequenos e de que, quanto maior fôr o numero destes disseminados pela cidade e pelos suburbios, sobretudo nos pontos mais afastados, melhor servida será a população, com a especialidade a população pobre. Assim pensando, não me poupo em continuar a encorajar os proprietários

desses pequenos mercados, hoje felizmente em numero apreciavel. Por vezes mesmo chego a visital-os, manifestando a minha satisfação pelo bom estado hygienico em que os encontro e verificando a efficacia da fiscalização nelles exercida pelos agentes da municipalidade.

Constantemente abastecidos de excellentes generos, de primeira qualidade, esses uteis estabelecimentos conservam, todavia, os preços correntes dos seus congêneres que negoceiam em grande escala, offerecendo desse modo todas as facilidades aos consumidores. (LEMOS, 1908, p.155)

Como se percebe, ainda no início do século XX, Antônio Lemos, Intendente do Município de Belém, mantinha a preocupação com a questão do abastecimento na cidade, incentivando o surgimento de mercados particulares, os quais funcionavam como disseminadores dos gêneros alimentícios, sobretudo regionais, como forma de permitir o acesso das camadas mais pobres da população a esses produtos.

Com o passar do tempo, alguns destes estabelecimentos comerciais passaram a ganhar destaque, devido ao aumento do número de produtos comercializados e à grande procura por parte da população. Nas áreas de expansão da cidade – que naquele momento correspondiam às áreas do atual bairro de São Brás e do Marco – esse tipo de mercado ganhava fôlego.

Inicialmente, pela existência da ferrovia Belém-Bragança² e posteriormente pela rápida ocupação dos terrenos urbanos em vários pontos da cidade, a partir da abertura de novas vias de circulação.

Essas modificações na estrutura urbana belenense culminaram no fortalecimento das atividades comerciais, sobretudo aquelas ligadas aos produtos regionais. Daí o porquê de se afirmar que as feiras livres localizadas nas *vias públicas (ruas)* da cidade acompanharam o recente processo de estruturação urbana que tem ocorrido em Belém, nos últimos cinquenta anos.

A rápida expansão, sobretudo na segunda metade do século XX, do número de feiras livres, deriva do rápido e intenso processo de crescimento urbano na capital paraense. Na atualidade, a cidade de Belém conta com trinta e quatro feiras livres consideradas legais (SECON, 2009), sendo que deste total, cinco localizam-se

² Ferrovia construída no início do século XX que tinha a função de interligar a cidade de Belém com a região nordeste do Estado do Pará.

à margem do rio e as demais espalhadas às vias públicas pelos diferentes bairros da cidade. Veja o quadro a seguir

FEIRAS MUNICIPAIS		PERMISSIONÁRIOS		TOTAL
		Cadastrado	Sem cadastro	
1	ACATAUASSU NUNES	48	0	48
2	AUGUSTO CORREA	39	0	39
3	BANDEIRA BRANCA	153	4	157
4	BARREIRO	0	725	725
5	BATISTA CAMPOS	91	0	91
6	CAMPINA	0	55	55
7	COMP CATALINA	17	3	20
8	CREMAÇÃO	143	0	143
9	DAMASCO (Cabanagem)	186	3	189
10	ENTRONCAMENTO	164	90	254
11	MARACAJÁ (Mosqueiro)	8	4	12
12	MARAMBAIA	57	5	62
13	MOSQUEIRO	29	4	33
14	MUNDURUCUS	7	5	12
15	OITO DE MAIO (Icoaraci)	240	0	240
16	OUTEIRO	0	0	0
17	PANORAMA XXI	28	34	62
18	PARQUE UNIÃO (TAPANÃ)	0	344	344
19	PEDREIRA	175	0	175
20	PORTO DA FEIRA DO AÇAI	128	5	133
21	PORTO DA PALHA	144	4	148
22	PORTO DO AÇAI	50	0	50
23	PORTO DE ICOARACI	0	38	38
24	PROVIDENCIA	83	3	86
25	SACRAMENTA	19	3	22
26	SANTA LUIZA	35	0	35
27	SÃO BENEDITO	80	12	92
28	SÃO DOMINGOS	30	0	30
29	SÃO GASPAR (TAPANÃ)	0	73	73
30	TAVARES BASTOS	181	0	181
31	TELÉGRAFO	179	5	184
32	TEÓFILO CUNDURU	43	15	58
33	VER-O-PESO	872	0	872
34	25 DE SETEMBRO	321	0	321
TOTAL		3.550	1.434	4.984

Quadro 2- Demonstrativo do número de feiras e de permissionários em Belém

Fonte: DCT;DFMP;SECON (2010)

A localização desses espaços é um fator de muita relevância, uma vez que a dinâmica de funcionamento tende a se diferenciar conforme a posição que tais

espaços ocupam no sítio urbano. Dessa forma, pode-se afirmar que as feiras livres dispostas à margem do rio compartilham processos e estratégias socioespaciais assimétricas em relação às feiras dispostas em vias públicas da cidade.

3.2 A CARACTERIZAÇÃO DAS FEIRAS LIVRES EM BELÉM (PA): (Re)definindo os olhares.

Atualmente, não se pode negar a importância que os espaços de feiras desempenham na metrópole paraense. Tal importância transcende, muitas vezes, o aspecto econômico, base de sustentação de muitas feiras livres da capital, chegando a apontar para uma multiplicidade de questões que se orientam pelo sentido político, social, cultural e até mesmo ambiental.

Não por acaso, as feiras livres espalhadas pelos inúmeros pontos do sítio urbano belenense ratificam uma “outra lógica” de estruturação dos circuitos espaciais de produção e circulação (co)existentes na lógica de funcionamento das grandes cidades, em especial, da capital paraense.

A dinâmica cotidiana da vida de centenas de habitantes desta cidade transita em torno de dois elementos centrais da economia local: comércio e serviços urbanos. São duas atividades econômicas ditas terciárias, mas que apresentam um peso considerável sobre a realidade de muitos cidadãos. Por meio delas, a lógica da cidade capitalista – isto é, a lógica da acumulação e reprodução da riqueza material – perpetua-se, provocando inúmeras transformações na forma de viver ou mesmo sobreviver nesse espaço.

Nesse sentido, os diferentes espaços que compõem a cidade refletem ou, então, resistem a tal lógica. A diferenciação espacial urbana corresponde à existência de ritmos de vida desiguais, nos quais o “*tempo rápido*” dos homens de negócios e das grandes firmas empresarias e financeiras é, muitas vezes, negado pelo “*tempo lento*” do homem simples, que produz e reproduz a sua vida a partir de elementos do próprio lugar.

Assim, a dita cidade moderna não alcança a todos(as), uma vez que a modernidade não está plenamente na cidade, mas sim no seu futuro próximo, no plano do virtual ou do realizável. As ideias produzidas em torno desse espaço parecem marcar a competição e a exclusão como elementos da vida moderna, na

qual os lugares, os objetos artificiais, as relações sociais e, por fim, as ações da vida urbana animam a sua peculiar forma de (re)produção.

Veja as palavras de Martins (2008, p. 18-19) sobre a questão da vida moderna na cidade capitalista.

Se levarmos em conta a historicidade do homem, o homem como autor e protagonista de sua própria história, a história de sua humanização, a modernidade só é possível como momento contraditório dessa humanização. Momento que, por sua vez, cobra do homem o tributo de sua coisificação, de seu estranhamento em relação a si próprio, no ver-se pela mediação alienadora de um outro que é ele mesmo, embora não pareça. A modernidade, porém, não é feita pelo encontro homogeneizante da diversidade do homem, como sugere a concepção de globalização. É constituída, ainda, pelos ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada, dos que têm fome e sede não só do que é essencial à reprodução humana, mas também fome e sede de justiça, de trabalho, de sonho, de alegria. Fome e sede de realização democrática das promessas da modernidade, do que ela é para alguns e, ao mesmo tempo, apenas parece ser para todos.

Não é de se estranhar que a questão da modernidade sugere uma ampla discussão da vida coletiva, em especial na grande cidade. Nas palavras, acima elencadas, o moderno pressupõe o novo, a criação e a conflitualidade das relações sociais contemporâneas, sobretudo, no mundo ocidental.

Nos grandes centros urbanos, local de grande concentração de pessoas e atividades econômicas, a modernidade parece chegar com maior força e velocidade, forjando novos estilos de vida e novos comportamentos sociais. Nesse sentido, a produção e a circulação de bens e serviços urbanos tentam responder a essa “nova”, e não menos desigual, lógica de funcionamento da cidade capitalista.

Na região amazônica, a lógica da modernidade, da difusão de novos padrões de vida, associada à absorção e criação de novos valores urbanos foi, inicialmente, estruturada quando da grande importância que as capitais regionais (Belém e Manaus) assumiram na época da exploração gomífera, ainda no final do século XIX e início do século XX.

Naquele momento de prosperidade econômica, as duas maiores cidades da região destacaram-se como cenários reais da cultura moderna produzida no Ocidente. Uma simples percepção da paisagem urbana existente nos bairros

centrais da cidade de Belém ratifica tal ideia. Teatros, palacetes, praças, coretos, entre outros, ainda presentes na vida atual da paisagem urbana são exemplos da importância dessas cidades.

Por outro lado, a dita cultura moderna não foi capaz de fragmentar os traços da cultura local/regional. Uma vez excluídas dos padrões da vida moderna europeia que se fazia presente na capital paraense, as grandes massas populacionais composta de caboclos, índios, mestiços e negros reafirmaram a necessidade de impor seus próprios estilos de vida na cidade.

Um desses mecanismos, sem dúvida, se constituía na valorização e no consumo de produtos regionais em pontos comerciais que se espalhavam pela cidade, sendo o mais importante o imponente Ver-o-Peso. A partir deste local, diferentes formas de comércio foram estabelecidas na cidade, promovendo o acesso de bens não-duráveis a uma grande quantidade de pessoas.

Não obstante, as inúmeras feiras livres que fazem parte da vida econômica, social e cultural da capital paraense parecem reforçar a lógica da organização do espaço marcado pela *solidariedade orgânica*, em muitas ocasiões.

Do ponto de vista econômico, as feiras livres belenenses cumprem um importante papel dentro do contexto urbano. Servem de espaços de consumo para centenas de pessoas que procuram preços mais baixos se comparado as grandes redes varejistas de comércio. Além disso, servem de suporte financeiro para sobrevivência de mais de cinco mil feirantes (SECON, 2009) que atualmente vivem e convivem em diferentes espaços de feiras espalhados pela cidade. A feira se estabelece, pois, como um espaço de possibilidades, não menos, competitivo na cidade.

Ainda sobre os aspectos econômicos, esses espaços funcionam como mola propulsora do *circuito inferior da economia* que, numa cidade como Belém, é ainda mais relevante, pelo fato de centenas de famílias buscarem suas respectivas sobrevivências a partir dos elementos característicos deste tipo de circuito econômico.

Em relação aos aspectos legais, do *ponto de vista jurídico e institucional*, as feiras livres se constituem como espaços “privilegiados” para a comercialização de gêneros agrícolas regionais, tipificados pelo Poder Público local como hortifrutigranjeiros.

Nesse sentido, são espaços selecionados, cuja permissão para o uso do solo urbano é concedida pela Secretaria Municipal de Economia (SECON), sendo esta a responsável pela fiscalização e gestão do espaço público.

3.2.1 As Feiras livres e os aspectos jurídico-institucionais

Conforme a legislação municipal grafada no Decreto Municipal - 26.579 de 14 de abril de 1994, pode-se afirmar que

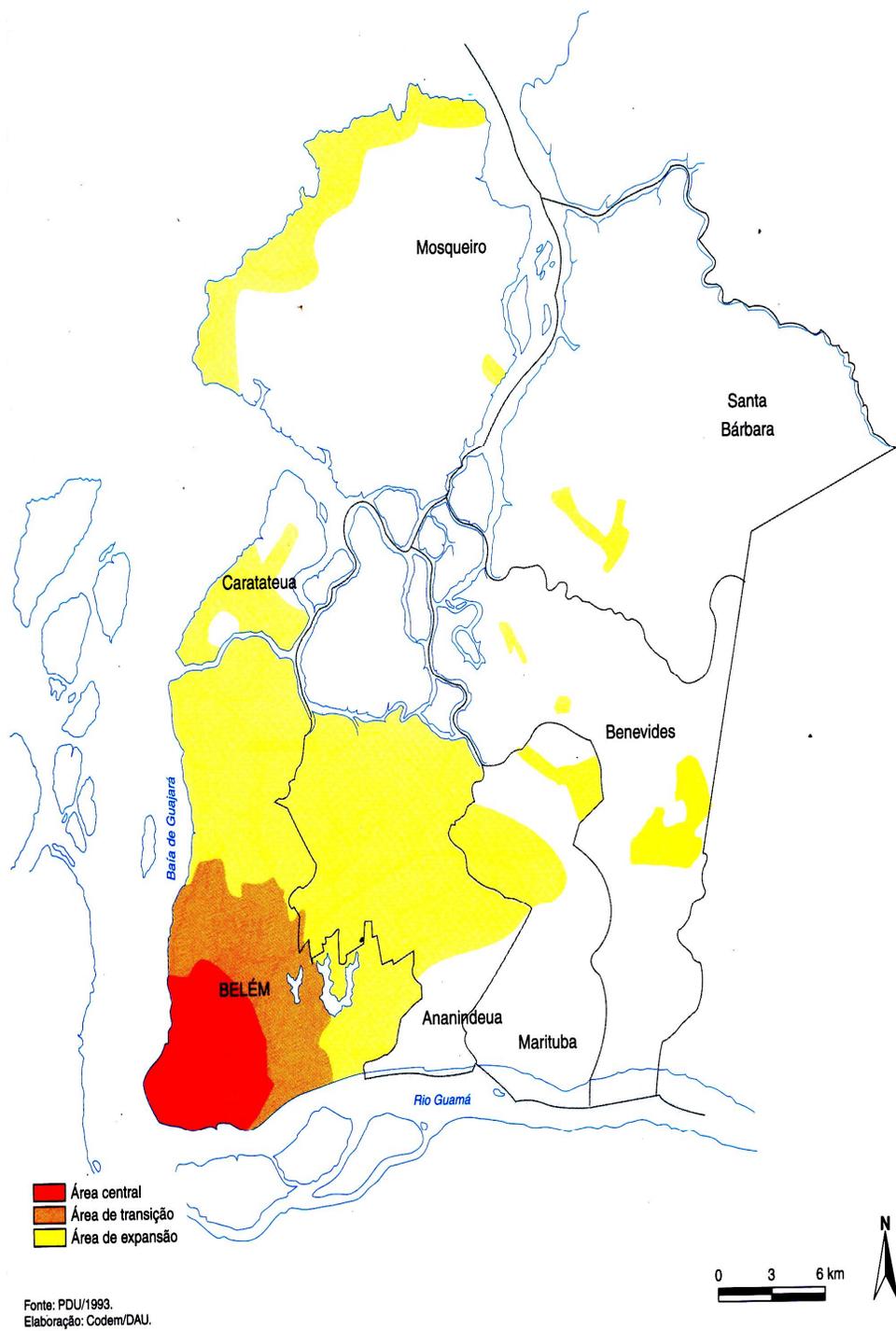
Art. 1º - Considera-se “Feira Livre” o local previamente designado pela administração Pública Municipal, dotado de equipamentos padronizados, removíveis ou não destinado as atividades comerciais a nível de varejo, voltada para o abastecimento de gêneros alimentícios a população, especialmente os de origem hortigranjeira.(BELEM, 1994, p. 39)

O processo de regularização e fiscalização dos espaços de feiras em Belém ainda é algo bastante complexo, tanto para quem participa ativamente da vida da feira, quanto para quem deveria fiscalizar. Isso porque, nos últimos cinquenta anos verificou-se uma grande expansão do número de feiras livres na capital paraense.

Inicialmente, esses espaços estavam concentrados na área central³ (mapa 2: Estruturação Urbana – RMB, a partir de 1980) da cidade, sobretudo, até o final do século XIX. A maior incidência de tais espaços nesse fragmento do espaço urbano reflete a própria evolução da atividade comercial e varejista na cidade, assim como a relativa concentração populacional nos bairros que compõem essa porção do sítio urbano belenense, naquele momento.

Em seguida, a ocupação populacional se processará em direção a orla sul da cidade, acompanhando paralelamente a Avenida Bernardo Sayão, surgindo a partir de sua intensa apropriação inúmeros pontos de feiras. Tais pontos estão associados à existência de uma grande quantidade de portos e trapiches que passam a articular com maior força o continente da parte insular da cidade, proporcionando a canalização de produtos agrícolas regionais à população dos bairros mais próximos.

³ A área central da cidade corresponde a Primeira Légua Patrimonial, instituída ainda no período colonial pela Coroa Portuguesa, como forma de estabelecer os limites sobre o espaço físico da cidade. (PENTEADO, 1968)



Mapa 2- Estruturação Urbana – RMB (a partir de 1980)
Fonte: PDU(1993); Elaboração CODEM/DAU

A partir da segunda metade do século XX, novos espaços serão ocupados, proporcionando o alargamento do perímetro urbano em Belém. O considerável crescimento populacional das últimas cinco décadas, acompanhado da incorporação de novas áreas periféricas na cidade passará a estimular o desenvolvimento de atividades comerciais varejistas, tendo nos espaços de feiras o seu mais significativo exemplo. O mapa 2 evidencia, com bastante clareza, a complexidade desse processo de expansão urbana na capital paraense.

Ainda sobre a questão jurídico-institucional que cerca a existência das feiras livres belenenses tem-se uma grande confusão a respeito do verdadeiro controle sobre esse tipo de comércio. O surgimento de novos espaços de feiras livres na capital, sobretudo, nas três últimas décadas não responderam as necessidades legais mencionadas pelo decreto-lei 26.579/94. Surgiram mais como pontos de apoio às necessidades de inúmeras famílias de baixo poder aquisitivo, nos locais mais afastados do centro da cidade, do que propriamente uma obra prima do planejamento municipal.

A existência de feiras livres consideradas “irregulares” é um produto direto do processo de expansão desigual do consumo na cidade. Esses espaços confrontam as normas da municipalidade, sempre pautadas no mais “eficaz” controle do território urbano. Nesse sentido, afirma a lei

Art. 5º - As feiras livres funcionarão em vias e logradouros públicos ou em terrenos de propriedade municipal ou particular, especialmente abertos à população para tal finalidade, desde que instaladas e fiscalizadas pela Secretaria Municipal de Economia - SECON.

Art. 6º - Na elaboração dos projetos para padronização de feiras livres serão observadas, além das normas do processo de comercialização e urbanismo, as relativas à saúde pública, saneamento e limpeza.

Art. 7º - As feiras livres não poderão situar-se em raio inferior a 1.000 (mil) metros uma das outras, resguardando-se os casos já existentes. (BELÉM, 1994)

Fica bastante evidente a preocupação do Poder Público Municipal para com o ordenamento dos espaços de feiras na cidade. No entanto, há uma sensível distância entre aquilo que está previsto em lei e a realidade vivida em muitos desses espaços espalhados pela cidade. Atualmente, as feiras tendem a se expandir com

maior força e velocidade, principalmente, nos distritos de ocupação recente por parte da população.

À primeira vista, a “desorganização organizada” de muitos desses espaços, típicos dessa cidade, parece não contemplar os sentidos de quem os vive cotidianamente, seja como feirante ou como simples consumidor. As fotografias abaixo podem ilustrar melhor tal situação.



Fotografia 11- Feira da Rua 8 de maio (Distrito de Icoaraci/Belém)
Foto de Melo (2010).



Fotografia 12: Feira da Rua 8 de maio (Distrito de Icoaraci/Belém)
Foto de: Melo (2010).

Não é de se estranhar a intensa mobilidade de pessoas e a grande quantidade de equipamentos (barracas, tabuleiros, carros de mão e etc.) dispostos

ao longo da feira. Uma vez estabelecida, a principal feira livre do Distrito de Icoaraci passa a se estruturar conforme as normas e condutas do próprio lugar que, em muitas oportunidades, desconsideram os escritos legais.

Assim como acontece na feira livre da Rua 8 de maio em Icoaraci, outros espaços voltados para a realização de feiras padecem com a mesma situação. São os casos da feira livre da Pedreira e do Barreiro, por exemplo. Observe as fotos abaixo.



Fotografia 13 e 14: Feiras da Pedreira e do Barreiro – aspectos da ocupação espontânea do espaço. Foto de Medeiros (2010)

Não se pretende aqui direcionar a culpa pela “desorganização organizada” presente em vários locais em que se verifica a comercialização de rua, para as instituições públicas municipais, nem tão pouco associar a ideia de desordem a esses espaços de apropriação coletiva, que, de modo geral, conferem um sentido de resistência às formas ditas modernas de consumo na cidade, mas sim interpretar que esse modelo de configuração espacial das feiras livres em Belém é resultado de uma série de fatores, cujo fundamento maior está atrelado à difícil situação econômica e social de grande da população da capital.

A cidade, por meio do trabalho humano, transforma-se constantemente e, como decorrência, modifica a vida do cidadão, seu cotidiano, suas perspectivas, desejos e necessidades, transforma as relações com o outro e suas relações com a cidade redefinindo as formas de apropriação e o modo de reprodução do espaço. (CARLOS, 2007)

Nesse sentido, a realidade material, concreta e vivida por centenas de atores sociais que compartilham suas experiências com inúmeras feiras livres espalhadas pela capital paraense, torna-se, simultaneamente, uma necessidade e também uma espécie de possibilidade, a fim de reconstruir novos atributos da vida coletiva na

cidade, levando em consideração a vivência e a experiência no/do lugar, ao qual estão ligados. Seguindo as palavras de Martins (2008, p. 52) é possível aprofundar esta questão.

Se a vida de todo dia se tornou o refúgio dos céticos, tornou-se igualmente o ponto de referência das novas esperanças da sociedade. O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano. É que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil. [...]

Não por acaso, a força do cotidiano na cidade passa a estabelecer um novo tempo da vida. Marcado não apenas pela experiência concreta da força dos objetos e das mercadorias das grandes redes de comércio, que articulam lógicas verticais de produção, mas, sobretudo, pelo significado das ações individuais e coletivas no processo de estruturação de novas realidades no ambiente urbano, contrapondo a força de leis e normas mercadológicas dominantes.

Assim sendo, “fazer a feira” na cidade de Belém tomando como base o uso dos princípios legais de estruturação do espaço urbano, ganha outra dimensão, completamente oposta, se comparada ao sentido de “fazer a feira” para centenas de atores sociais ligados diretamente a essa atividade, uma vez que esses espaços passam a compartilhar além de moedas de troca, saberes, tradições, hábitos e costumes negligenciados pelos mais diversos documentos oficiais de regulação do uso do solo urbano.

3.2.2. A Dimensão espacial das feiras livres em Belém-Pa

Partindo para outro ponto de vista, privilegiando a *dimensão espacial das feiras livres em Belém* têm-se como características centrais alguns pontos de extrema relevância, tais como: a *localização geográfica* de dezenas de feiras livres espalhadas pela cidade; a *diferenciação espacial* (como formação histórica, quantidade de feirantes ocupados, tipos de produtos comercializados) estabelecidas entre si e a *tipologia* das inúmeras feiras livres em Belém, levando em consideração o papel que esses espaços passam a cumprir na dinâmica de reprodução do espaço urbano.

A necessidade de analisar o espaço das feiras livres no contexto de estruturação do espaço da cidade se dá pelo fato de que a compreensão da relação

entre sociedade e espaço ocorre a partir da espacialidade das relações sociais construídas historicamente. Nas palavras de Carlos (2007, p. 90)

O entendimento da cidade deve ser feito tendo como pano de fundo a sociedade urbana em processo de constituição, portanto, em movimento. Significa, na perspectiva geográfica, pensar a cidade a partir da espacialidade das relações sociais em sua natureza social e histórica.

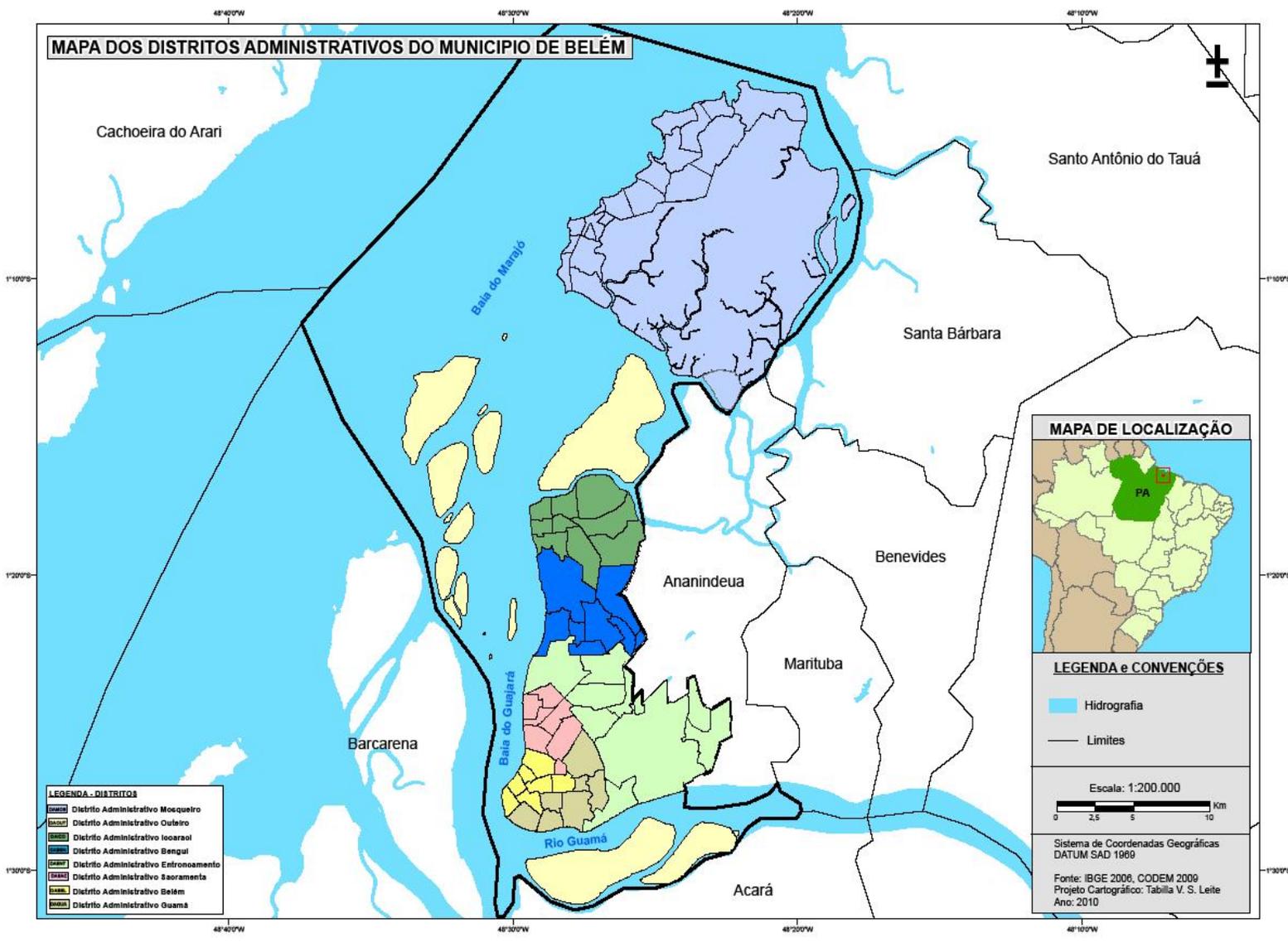
A cidade de Belém apresenta em sua estrutura urbana oito Distritos Municipais, nos quais a atuação do Poder Público local se torna efetiva (veja o mapa 3: Distritos Administrativos de Belém). Tal divisão municipal corresponde a uma forma de planejar a ação do Estado no município, tomando como referência a lei de Zoneamento Urbano (ZU) e o Plano Diretor Urbano (PDU).

Como já foi mencionado, nas páginas anteriores, a cidade de Belém conta com trinta e quatro feiras livres legais, e sete feiras ilegais (SECON, 2009) espalhadas pelos vários bairros e distritos municipais. Observe o mapa 4, sobre a localização geográfica das feiras livres no município de Belém.

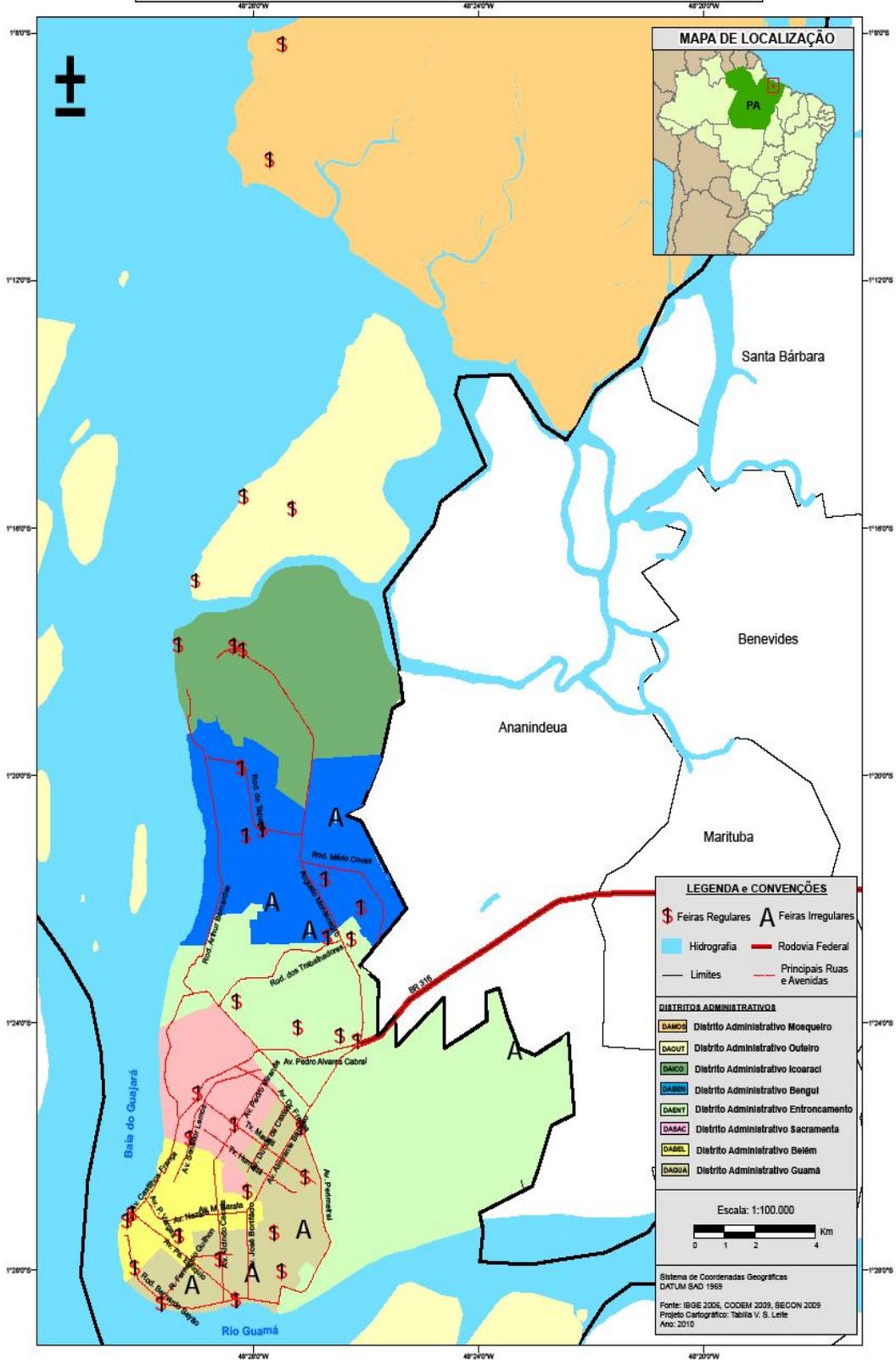
Com relação à localização geográfica dos inúmeros pontos de feiras livres espalhados pela capital paraense, é possível identificar algumas características espaciais. Existem dois tipos de espaços de feiras. Aqueles que se localizam a beira rio e aqueles que se espalham pelas ruas e avenidas de bairros centrais e periféricos.

Esta condição geográfica constitui-se num fator preponderante e serve como base para se buscar a explicação sobre a organização espacial desses pontos comerciais na cidade. Isso porque muitos desses espaços de consumo popular passam a se estruturar a partir da dinâmica de formação e expansão do espaço urbano em Belém, logo a sua respectiva localização no sítio urbano irá expressar essa condição e também porque a dinâmica de funcionamento desses espaços depende, substancialmente, da posição geográfica em que se encontram na cidade.

Dessa forma, as feiras livres situadas à beira rio (à margem do Rio Guamá ou à margem da Baía do Guajará) cumprem uma função dentro do contexto de formação do espaço urbano bastante relevante. Inicialmente, é possível destacar que esses espaços funcionam como pontos de articulação entre o continente e a parte insular da cidade.



LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DAS FEIRAS LIVRES EM BELÉM-PA



Essa condição pressupõe o reconhecimento de uma lógica de funcionamento que tem no rio, um elemento central para se pensar a organização espacial nesses locais. Conforme a leitura do último mapa, esses espaços de feiras estão dispostos em locais estratégicos, do ponto de vista geográfico. Entre outras coisas, situam-se próximos as principais ilhas do estuário amazônico, permitindo uma maior aproximação econômica entre esses diferentes pontos.

Além disso, são pontos comerciais que acompanham a lógica de expansão urbana ao longo da chamada Orla Sul da cidade, estabelecendo um novo ritmo de ocupação e organização do espaço no local. Nesse sentido, inúmeros trapiches e portos passaram a se fixar nessa porção da cidade, intensificando a relação entre a “cidade continental” e a “cidade insular”.



Fotografia 15 - Feira do Porto da Palha em Belém-Pa
Fonte: www.diariodopara.com.br, acesso em 14/01/10



Fotografia 16- Feira do Ver-o-Peso – aspectos do circuito inferior da economia urbana, na principal feira livre da cidade.
Fonte: www.round-the-world-trip.com, acesso em 10/01/10

Desse modo, as feiras livres localizadas à margem do rio funcionam como verdadeiros entrepostos comerciais, que participam ativamente da vida econômica da cidade, ou melhor, do município, uma vez que articula a dinâmica de produção das famílias localizadas nas ilhas com as famílias dos inúmeros bairros próximos ao rio.

Nesse sentido, percebe-se que os fluxos de pessoas e mercadorias que se estabelecem nos espaços de feiras livres ao longo da Orla Sul da cidade emanam do rio, pensado enquanto um elemento natural de circulação e articulação de realidades, ao mesmo tempo, opostas e complementares na cidade de Belém.

É nessa porção da cidade que coexistem também diferentes tipos de espaços, ou seja, a simbiose entre o urbano e o rural ganha força à medida que os laços entre forma e conteúdo se consolidam, a partir das características do lugar. Nessa franja urbana, a dimensão da vida ribeirinha ganha fôlego e realiza em diferentes momentos e com diferentes ritmos a sua inscrição na vida da cidade e, contraditoriamente, passa a contrastar com a vida na/da grande metrópole “moderna”, cujo “tempo rápido”, que normaliza as pessoas e os objetos, é a marca de sua existência.

Nesse sentido, as feiras livres comportam-se como verdadeiros “espaços residuais” (LEFEBVRE, 1999), diante da plenitude das formas urbanas complexas, que marcam comportamentos sociais, na maioria dos casos, estranhos à realidade local.

Cria-se também, a partir da existência desses espaços, uma imagem da cidade. Isto é, a dita *cidade ribeirinha* passa a se expressar a partir dos elementos e das relações sociais construídas no presente das feiras livres do lugar. Tais espaços carregam um significado que transcende o aspecto comercial, chegando mesmo a expressar significados socioculturais capazes de estruturar diferentes cotidianos na cidade.

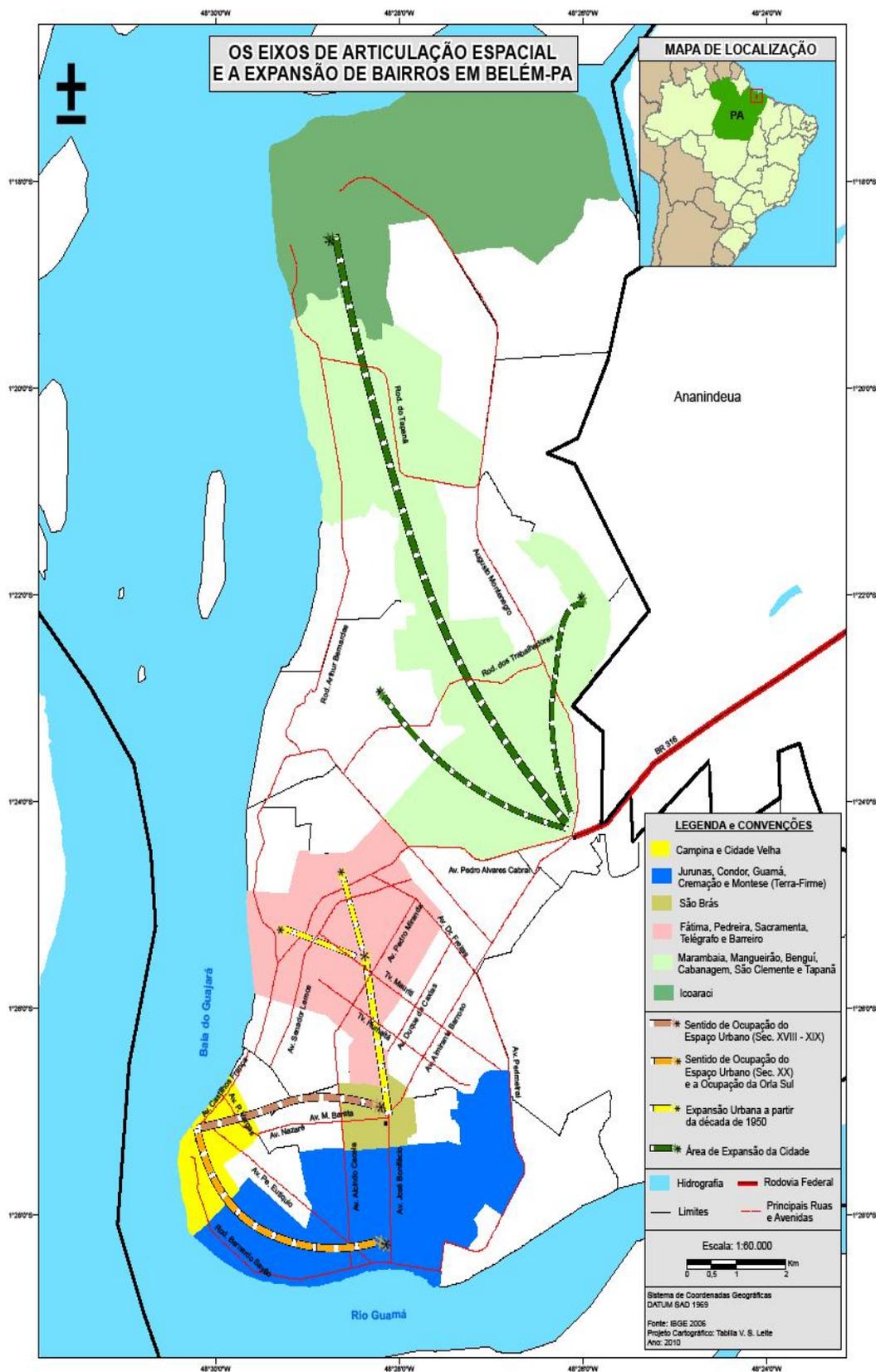
No tocante as feiras livres situadas ao longo das ruas e avenidas da grande cidade, verifica-se uma outra dinâmica de organização espacial existente. Nesses locais, há dezenas de espaços de comercialização que foram (e ainda estão) sendo estruturados a partir do processo de expansão urbana em Belém.

Assim, novas áreas foram rapidamente incorporadas à cidade, principalmente nos distritos municipais correspondentes ao DASAC (Distrito Administrativo

Sacramenta), (Distrito Administrativo Entroncamento (DAENT) e Distrito Administrativo Belém (DABEN), áreas que apresentaram um rápido processo de ocupação do espaço nos últimos quarenta anos. (ver mapa 5, sobre eixos de articulação espacial e formação de bairros em Belém-PA.)

Como grandes áreas de concentração populacional, estes espaços comportam uma quantidade bastante expressiva de redes de comércio formais e informais. São lojas, supermercados, mercearias e grandes feiras livres, dispostas nas principais vias de circulação do lugar.

A conjugação de múltiplas formas de comércio varejista nessas porções do sítio urbano evidencia a constante necessidade de promover a circulação de mercadorias, com vistas ao abastecimento da população local. Além do mais, são áreas que conjugam uma grande diversidade social, concentrando famílias de diferentes perspectivas de renda. Associado a isso, são áreas em que se verifica a forte expansão de grandes grupos empresariais voltados para o setor imobiliário, tornando certos espaços bem mais valorizados, do ponto de vista da reprodução do capital no ambiente urbano.



Em síntese, a área de expansão da cidade de Belém passou a abrigar uma série de novos elementos espaciais (como as feiras livres, por exemplo), que imprimiram uma nova configuração geográfica no lugar, principalmente no que diz respeito à distribuição, circulação e consumo de mercadorias.

A permanência ou mesmo a expansão dos espaços de feiras ao longo das principais vias de circulação dos bairros considerados periféricos evidencia um processo de apropriação do espaço, mediante a realização do trabalho informal.

Com isso, há o fortalecimento do *circuito inferior da economia*, que passa a estruturar diversas relações econômicas e sociais em torno dos espaços de feiras em Belém. O crescimento do número de feiras na/da cidade, principalmente, nos locais de ocupação recente reflete essas questões. Além disso, as transformações verificadas no mundo do trabalho têm empurrado um número cada vez maior de pessoas às atividades informais, nos grandes centros urbanos.

Assim, a expansão do número de feiras livres na área de expansão da cidade de Belém está relacionada tanto aos aspectos econômicos e sociais quanto aos aspectos geográficos relacionados à ocupação de áreas periféricas, que necessitam desse tipo de atividade para disseminar outras formas de consumo, direcionadas a um outro tipo de clientela.

Verifica-se também uma dinâmica de circulação e distribuição de mercadorias e gêneros agrícolas que se difere, e muito, dos padrões existentes nos pontos comerciais localização à beira rio. Enquanto espaços situados ao longo das principais vias públicas dos seus respectivos bairros, as feiras livres concentradas em áreas de expansão urbana apresentam uma dinâmica de funcionamento atrelada originalmente aos fluxos provindos da rodovia, sobretudo, da região nordeste do estado do Pará.

São os casos da feira do Entroncamento e da feira do Parque União (Tapanã), em que grande parte do comércio desenvolvido nesses espaços é fruto direto da interligação das áreas agrícolas do nordeste paraense às áreas urbanas em Belém. Sobre os principais produtos comercializados e o padrão de organização espacial das referidas feiras, observe os dados abaixo.

ATIVIDADE	TIPO DE EQUIPAMENTO																		TOTAL GERAL
	ARREADO		BARRACA		BOX		ESTRADO		LOJA		TABULEIRO		TALHO		TANQUE		TOTAL		
	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	
HORTIGRANJEIRO			93								4						97	0	97
INDUSTRIALIZADO			51														51	0	51
LANCHE/REFEIÇÃO.			12														12	0	12
MERCEARIA			4														4	0	4
CAMARÃO/PEIXE SECO			18														18	0	18
FARINHA			28														28	0	28
ARTESANATO			2														2	0	2
PLANTAS ORNAMENTAIS																	0	0	0
ART UMBANDA/ERVAS MEDICINAIS			5														5	0	5
SERVIÇOS			13														13	0	13
CARNE BOVINA/SUINA			2														2	0	2
FRANGO ABATIDO											5						5	0	5
VÍSCERAS			3														3	0	3
PEIXES			4														4	0	4
CAMARÃO FRESCO																	0	0	0
CARANGUEJO															17		17	0	17
DEPÓSITO																	0	0	0
TOTAL	0	0	235	0	9	0	0	0	17	0	261	0	261						

Quadro 3- Situação de ocupação da feira do entroncamento - Ano 2007

Fonte: SECON (2009)

ATIVIDADE	TIPO DE EQUIPAMENTO																		TOTAL GERAL	
	ARREADO		BARRACA		BOX		ESTRADO		LOJA		TABULEIRO		TALHO		TANQUE		TOTAL			
	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.		
HORTIGRANJEIRO			51		4												55	0	55	
INDUSTRIALIZADO			44		49												93	0	93	
LANCHE/REFEIÇÃO.			3		27												30	0	30	
MERCEARIA			7		10												17	0	17	
CAMARÃO/PEIXE SECO			8		4												12	0	12	
FARINHA			8		4												12	0	12	
ARTESANATO																	0	0	0	
PLANTAS ORNAMENTAIS			1		21												22	0	22	
ART UMBANDA/ERVAS MEDICINAIS					3												3	0	3	
SERVIÇOS			5		21												26	0	26	
CARNE BOVINA/SUINA			10		6												16	0	16	
FRANGO ABATIDO			12		7												19	0	19	
VÍSCERAS			3		2												5	0	5	
PEIXES			16		2												18	0	18	
CAMARÃO FRESCO			9		5												14	0	14	
CARANGUEJO														5			5	0	5	
DEPÓSITO			2		34												36	0	36	
TOTAL	0	0	179	0	199	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0	383	0	383

Quadro 4- Situação de ocupação da feira parque união (Tapanã) - ano 2009:

Fonte: SECON (2009)

Como se pode perceber há uma grande variedade de produtos oferecidos para venda nesses espaços. Nesses locais, pode-se encontrar quase tudo aquilo que é comercializado pelas grandes redes de supermercado da cidade, desde produtos agrícolas regionais até peixes e mariscos. A diferença gira em torno do padrão de consumo realizado nessas duas realidades. Enquanto que nas grandes redes do comércio varejista impõe-se uma ordem de consumo marcada pela presença do *circuito superior da economia*, nas grandes feiras livres espalhadas pela periferia impõe-se uma lógica de funcionamento comandada pelos padrões de consumo ligados ao *circuito inferior da economia*.

Nessas distinções estão encarnadas simultaneamente as ideias voltadas para o moderno e o tradicional. A primeira representada pela disseminação de novas práticas comerciais e de consumo na grande cidade, na qual os templos comerciais e arquitetônicos da classe média e média alta, favorecidos pela sua grandiosa infraestrutura tentam *importar* e *adaptar* fragmentos das feiras livres para dentro de seus respectivos estabelecimentos.

Por outro lado, o tradicional segue representado pela existência cotidiana de centenas de feirantes, fregueses, vendedores ambulantes, artistas de rua que encaram nesses espaços um modo de viver e consumir menos perverso e mais singular. Nesse sentido, são espaços de características múltiplas, cuja dimensão econômica espelha apenas um dado momento de sua existência.

Como espaços residuais, conforme a leitura de Lefebvre (1999), e ancorados pela lógica de funcionamento do circuito inferior da economia, segundo Santos (1979), as feiras livres às margens das vias públicas ratificam seu papel no processo de produção do espaço urbano em Belém. Representam, antes de tudo, verdadeiros espaços de consumo coletivo e mais democrático, uma vez que possibilita o acesso de várias camadas sociais aos bens de consumo. Além disso, representam um reflexo da realidade social e espacial da capital paraense, em que a Geografia das feiras livres passa a estabelecer novas modalidades de consumo e novos ritmos de vida coletiva na/da cidade.

4 **VER-A-FEIRA LIVRE EM BELÉM:** a marca de um fenômeno na cidade contemporânea

Fica cada vez mais explícito o relevante papel que os espaços de feiras cumprem no contexto de estruturação urbana da capital paraense. Num total de quarenta e uma feiras (das quais trinta e quatro são regulares e sete irregulares, segundo a Secretaria Municipal de Economia) espalhadas pelos diferentes bairros e distritos do município, estes espaços espelham os diferentes momentos de formação da mancha urbana local, evidenciando a grande dependência econômica do município em relação às atividades terciárias.

Diferente de outros pontos espalhados pelo Brasil afora, em Belém, as feiras livres apresentam um dinâmica própria, singular, do ponto de vista da organização do espaço. A justificativa para tal dinâmica reside na peculiaridade geográfica e cultural que esses passaram a resguardar, ao longo do tempo.

Quando se destaca a peculiaridade geográfica desses espaços, não se trata apenas de suas respectivas localizações geográficas no município, e sim de suas relações estabelecidas com o(s) bairro(s), com o(s) distrito(s) e, sobretudo, com a cidade. Nesse sentido, tais espaços não são pontos absolutos na superfície urbana, são, antes de tudo, pontos relacionais com funções diferenciadas no contexto de produção do espaço urbano.

Daí a necessidade de pensar nas feiras livres à beira-rio e nas feiras livres em vias públicas do município. Isso significa valorizar a importância da localização geográfica, às vezes, contraditoriamente, negligenciada nos estudos geográficos, porque feito por meio da análise do sítio e da posição, leva ao reconhecimento dos sistemas que organizam o espaço. (DOLFUSS, 1973).

Pensar na existência das feiras livres em Belém, desconsiderando os elementos básicos da análise geográfica, é, no mínimo, refutar a importância do território e do espaço na configuração das ações individuais e coletivas de diferentes atores e/ou grupos sociais na organização do espaço urbano.

O sítio representa o receptáculo territorial de um elemento no espaço. A posição depende do sistema de relações que o elemento mantém com outros elementos, estejam estes próximos ou distantes. Sítio e posição se acham dialeticamente ligados, mas constituem duas noções ao mesmo tempo distintas e complementares (DOLFUSS, 1979).

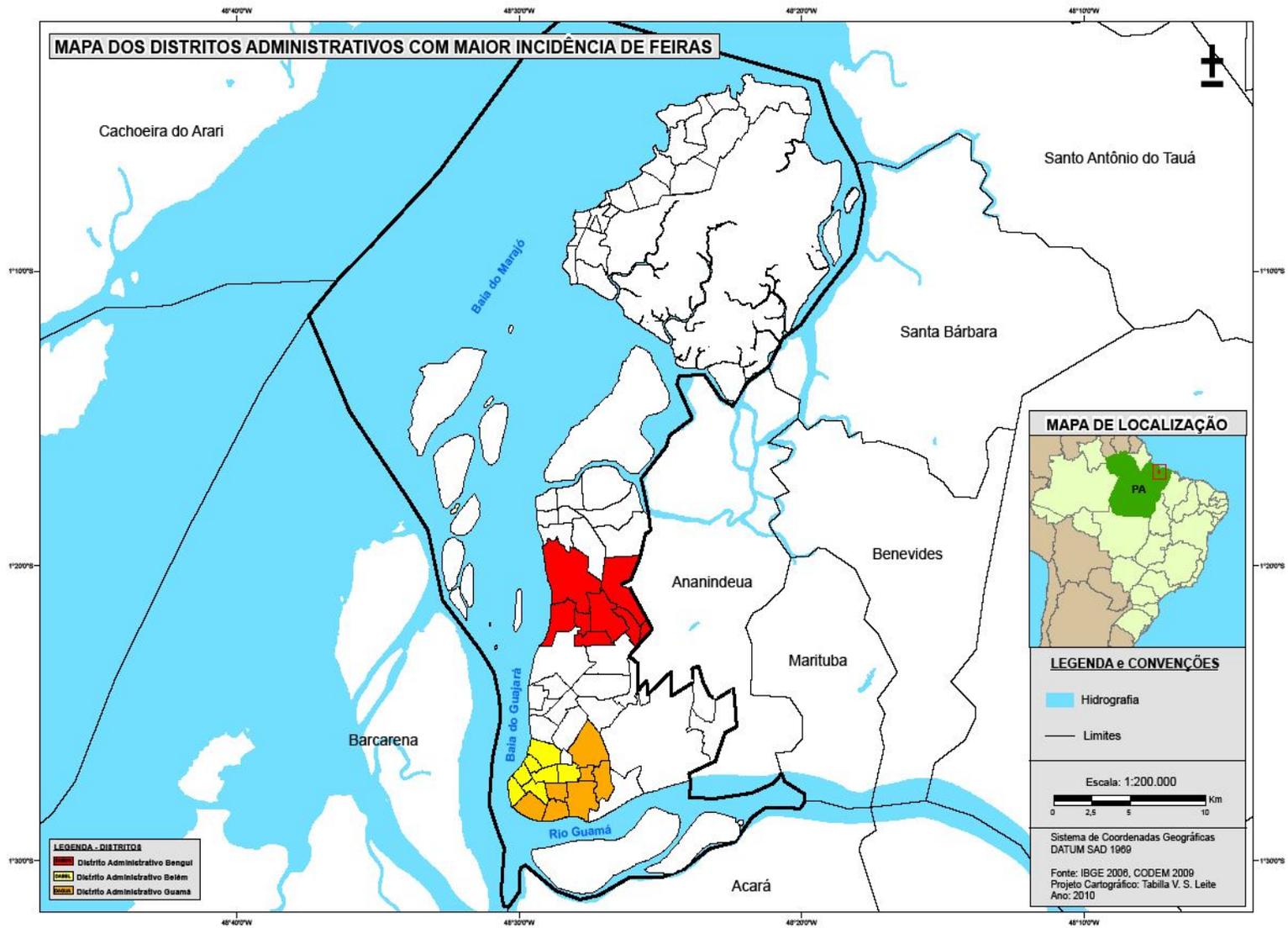
Não por acaso, grande parte das feiras livres em Belém estão concentradas em poucos distritos administrativos do município⁴. Tal concentração está relacionada a vários fatores, dentre os quais se pode considerar como mais importantes: a formação histórica dos respectivos bairros onde se encontram e o rápido crescimento urbano em direção as áreas periféricas da cidade.

No caso das feiras livres dos bairros correspondentes ao Distrito Administrativo Guamá, verifica-se uma grande quantidade desses pontos comerciais espalhados pelas principais vias públicas dos bairros. A presença de feiras livres “regulares” e “irregulares” evidencia um rápido crescimento desses espaços nos últimos anos, uma vez que se trata de uma área de ocupação recente na cidade.

Além disso, são áreas de grande concentração populacional e, relativamente, de baixo poder aquisitivo se comparada às áreas centrais da cidade. Isso força, cada vez mais, o surgimento e a expansão do número de feiras livres nesses locais.

Já no caso das feiras livres situadas nos bairros correspondentes ao Distrito Administrativo Bengui, verifica-se quase que o mesmo processo de estruturação desses espaços, com apenas uma diferença. Tais pontos comerciais são resultado do sentido da ocupação urbana na cidade, nas últimas décadas do século XX, conforme mapa 5. Portanto, são espaços recentes que passaram a se estruturar de acordo com a evolução urbana da cidade, que, nesse fragmento territorial, tem no comércio uma das principais atividades econômicas do lugar.

⁴ De acordo com o levantamento realizado durante a pesquisa, apenas três Distritos Municipais (DABEL, DAGUA E DABEN) concentram vinte e uma feiras livres, das quais seis são consideradas irregulares pela SECON. Dentre elas estão a feira do Jurunas, na Av. Fernando Guilhon, a feira do Guamá, na Trav. Barão de Igarapé Miri e a feira da Terra Firme (atual Montese), na Av. Celso Malcher. São feiras que apresentam uma importância econômica e social muito grande para o bairro onde se encontram Ver mapa 6 na página seguinte.



Assim, a localização dos principais espaços de feiras livres em Belém leva em conta a relação entre sítio e posição.

Isso ocorre porque a existência desses espaços em diferentes pontos da cidade tende a apresentar diferentes lógicas de organização espacial nos locais onde podem ser encontrados.

Compreender a dinâmica de estruturação dos espaços de feiras em Belém pressupõe reconhecer a sua dimensão geográfica perante o processo de formação e expansão do urbano na cidade. Nesse aspecto, tais espaços (re)inventam lógicas cotidianas de existência, principalmente aqueles locais considerados “irregulares” pelo Poder Público Municipal, mas que têm relevantes funções e relações no quadro socioespacial em que estão inscritos. Por outro lado, são espaços comerciais que se confundem com espaços culturais, dado o significado que eles assumem no cotidiano de fregueses e feirantes, no mosaico de relações que são estruturadas a partir de uma convivência mais solidária.

Nesses locais são estabelecidas interações sociais que resguardam a cultura local e regional, como forma de resistir às investidas das ações modernizadoras propaladas pela Gestão Pública Municipal. Assim como em outras regiões brasileiras, a exemplo do nordeste brasileiro, as feiras livres amazônicas, em especial as localizadas na cidade de Belém, sobretudo, aquelas próximas ao rio, tendem a reforçar com maior grau os seus vínculos simbólico-culturais relacionados à região.

Ao atrelar as suas lógicas de funcionamento à dinâmica do rio, esses espaços passam a carregar uma série de significados para os espaços urbanos, no qual estão inseridos, que vão desde a valorização dos produtos agrícolas regionais até a construção de uma certa identidade ribeirinha. Desse modo, há uma simbiose entre economia-sociedade-cultura naqueles espaços de feira localizados próximos aos corpos hídricos da cidade.

Nesse aspecto, a existência da(s) feira(s) livre(s) nesse(s) ponto(s) da cidade funciona como suporte para a manutenção das tradições ribeirinhas, justificada pela íntima relação entre a parte continental da cidade com sua parte insular.

Não se pode negar que as relações horizontais entre os diferentes grupos sociais se fazem presentes com maior força nesses espaços, locais privilegiados de construção e manutenção das sociabilidades urbanas.

Assim, a feira livre na capital paraense se constitui como um fenômeno que apresenta inúmeras interpretações, dentre as quais a geográfica, que está sendo o alvo de interesse nessa pesquisa.

Considerando a feira um espaço de apropriação coletiva, em que se efetuam uma diversidade de relações e processos urbanos, pode-se pensar de maneira mais complexa na interação que tais espaços estabelecem com o município de Belém. Em geral, são espaços que ocupam vastas extensões dos logradouros municipais e concentram uma grande quantidade de pessoas que se dividem em diversas funções dentro da feira. Feirantes, fregueses, vendedores ambulantes, artistas de rua, lojistas, artesãos, profissionais de ofício e etc., são apenas alguns personagens que podem ser encontrados nos mais diversos pontos de feiras na capital.

Durante a realização da pesquisa, foi bastante comum ouvir relatos com o seguinte teor:

Aqui nessa feira [em Icoaraci, Rua 8 de maio] eu encontro de tudo um pouco. Eu só venho aqui, porque aqui nesse lugar já compro quase tudo que eu preciso lá em casa. Compro fruta, peixe, carne, verdura e até uma roupa, quando sobra um dinheirinho. [...] As coisas aqui na feira têm um preço bom, não tá tão caro e nem tão barato, mas dá pra comprar e só saber pesquisar um pouco (Informação verbal)⁵

Como se percebe, o freguês se sente bem à vontade para escolher a mercadoria que necessita. A feira se constitui, para ele, como algo necessário para a manutenção de suas condições de sobrevivência. Nela, a diversidade de produtos é algo importante, já que a variedade de gêneros e artigos industrializados tende a atrair uma quantidade maior de pessoas para seu interior.

Já em outro ponto da cidade, a feira se resume ao momento de lazer e descontração, principalmente quando, no dia anterior, a disputa futebolística se fez presente na realidade paraense.

Hoje eu só estou pra uma coisa. Não tó a fim de trabalho, só quero ver a cara dos bicolores. Falaram que a gente ia apanhar feio deles. E agora, onde eles estão? Tá cheio de freguês querendo comprar a

farinha deles aqui na feira [da pedreira] e eles estão com uma dor de cabeça que nem se levantaram para trabalhar. É o jeito eu vender no lugar deles. (Informação verbal, 2009)

Não se pode negar que a feira é também o lugar do encontro e do desencontro. A manifestação de sua singularidade está no processo cotidiano de permanência dos laços de amizade e solidariedade entre os seus principais atores sociais. A vitória ou a derrota do time rival é motivo de alegria (ou tristeza) para muitos feirantes que fazem desse espaço um local privilegiado das suas ações coletivas.

Quando, no dia seguinte ao jogo de futebol, o trabalho é negado pelo feirante, identifica-se uma dada temporalidade que permeia, não só aquele feirante do bairro da Pedreira, mas muitos outros espalhados pelos diferentes pontos do município. A negação do trabalho exprime um ritmo de vida baseado no tempo lento, de homens lentos, como afirmava Milton Santos, que rivaliza com outras lógicas dentro da cidade.

Agora, é possível também identificar certas relações de fidelidade por parte dos fregueses que se embrenham nos corredores armados de bancas e tabuleiros das feiras livres da cidade.

Eu só venho aqui nessa feira [feira do barreiro] porque eu já sei onde comprar, de quem comprar e aquilo que vou comprar. Além de conhecer muitos feirantes daqui, eles me conhecem também, a maioria deles são daqui de perto. Então quase todo mundo se conhece aqui. Antes eu tinha que ir lá no telégrafo ou no Ver-o-peso, mas agora, a gente compra tudo aqui e se quiser tem até mais coisa que muita feira. Tem gente que vem de outros bairros comprar aqui porque além de ser barato as coisas, tem muita variedade. Ai é bom pra nós, fregueses. (Informação verbal, 2010)

É inegável a condição estratégica que os diferentes pontos de feiras livres assumiram no município de Belém. A feira do Barreiro, como é conhecida, é uma extensão da feira da Rua São Benedito, que aos poucos perdeu sua condição hegemônica no bairro.

Ultimamente, a feira do Barreiro se consolidou como um dos principais pontos de feiras da cidade de Belém, em função da grande variedade de mercadorias disponível aos fregueses e também pela concentração de grandes redes de

comércio varejistas no local, possibilitando a ampliação das trocas comerciais naquele lugar.



Fotografia 17 e 18: Feira do barreiro e a diversidade de produtos comercializados. Foto de: Medeiros (2010)

Ainda do relato acima, percebe-se um fator preponderante na feira livre do Barreiro, pois ele é um espaço, assim como outros dentro da cidade, que tem a capacidade de polarizar bairros próximos, isto é, há um constante fluxo de pessoas de outras localidades da cidade em busca de melhores vantagens econômicas na aquisição de produtos e mercadorias.

Além disso, os números sobre o processo de ocupação da feira chegam a causar surpresa para quem desconhece a sua realidade, dada a quantidade de equipamentos e do número de feirantes no lugar (quadro 5 e 6).

Pontos comerciais como aqueles encontrados na feira do Barreiro apenas reforçam a ideia de que estes espaços cumprem uma função no processo de formação do espaço urbano. No caso desta feira, há uma forte relação do bairro com a economia que se desenvolve no interior da feira. É partir dela que o consumo de bens e equipamentos se dissemina agregando um número cada vez maior de pessoas dependentes de sua existência. A força do circuito inferior da economia urbana reside justamente nessas relações de troca menos desfavoráveis para a grande massa populacional.

Assim, num grande espaço de relações econômicas produtivas, do ponto de vista da circulação de capitais, a feira livre se consolida e cada vez mais amplia sua condição estratégica no contexto de produção do espaço urbano da cidade e

principalmente do bairro e do distrito em que ela se encontra. Certamente, a feira do Barreiro se constitui como uma das maiores feiras livres existentes na cidade.

Em outro ponto da cidade, já na área de expansão recente, a feira livre da Cabanagem, na Rua Damasco, reflete uma condição interessante de ser analisada. Conforme os relatos seguintes, a feira não só “emprega” a população do bairro, mas também possibilita a compra de muitas famílias que não podem usufruir de outras realidades urbanas.

Na nossa feira nós temos muita coisa. Aqui você ver as barracas de frutas, do outro lado as lojas, ali na frente a farinha, mas lá pra frente tem o peixe e assim por diante. Aqui muita gente se emprega, tira o seu próprio sustento daqui mesmo. Eu venho quase todo dia aqui, sempre tenho que comprar alguma coisa que tá faltando em casa, então venho logo cedo, porque depois dá muita gente e tem muitos “espertinhos” só de olho no nosso dinheiro. [...] Se não fosse essa feira aqui, eu não sei se teria dinheiro pra comprar lá supermercado. (Informação verbal, 2010)

Tem gente vindo até de lá do Bengui pra comprar comigo aqui. Eu já vendo aqui há mais de 10 anos, logo que eu me mudei pra cá, quando fiquei desempregado. [...] Essa feira aqui cresceu muito, acho que ela é a maior desse perímetro porque dia de sábado vem muito carro prá, aquela rua ali [Av. Independência] fica lotada. Tem gente de Ananindeua, do Satélite, dali do Mangueirão, do panorama e de tudo quanto é lugar. [...] Acho que o nosso preço deve ser melhor do que em outras feiras, porque senão não vinha tanta gente pra cá. (Informação verbal, 2010)

Não é de se espantar a revelação das informações relatadas acima, tanto por uma usuária da feira quanto por um feirante que está acerca de dez anos vivendo de sua atividade informal. Na verdade, a feira da Cabanagem reflete esse rápido e intenso processo de expansão urbana verificado em Belém, nos últimos trinta anos. A história de formação das feiras desses locais acompanha a história de vida de muitas famílias que estão nesses bairros.

ATIVIDADE	TIPO DE EQUIPAMENTO																		TOTAL GERAL	
	ARREADO		BARRACA		BOX		ESTRADO		LOJA		TABULEIRO		TALHO		TANQUE		TOTAL			
	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.		
HORTIGRANJEIRO					53							45						98	0	98
INDUSTRIALIZADO					123							363						486	0	486
LANCHE/REF.			4		21													25	0	25
MERCEARIA					39													39	0	39
CAMARÃO/PEIXE SECO					1													1	0	1
FARINHA					25		5											30	0	30
ARTESANATO																		0	0	0
PLANTAS ORNAM.																		0	0	0
ART UMBANDA/ERVAS MEDICINAIS					3													3	0	3
SERVIÇOS					3													3	0	3
CARNE BOVINA/SUINA					31													31	0	31
FRANGO ABATIDO			1		16													17	0	17
VÍSCERAS					2													2	0	2
PEIXES					23													23	0	23
CAMARÃO FRESCO																		0	0	0
CARANGUEJO																		0	0	0
DEPÓSITO																		0	0	0
TOTAL	0	0	5	0	340	0	5	0	0	0	0	408	0	0	0	0	0	758	0	758

Quadro 5 - Situação de Ocupação da Feira do Barreiro - Ano 2009

Fonte: SECON (2009)

ATIVIDADE	TIPO DE EQUIPAMENTO																		TOTAL GERAL
	ARREADO		BARRACA		BOX		ESTRADO		LOJA		TABULEIRO		TALHO		TANQUE		TOTAL		
	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	OCUP.	DESEC.	
HORTIGRANJEIRO			30		5		1				3						39	0	39
INDUSTRIALIZADO			23		16												39	0	39
LANCHE/REF.					23	4											23	4	27
MERCEARIA			10		12	2	1										23	2	25
CAMARÃO/PEIXE SECO			2														2	0	2
FARINHA					1		6										7	0	7
ARTESANATO																	0	0	0
PLANTAS ORNAMENTAIS.																	0	0	0
ART UMBANDA/ERVAS MEDICINAIS			3		4												7	0	7
SERVIÇOS			2		8												10	0	10
CARNE BOVINA/SUINA			1		8												9	0	9
FRANGO ABATIDO			5		19	1			1		1						26	1	27
VÍSCERAS			2														2	0	2
PEIXES			19		7						1						27	0	27
CAMARÃO FRESCO																	0	0	0
CARANGUEJO			1												2		3	0	3
DEPÓSITO																	0	0	0
TOTAL	0	0	98	0	103	7	8	0	1	0	5	0	0	0	2	0	217	7	224

Quadro 6 - Situação de Ocupação da Feira Damasco (Cabanagem) - Ano 2009:

Fonte: SECON (2009)

A situação encontrada na feira da Cabanagem parece ser semelhante a de muitos outros espaços de feiras encontrados em Belém, principalmente nos bairros mais afastados do centro da cidade. Isso porque são espaços pouco estruturados do ponto de vista arquitetônico e, de certa maneira, negligenciam as normas de uso do espaço público definidas em Lei.

É importante notar, no relato de feirante, que a feira da Rua Damasco sinaliza como um importante entreposto comercial, uma vez que consegue polarizar os bairros mais próximos, como o Mangueirão, Panorama XXI, e até pequenas áreas de Ananindeua.

A dimensão geográfica das feiras livres em Belém se faz presente quando se revela a importância da localização geográfica desses espaços e a função urbana que eles passam a cumprir na configuração espacial do bairro ou mesmo do distrito em que estão inseridos.

Na feira livre do Entroncamento, a situação torna-se um pouco mais complexa, posto que o processo de formação e consolidação desse espaço enquanto entreposto comercial é recente e acompanha toda a história de instabilidade econômica e social vivida pela população de Belém, por volta dos anos 1980 e também corresponde ao reflexo do intenso processo de ocupação do espaço na zona de expansão da cidade.

Tudo começou nos primeiros anos do Governo de Jader Barbalho, quando passou a realizar várias obras na Rodovia do cruzamento do Entroncamento, na qual havia um grande galpão do antigo Supermercado Brilhante, onde trabalhavam muitas pessoas desenvolvendo atividades comerciais e servia de referência para os moradores do bairro que faziam suas compras, principalmente de hortigranjeiro, pescados, vísceras, carnes, entre outros.

Ao conversar com um dos feirantes mais antigos da região fica bem mais evidente o processo de formação e consolidação do Entroncamento como espaço de feira.

Em 1985, isso aqui era tudo abandonado. A gente ficava ali onde é o meio a meio hoje, antes era o Brilhante. Era uma coisa feia, suja, sem nenhuma estrutura pra nós trabalhar e eu lembro que a cada ano crescia mais o número de pessoas lá dentro. Ai veio aquelas obras do Governo e tirou todo mundo de lá. Na época nós recebemos um dinheiro do Governo, mas não deu para muita coisa não. Muita gente daquela época está aqui nessa rua hoje,

trabalhando (Rua da Prainha), eu sou um deles. (Informação verbal, 2010)

O Governo do Estado desapropriou o Supermercado Brilhante e indenizou todos os trabalhadores, que ficaram desempregados. Como ainda tinham estoques reservados esses trabalhadores informais se uniram e passaram a vender as suas mercadorias, antes vendidas dentro do galpão. Eles se reuniram e decidiram montar barracas e trabalhar na Rua da Prainha, onde teve início a Feira do Entroncamento, logo depois a maioria desses feirantes deslocou-se para esquina da Av. Pedro Álvares Cabral, em frente ao Mercado Batistão e daí por diante a feira cresceu em dois sentidos, tanto para Pedro Álvares Cabral, quanto para a Rua da Prainha.

Sua posição estratégica é algo de extrema relevância. Ao se localizar na porta de entrada da cidade, logo se tornou um dos principais pontos de abastecimento da cidade, uma vez que os fluxos de produtos agrícolas advindos da região nordeste do Pará convergiam para essa área. Assim, muitos produtores das pequenas e médias cidades sob influência da BR-316 passaram a comercializar grande parte de sua produção nesse ponto da cidade de Belém, economizando tempo e dinheiro.

Na atualidade, a feira do Entroncamento se constitui como uma das maiores feiras livres de Belém, atingindo consumidores de vários bairros e distritos como: Guanabara, Marambaia, Castanheira, Souza, Val de Cães, Sacramenta e, praticamente, toda a região sob influência da Rodovia Augusto Montenegro.

A importância que essa feira assume no contexto de produção do espaço urbano em Belém é tamanha que chega até mesmo a rivalizar sua área de influência com outras feiras livres da capital paraense. Veja o relato abaixo:

Essa feira aqui tem de tudo. Tudo que eu preciso eu encontro aqui ou nessas lojas que ficam aqui perto. Como trabalho dia de semana, costumo vir aqui mais no sábado ou no domingo. E também porque moro um pouco longe [na Sacramenta] e esse deslocamento nesse Sol fica difícil, né? Perto de casa tem a feira do barreiro, mas eu não gosto muito de lá, acho perigoso andar ali. Aqui tem de tudo que uma dona de casa procura para o almoço. (Informação verbal, 2010)

O que chama a atenção é o poder de atração que a feira apresenta na cidade. Por lá circulam centenas de pessoas de vários pontos da cidade, em busca de melhores preços, melhores produtos e melhores condições de compra e venda. Afinal, a feira funciona como um verdadeiro ponto de encontro de pessoas e de atividades, as mais diversas possíveis.



Fotografia - 19 e 20: Feira do Entroncamento – Rua da Prainha e Av. Pedro Álvares Cabral
Foto de Medeiros (2010)

A partir da consolidação da feira ocupando uma grande área daquele local, outras atividades econômicas varejistas passaram a se instalar nas proximidades. Assim, grandes redes de supermercados e de lojas se fizeram presentes no lugar. Tanto o circuito superior quanto o circuito inferior da economia passam a atuar juntos, de acordo com suas próprias características.

Logo que a Yamada chegou aqui, nós ficamos preocupados. Porque tínhamos medo de perder nosso freguês, sem contar que eles compram bem mais que todos nós e ai eles podiam vender mais barato, tirando o nosso freguês da feira. Já viu, né? Lá aceita cartão. Aqui não. Lá o camarada pode comprar de várias vezes. Aqui é só a vista. Lá ele tem ar condicionado. Aqui o Sol doe na cabeça... [...] Mas não foi isso que aconteceu. Muita gente vem prá cá e fica aqui mesmo na feira, a gente tem uma conversa diferente, sabe conquistar o freguês e ai ele acaba comprando e ficando aqui pela rua mesmo. (Informação verbal, 2010)

A preocupação que o feirante apresenta é bastante pertinente, já que os inúmeros espaços de feiras em Belém passaram a disputar economicamente com as grandes redes de comércio varejista da cidade. Nessas redes de supermercados, por exemplo, a feira ou parte dela foi drasticamente importada para dentro dos

corredores padronizados dessas grandes lojas, passando a disseminar um novo padrão de consumo na cidade.

Ainda assim, a feira resiste. Ela se constitui como um fenômeno na cidade capitalista porque sua força não está apenas no volume de mercadorias que são comercializados diariamente nas dezenas de feiras espalhadas na cidade. A sua maior resistência está na capacidade de agregar, num mesmo espaço, diferentes lógicas de organização e funcionamento que, de certa maneira, extrapolam as razões econômicas, colocando-as como fatores secundários, em muitas ocasiões.

No outro ponto extremo da cidade está uma das mais importantes feiras livres da cidade, da região e até mesmo do Brasil. Fala-se obviamente do Complexo do Ver-o-Peso. Uma feira centenária, que carrega múltiplos significados para a cidade. Neste espaço, pode-se encontrar uma síntese dos costumes locais e regionais construídos ao longo de várias gerações.

Localizada às margens da baía do Guajará, no centro histórico de Belém, está a FEIRA DO VER-O-PESO, o ponto comercial mais tradicional da capital paraense, desde o tempo de colônia portuguesa e por mais de um século dividindo com a DOCA DE SOUZA FRANCO e o MERCADO DE FERRO, a paisagem do mais conhecido cartão postal de Belém.

Criado desde 1688, no século XVII, foi instalado no local onde funcionava o porto do Piri (hoje aterrado) e passou a ser chamado de “Lugar de Haver-o-Peso”, por solicitação da Câmara de Belém por meio de uma provisão régia, e funcionou como ponto de controle da economia e, portanto, como local obrigatório de cobranças fiscais sobre os produtos que saiam e chegavam à cidade, formalizando dessa maneira a economia da capitania do Grão-Pará, e desde então adquirindo um lugar definitivo no espaço social da cidade.

Desde então, o Ver-o-Peso está presente na memória como testemunha viva da história, uma vez que por ali passaram ao longo do século XVIII, as raízes do povo paraense: negros vindos da África, indígenas nativos, europeus de além mar, nas suas mais diversas fantasias, comerciantes, missionários, cientistas, e militares, como também outros povos que ajudaram a construir esta grande cidade.

Ali aportou o cientista Charles Marie de La Condamine, quando veio à Amazônia em 1749 fazer as primeiras medições da circunferência terrestre. Dali embarcou, em 1783, Alexandre Rodrigues Ferreira para a primeira expedição

científica luso-brasileira na Amazônia, que duraria cerca de uma dezena de anos e reuniu grande coleção zoológica e etnográfica, além de rica iconografia hoje guardada na Biblioteca Nacional.

Foi também pelo Ver-o-Peso que adentrou, no Brasil, a matéria-prima que transformou a economia do país – “As primeiras mudas de café trazidas por Francisco de Melo Palheta da Guiana Francesa”.

No início do século XVIII, o então governador da colônia, o Conde dos Arcos, para atender o crescimento urbanístico da cidade que já ultrapassava aquela região, mandou aterrar o igarapé do Piri, mantendo a sua foz, transformada na atual doca do Ver-o-Peso.

No decorrer do século XIX, daquele local a população ouviu o lamento e o desespero das vítimas da chacina do Brigue Palhaço e alguns anos mais tarde serviu como cenário do desembarque das tropas cabanas na maior revolta popular da história do Brasil – A Cabanagem.

Ainda nesse mesmo século, desse local a população assistiu impassível a ascensão, o apogeu e a queda do ciclo da Era Gomífera de onde saíram às primeiras exportações do látex da seringueira, e também a exportação para a Malásia da semente da matéria-prima da borracha vegetal e que provocou a interrupção do processo desenvolvimentista que a cidade de Belém, e a região amazônica como um todo, vinham atravessando.

Nesse período, a cidade passou a receber, atraídos pelo dinheiro da borracha, imigrantes sírios, libaneses, italianos e judeus marroquinos que se incorporaram, com seus comércios, seus conhecimentos, e suas esperanças de vencer, no múltiplo cenário humano do Ver-o-Peso fortalecendo, dessa maneira, as raízes da história do povo belenense.

No final do século XIX, uma nova intervenção urbanística afetou a região próxima ao Ver-o-Peso, quando à margem da Baía do Guajará foi aterrada e de onde saíram do cenário urbano os velhos trapiches de madeira e a praia, dando lugar às docas de pedras de lioz.



Fotografia 21- No ano 1898 observa-se a doca do Ver-o-Peso, sem a presença do Mercado de Ferro.

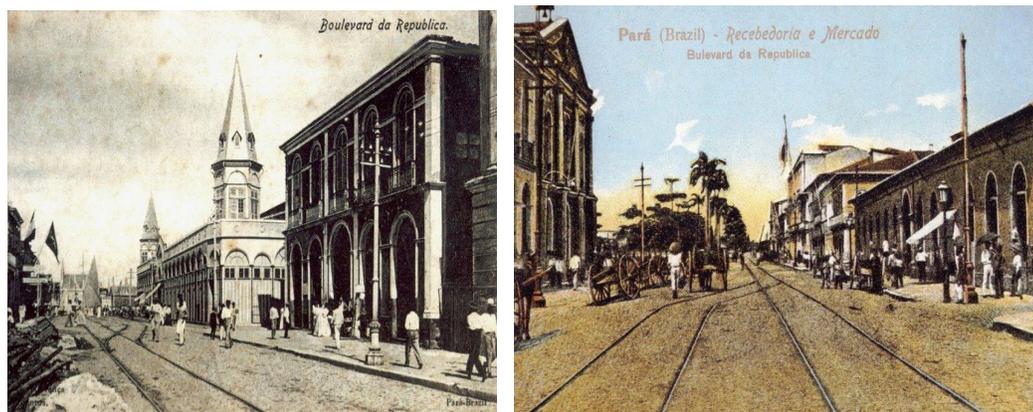
Fonte: Álbum - Belém da Saudade (SECULT, 2000)

Já no século XX, aquele pequeno ponto de tributação fiscal cede lugar para um aglomerado de gente envolvida na atividade comercial. A feira do Ver-o-Peso passa a se constituir no principal entreposto comercial da cidade. Articulado diferentes lógicas dentro do mesmo espaço passa a se constituir no elemento central de articulação da cidade com a região e da região com o mundo, devido à grande circulação da produção gomífera pelas principais casas exportadoras existentes em Belém da época.

A paisagem urbana mudou radicalmente em função da grande capacidade de armazenar capitais, por parte dos comerciantes que se faziam presentes naquele momento da vida econômica da cidade. A doca do Ver-o-Peso revelou uma nova imagem, bem como a sua região mais próxima.



Fotografia 22- Doca do Ver-o-Peso em 1902.
Fonte: Álbum - Belém da Saudade (SECULT, 2000)



Fotografia 23 e 24: Boulevard da República, início do século XX, atual Boulevard Castilho França, principal via de acesso à feira do Ver-o-Peso.
Fonte: Álbum – Belém da Saudade (SECULT, 2000)

Do século XVII ao século XX muitas mudanças ocorreram. O Ver-o-Peso foi transformado não só geográfica como culturalmente. Foi testemunha ocular das transformações históricas, políticas e sociais de uma cidade que cresceu “de costas” para a sua origem, o rio, transformando-se em uma cidade urbana, desenvolvida e conturbada, que modificou sua paisagem natural em nome do desenvolvimento industrial e tecnológico. (CAMPELO, 2010)

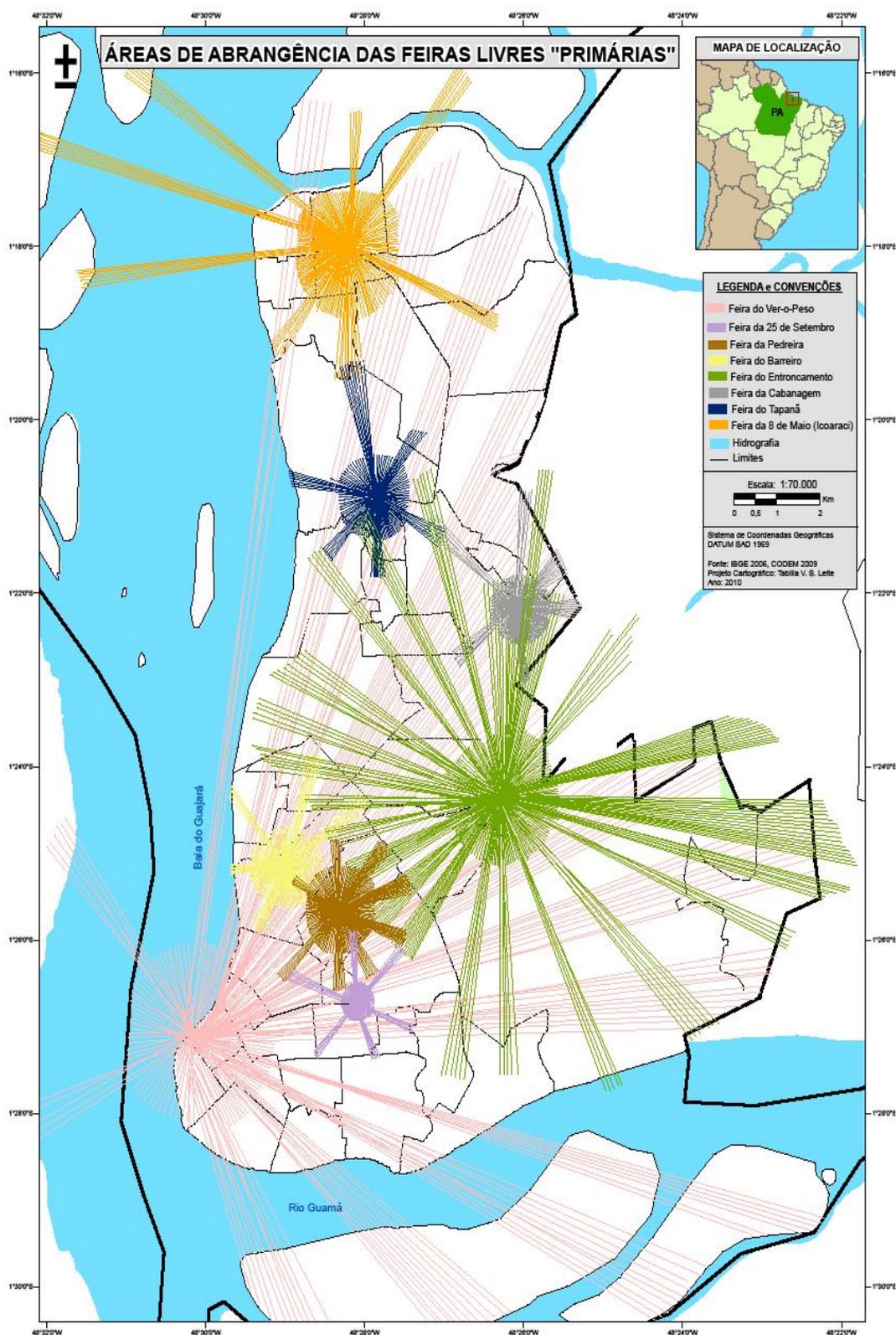
Percebe-se na ideia acima a tentativa de resguardar este espaço como sendo um local de tradições, de costumes, de hábitos ligados à vida regional/local. Por isso, a questão cultural presente nos espaços de feiras livres em Belém torna-se mais sólido no Ver-o-Peso, pelo fato de carregar uma história que se confunde com a história da própria urbe.

Invadida frequentemente pelas águas do rio Guamá, ameaçada certa vez de desaparecimento por interesses comerciais e tendências inovacionistas, a Feira do Ver-o-Peso representa a síntese de toda uma rica cultura cabocla e regional, um verdadeiro acervo vivo de modos e hábitos de sobrevivência, numa paisagem marcante mudada e descaracterizada ao longo de três séculos. (CAMPELO, 2010, p. 45)

A partir da segunda metade do século XX, a principal feira livre da cidade se estabelece como ponto central de distribuição de produtos e gêneros alimentícios para grande parte da cidade. A dinâmica imposta pela estruturação urbana da cidade exigia da feira livre uma função mais complexa, do ponto de vista do controle e da distribuição de mercadorias pela malha urbana belenense.

Nesse sentido, a feira livre situada às margens do Guajará projetou-se no cenário urbano local e regional como um espaço de manifestação das necessidades de um enorme contingente populacional que (sobre)vivia das atividades econômicas mais elementares da cidade, como o pequeno comércio de frutas, ervas, farinha, legumes, carnes, entre outros.

O Ver-o-Peso é um espaço que apresenta um certo grau de centralidade no contexto de produção do espaço urbano. Por ele transitam fluxos vindos do rio, como também da rodovia, isto é, o padrão de organização da feira incorpora duas lógicas de funcionamento, ao mesmo tempo, diferentes e complementares entre si. Isso pode ser verificado pela área de abrangência desta de outras feiras livres em Belém que passam a estabelecer uma relação estratégica diante do cenário urbano, na qual estão inseridas. Veja o mapa 7 (Áreas de abrangência das feiras livres “primárias”) e o quadro 7 nas páginas seguintes.



FEIRAS MUNICIPAIS	TIPOS DE ATIVIDADE																														TOTAL						
	HORTIGRANJ.		INDUSTRIALIZADOS		LANCHES/REFEIÇÃO		MERCEARIA		CAMARÃO/PEIXE SECO		FARINHA		ARTESANATO		PLANTAS ORNAM.		ART. UMB/ ERVAS		SERVIÇO		CARNE BOVINA / SUINA		FRANGO ABATIDO		VISCERAS		PEIXES		CAMARÃO FRESCO		CARANGUEJO		DEPÓSITOS		FEIRANTE	EQUIP.	
	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	FEIRANTE	EQUIP.	
ACATAUASSU NUNES	15	15	6	6	6	6	3	3	2	2	3	3	0	0	0	0	0	0	2	2	1	1	0	0	1	1	5	5	0	0	4	4	0	0	48	48	
AUGUSTO CORREA	18	22	6	6	1	1	2	3	1	1	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	3	3	0	0	5	5	1	1	0	0	0	0	0	0	39	44	
BANDEIRA BRANCA	86	79	8	9	15	19	7	7	3	3	6	3	1	1	0	0	9	7	19	14	0	0	0	0	0	0	0	0	3	3	0	0	157	145			
BARREIRO	98	98	453	486	25	25	39	39	1	1	30	30	0	0	0	0	3	3	3	3	31	31	17	17	2	2	23	23	0	0	0	0	725	758			
BATISTA CAMPOS	42	81	5	6	5	7	8	9	2	3	21	33	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	5	0	0	1	2	2	2	2	4	0	0	91	154	
CAMPINA	12	14	8	8	4	4	4	4	2	2	7	8	0	0	0	0	0	0	0	0	4	4	3	3	3	3	6	8	0	0	2	2	0	0	55	60	
COMP CATALINA	0	0	3	3	11	11	4	4	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	20	20	
CREMAÇÃO	42	60	20	24	19	19	4	4	2	3	12	15	0	0	0	0	2	2	4	4	8	11	11	15	4	5	9	11	2	3	4	4	0	0	143	180	
DAMASCO	40	39	33	39	16	27	21	25	2	2	7	7	0	0	0	0	5	7	7	10	6	9	19	27	2	2	28	27	0	0	3	3	0	0	189	224	
ENTRONCAMENTO	90	97	51	51	12	12	4	4	18	18	28	28	2	2	0	0	5	5	13	13	2	2	5	5	3	3	4	4	0	0	17	17	0	0	254	261	
MARACAJÁ (MOSQUEIRO)	4	6	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	0	0	0	0	4	6	0	0	0	0	0	0	12	16	
MARAMBAIA	14	14	8	11	16	23	9	11	0	0	8	14	0	0	0	0	1	2	5	5	0	0	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	62	83	
MOSQUEIRO	15	15	1	1	5	5	1	1	2	2	4	4	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	4	0	0	33	33	
MUNDURUCUS	3	3	2	2	2	2	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	3	3	0	0	0	0	0	0	12	12	
OITO DE MAIO	115	115	95	95	6	6	4	4	0	0	0	0	1	1	0	0	2	2	5	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	12	12	0	0	240	240	
OUTEIRO	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PANORAMA XXI	22	22	7	7	8	8	0	0	2	2	9	9	0	0	0	0	3	3	0	0	2	2	0	0	0	0	7	7	0	0	2	2	0	0	62	62	
PARQUE UNIÃO (TAPANÁ)	55	55	93	93	30	30	14	17	12	12	12	12	0	0	22	22	3	3	26	26	16	16	19	19	5	5	18	18	14	14	5	5	0	36	344	383	
PEDREIRA	38	43	69	83	22	23	11	15	10	12	6	7	0	0	0	0	12	12	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	8	0	0	175	203		
PORTO DA FEIRA DO AÇAI	95	102	0	0	16	16	0	0	0	0	16	17	1	1	0	0	0	0	0	0	5	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	133	141	
PORTO DA PALHA	25	25	22	22	22	22	25	25	3	3	13	13	2	2	0	0	0	0	7	7	2	2	5	5	3	3	14	14	4	4	1	1	0	0	148	148	
PORTO DO AÇAI	34	34	1	1	13	13	0	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	50	50	
PORTO DE ICOARACI	8	8	0	0	13	13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	8	8	4	4	2	2	1	1	38	38	
PROVIDENCIA	20	20	9	9	8	8	2	2	5	5	6	6	0	0	1	1	0	0	2	2	3	3	6	6	2	2	17	17	1	1	1	1	3	3	86	86	
SACRAMENTA	2	2	2	2	6	6	2	2	0	0	2	2	0	0	0	0	1	1	3	3	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	1	1	1	1	22	22	
SANTA LUIZA	3	6	5	5	13	13	0	0	2	2	11	19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	35	46	
SÃO BENEDITO	21	21	27	27	6	6	4	4	3	3	6	6	3	3	0	0	1	1	5	5	1	1	1	1	1	1	8	8	2	2	3	3	0	0	92	92	
SÃO DOMINGOS	3	9	7	17	5	16	1	1	0	0	5	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8	13	0	0	1	1	0	0	30	63	
SÃO GASPAR (TAPANÁ)	10	10	17	17	7	7	2	2	1	1	3	3	0	0	0	0	0	0	5	5	4	4	6	6	1	1	2	2	8	8	4	4	3	3	73	73	
TAVARES BASTOS	13	13	40	40	45	45	12	12	6	6	11	11	1	1	0	0	0	0	15	15	3	3	7	7	0	0	17	17	4	4	7	7	0	12	181	193	
TELÉGRAFO	48	67	53	68	31	52	10	21	0	0	17	24	0	0	0	0	3	3	10	12	1	1	0	0	0	0	0	0	6	9	5	10	0	0	184	267	
TEÓFILO CUNDURU	21	21	11	11	2	2	1	1	2	2	2	2	0	0	0	0	2	2	0	0	2	2	0	0	0	0	12	12	1	1	2	2	0	0	58	58	
VER-O-PESO	362	621	84	136	206	224	44	65	55	63	30	38	14	16	6	6	69	80	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	872	1.251	
25 DE SETEMBRO	101	129	19	27	46	60	42	52	24	30	42	68	0	0	10	10	10	7	4	4	3	3	1	1	1	1	9	11	0	0	9	12	0	0	321	415	
TOTAL	1.475	1.866	997	1.312	643	732	280	337	160	178	323	376	27	30	39	39	131	140	141	141	97	103	107	124	28	29	209	222	49	53	102	113	8	56	4.984	5.865	

Quadro7 - Demonstrativo da situação de ocupação por atividades nas Feiras Municipais de Belém - Ano 2009:
Fonte: DCT/DFMP/SECON

De acordo com o mapa 7 e o quadro 7, oito feiras municipais se destacam perante as demais. O ponto em comum desses espaços reside no fato de possuírem uma grande quantidade de feirantes desenvolvendo suas atividades laboriosas de todos os dias.

Essa expressiva quantidade de atores sociais envolvidos com os negócios da feira é um fator indicativo da importância que esses espaços possuem dentro da realidade urbana.

Uma grande quantidade de pessoas nas feiras pressupõe a existência de uma variedade de opções de compra. Roupas, produtos industrializados, artigos de umbanda, ervas, peixes, mariscos, carnes, farinha são apenas alguns exemplos de produtos que podem ser facilmente encontrados nesses espaços.

Além disso, as feiras estão localizadas em pontos estratégicos dentro da cidade. Ocupam locais centrais e também locais periféricos, numa distribuição espacial que permite uma maior abrangência no raio de atração sobre outros bairros e distritos municipais.

Assim, funcionam como ponto de contato direto entre o comércio do bairro e o comércio na cidade, já que o volume de troca e venda de produtos nessas feiras depende do fluxo contínuo de abastecimento verificado no âmbito do município. Daí porque a quantidade de mercadorias, principalmente as frutas variam em termos de disponibilidade de feira para feira, dependendo do período do ano.

Dentre elas, duas chamam mais atenção pela maior importância que apresentam para a cidade. A feira do Entroncamento e a feira do Ver-o-Peso.



Fotografia 25- Ocupação desordenada do espaço na feira do Entroncamento. Foto de Medeiros (2010)



Fotografia 26- Vista panorâmica da feira do Ver-o-Peso./Fonte: SECON

São tipos de feiras distintos e complementares entre si. Enquanto a primeira tem uma dinâmica mais voltada para o sentido da rodovia federal, a segunda sofre

em maior grau com a dinâmica provinda do rio. As demais feiras destacadas no mapa 7 são consideradas “primárias”, em função de seus respectivos raios de abrangência no município ou mesmo até rompendo as suas fronteiras.

Nesse sentido, as feiras primárias surgem no espaço urbano local tomando como referência quatro aspectos importantes, do ponto de vista espacial.

a) A quantidade de feirantes regulares ou irregulares presentes nesses espaços;

b) A diversidade de produtos comercializados no interior das feiras, sendo esta condição um reflexo direto da primeira;

c) A importância da feira livre para o bairro em que está inserida; nesse caso leva-se em consideração a sua localização geográfica (relacional) no espaço da cidade.

d) A área de abrangência dentro da escala do município. Isso quer dizer a feira livre entendida com um espaço de atração e ao mesmo tempo de repulsão de novas atividades comerciais.

As feiras primárias encerram novas formas de pensar o contexto de formação e expansão da cidade, uma vez que trazem à tona elementos indicadores da vida cotidiana e da vida econômica do município. A condição em que se encontram deriva de um rápido processo de evolução que marca os seus respectivos funcionamentos.

Quanto às demais, tudo leva a crer que funcionam mais como feiras de bairros ou “feiras-satélites” do que como feiras primárias, sempre levando em consideração os fatores acima mencionados.

Aliás, tanto as consideradas primárias quanto as satélites e/ou de bairros são espaços que se complementam, tomando como base as relações econômicas características do circuito inferior da economia, uma vez que aquilo que não é consumido nas feiras primárias é repassado, em sua grande maioria, pelas feiras-satélites.

Não se pretende aqui apresentar uma tipologia permanente e acabada dos espaços de feiras livres, mas apenas que reflita a própria realidade que caracteriza esses diferentes espaços na grande cidade.

Acima de tudo, são espaços construídos historicamente, por diferentes gerações, desde aquelas embrionárias no Velho Continente, ainda na Idade Média, até as gerações do novo século, mais urbanas e com potenciais possibilidades de ruptura com a lógica dos mais fortes e hegemônicos modelos de desenvolvimento tidos como globais.

Portanto, pensar a realidade das feiras livres na cidade capitalista, sobretudo, nas cidades amazônicas, em que o termo capitalista pode assumir outras conotações é uma tarefa bastante complexa. Ciente desses limites, o trabalho aqui desenvolvido tentou de maneira não muito densa, mas sem desconsiderar a sua complexidade para a realidade urbana em Belém, avançar na interpretação de um espaço pouco estudado e, de certa forma, negligenciado por parte da comunidade acadêmica e até mesmo por quem deveria ser o mais interessado em todo esse mosaico de relações de produção e de (sobre)vivência instaurado nas dezenas de feiras livres municipais espalhadas pelos diferentes bairros e distritos do município – o Estado.

5 ESCRITOS FINAIS

Não se pode negar a importância que o espaço urbano assumiu sobre a vida de milhares de pessoas espalhadas pelas mais diferentes regiões do mundo. A formação e a consolidação da cidade capitalista no Ocidente passou por diversos momentos, desde o século XIX até o final do século XX. Nesse contexto, países considerados desenvolvidos e países subdesenvolvidos viram as suas cidades se multiplicar, tanto em termos demográficos quanto em relação à estrutura urbana.

O rápido e acelerado processo de urbanização do território e da sociedade, principalmente nos países pobres culminou no surgimento de inúmeros impasses de ordem econômica, social e ambiental, servindo como obstáculo a plena realização da qualidade de vida no ambiente urbano.

No Brasil, a denominada “urbanização caótica” (SANTOS, 1994) semeou uma série de questões nunca antes vistas no processo de formação do espaço nacional. A velocidade com que ocorreu o processo de urbanização brasileira depositou uma grande quantidade de pessoas nas grandes capitais dos Estados, provocando uma série de problemas estruturais para essas cidades.

Tais problemas passaram a conviver e desafiar a vida de milhares de famílias que tinham na vida urbana, a possibilidade de agregar melhores condições de reprodução social. Assim, as questões mais traumatizantes na vida de muitas pessoas passaram pelo emprego, moradia, habitação e saneamento básico, por exemplo. Isso porque a cidade crescia social e economicamente, mas não se ampliavam as possibilidades para a grande parte das pessoas que a faziam crescer.

Na Amazônia, em especial na metrópole paraense, essas questões ficaram mais acentuadas, haja vista a grande dependência que economia local/regional tem pela economia nacional e internacional. Assim, centenas de famílias passaram a conviver com sérios problemas relacionados à qualidade de vida na grande cidade.

Aliado a isso, a forte e recente instabilidade política e econômica das últimas três décadas forçaram mudanças radicais na estrutura produtiva nacional e regional, tendo como principal cenário as transformações sobre o mercado de trabalho. Assim, a redução repentina de postos de trabalho nas grandes cidades acabou modificando o perfil social de muitas famílias que se faziam presentes nos grandes centros urbanos.

Com isso, os padrões de produção, circulação e consumo redefiniram suas metas e suas estratégias de ações, principalmente nas áreas urbanas locais, regionais e nacionais. Novas modalidades de produzir e consumir surgiram nos grandes centros, estabelecendo outros mecanismos de comercialização.

O fortalecimento das atividades terciárias, sobretudo a atividade comercial e de serviços prevaleceu sobre o espaço urbano, proporcionando a ampliação das relações de compra e venda de bens industrializados e gêneros agrícolas em diferentes pontos das cidades.

Nesse contexto, em especial, na capital paraense, o processo de formação e expansão de inúmeros espaços de feiras livres tornou-se decisivo para a difusão de novos padrões de consumo na grande cidade. Tais espaços passaram a competir e resistir perante a presença das redes de supermercados locais, que passaram a se estabelecer como a grande “alternativa” para o consumo de massa na cidade.

Diferente de outros locais espalhados pelo território nacional, em Belém, a feira livre permaneceu forte e, cada vez mais, presente na vida e no cotidiano de centenas de pessoas, que passaram a fazer desse espaço não apenas um local meramente de consumo, mas sim um ponto de encontro, no qual são estruturadas relações de sociabilidade marcadas pela presença da “solidariedade orgânica”, em detrimento da “solidariedade organizacional” costuradas pelas diversas redes de comércio varejistas difundidas pela cidade.

Historicamente, os espaços de feiras livres privilegiaram o momento do encontro como algo positivo. Do ponto de vista comercial, o encontro de diferentes produtores, de diferentes localidades nos “dias de feira” possibilitou a ampliação na oferta de mercadorias agrícolas, trazendo para esses espaços toda a diversidade de gêneros e demais produtos comercializáveis. Do ponto de vista social, as feiras livres passaram a cumprir uma função, de certo modo, estratégica, uma vez que a necessidade do contato permanente ampliou as trocas de saberes e costumes entre povos de diferentes regiões.

Do ponto de vista cultural, esses espaços se voltaram para a manutenção das tradições e dos hábitos locais. A valorização do saber tradicional, a partir da manifestação de práticas cotidianas movidas pela comercialização de ervas e artesanatos, por exemplo, possibilita o reforço da memória sobre o espaço e o lugar.

Com relação à dimensão geográfica, os espaços das feiras livres em Belém caracterizam-se pela forte dispersão espacial, nos mais diferentes bairros e distritos da cidade. Sem contar a quantidade de mercados, as feiras livres somam quarenta e um espaços, nos quais, cotidianamente, são costuradas relações de sociabilidade que dão suporte as suas múltiplas existências.

Ao incorporar novas áreas, sobretudo, nas regiões de expansão urbana, tais espaços passam a exercer uma função estratégica no contexto de formação do espaço urbano. Isso se dá, basicamente, pela possibilidade de reforçar a difusão do chamado *circuito inferior da economia urbana* em bairros onde prevalecem grupos sociais com menor poder aquisitivo na cidade.

Por isso, a existência desses pontos comerciais espalhados pela periferia urbana é um reflexo direto da condição socioeconômica de grande parte dos habitantes da cidade, motivo pelo qual há uma forte tendência ao surgimento e a expansão das já existentes feiras livres em Belém.

A forma, a intensidade e a complexa com que esse processo ocorre(rá) depende(rá) da localização geográfica desses espaços. Uma vez localizadas às margens dos rios, as feiras livres tendem a apresentar uma dinâmica peculiar mais voltada para o contato simultâneo entre a região insular e a porção continental da cidade, na qual está inserida.

Enquanto que as demais, localizadas ao longo das vias públicas da cidade tendem a manter um contato mais direto com as suas respectivas áreas de abrangência (próximas ou distantes), dependendo do seu grau de centralidade.

Nesse sentido, os espaços de feiras livres podem (e devem) ser entendidos como um produto da formação e expansão do espaço urbano em Belém. Além disso, são espaços que resguardam um pouco da cultura local/regional. Tidos mais como “espaços residuais” do que como espaços complementares à dinâmica de funcionamento do circuito superior da economia, esses locais expressam a sua singularidade numa região em que “fazer-a-feira” não marca apenas uma tradição na vida cotidiana de muitas famílias, mas, sobretudo, um momento de encontro, de reencontro e de possibilidades múltiplas para a realização da vida cotidiana no mundo contemporâneo. Martins (2008, p.57) é bastante claro ao apontar a seguinte ideia.

É no fragmento de tempo do processo repetitivo produzido pelo desenvolvimento capitalista, o tempo da rotina, da repetição e do

cotidiano, que essas contradições fazem saltar fora o momento da criação e de anúncio da História – o tempo do possível. E que, justamente por se manifestar na própria vida cotidiana, parece impossível. Esse anúncio revela ao homem comum, na vida cotidiana, que é na prática que se instalam as condições de transformação do impossível em possível

As feiras livres em Belém, caracterizadas como espaços de possibilidades para a criação ou para a manutenção dos traços regionais e locais permitem ao homem comum, aquele que vive grande parte dos momentos de suas vidas ligados às “coisas da feira” (seja ele um feirante, ou freguês, ou mesmo um artista de rua, um ambulante), a sua projeção no espaço da cidade como sujeito de sua própria história que, em muitas oportunidades, foram vividas por outros agentes, às vezes, do mesmo tronco familiar.

A feira livre marca sua existência cotidiana na cidade, reforçada pela condição histórica, pela sua localização geográfica, pela quantidade de feirantes e pela diversidade de iguarias à disposição de todos aqueles que fazem desse espaço um ponto de reafirmação de identidade e de autonomia sociocultural. Conforme Carlos (2006, p.91),

A cidade se reproduz na contradição entre eliminação substancial e manutenção persistente dos lugares de encontros e reencontros da festa, da apropriação do público para a vida. Há resíduos e resistências nos subterrâneos que fogem ao processo homogeneizador e terrificante do capital.

Nesse aspecto, seja uma “feira primária”, com uma função diferenciada no contexto de formação e estruturação da realidade urbana local ou uma “feira de bairro”, com uma função mais secundária, do ponto de vista geográfico, pode-se encontrar nesses diferentes espaços a verdadeira dimensão da vida cotidiana, de tempos e homens lentos, mas de intenções e ações coletivas voltadas à reafirmação de suas histórias. São nas feiras livres em Belém, portanto, que são emanadas as mais concretas dimensões geográficas e cotidianas da vida moderna, plural e híbrida da modernidade citadina.

REFERÊNCIAS

AMÉRICO, Jonathan et al. Feira livres na cidade de Uberlândia: caracterização de um espaço diversificado de consumo. In: SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 2., 2003, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Universidade Federal de, 2003. Não paginado.

ARANTES, Otilia; VAINER; Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BARBOSA, Jorge Luiz. O ordenamento territorial urbano na era da acumulação globalizada. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha. (Org.). **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 125-145.

BARBOSA, Leticia Rameh; ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. Feira, Lugar de cultura e educação popular. **Revista Novas Atenas de Educação Tecnológica**. v. 7. n. 2. Disponível em www.paulofreire.org.br/.../FEIRA-%20LUGAR%20DE%20CULTURA%20E%20EDUCAÇÃO%20POPULAR.html. Acesso em: 19 nov.2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BELTRÃO, Jane Felipe; OTAVIANO JUNIOR, Antônio (Org.). **Conheça Belém, comemore o Pará**. Belém: EDUFPA, 2008.

BELÉM. Secretária Municipal de Economia. Decreto nº 26.579/94. **Dispõe sobre o funcionamento de Feiras Livres no Município de Belém e dá outras providências**. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=900&class=02>>. Acesso em: 19 nov. 2009.

BRASIL, Walena. **Mulheres, desenvolvimento local e sucesso: as feirantes em Belém (PA) e as políticas públicas de geração de renda**. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará. Belém, 2007.

CAMPELO, Marilu Márcia. Conflito e espacialidades em um mercado paraense. In: LEITÃO, Wilma Marques (Org.). **Ver-o-Peso**: estudos antropológicos no mercado de Belém. Belém, NAEA: UFPA, 2010, p. 41-68.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007. 98 p. (Repensando a geografia).

_____. Metamorfoses urbanas. **Geotextos**, Bahia, v. 3, n. 1-2, p. 187-200, 2007.

_____. A metrópole entre o local e o global. In: SILVA, Catia Antônia da; CAMPOS, Andreilino. (Org.) **Metrópoles em mutação**: dinâmicas territoriais, relações de poder e vida coletiva. Rio de Janeiro: Revan; FAPERJ, 2008, p. 131-153.

CASTRO, Edna; SANTOS, Maria Antonieta. Belém de água e portos: ação do Estado e modernização na superfície. In: CASTRO, Edna. (Org.). **Belém de águas e ilhas**. Belém: Cejup, 2006. p. 25-43.

CATAIA, Márcio. Crise nas grandes cidades: alienações e resistências. In: SOUZA, Maria Adélia de. **A metrópole e o futuro**: refletindo sobre Campinas. Campinas: Territorial, 2008. p. 347-356.

CORRÊA, Maria Cristina dos Santos; LEITÃO, Wilma Marques. Pescadores, balanceiros, vendedores de café: a comercialização do pescado no Ver-o-Peso. In: LEITÃO, Wilma Marques (Org.). **Ver-o-Peso**: estudos antropológicos no Mercado de Belém. Belém: NAEA; UFPA, 2010. p. 103-131.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de. et al. (Org.) **Geografia**: conceitos e temas. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 15-47.

CONDURÚ, Marise Teles; PEREIRA, José Almir Rodrigues. **Elaboração de trabalhos acadêmicos**: normas, critérios e procedimentos. 4. ed. Belém: [s.n.] 2010.

CRUZ, Ernesto. **A estrada de ferro de Bragança**: visão social, econômica e política. [Belém]: SPVEA, 1955. 158 p.

_____. **História de Belém**. Belém: UFPA, 1973. v. 2.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. Feiras no Nordeste. Mercator. **Revista de Geografia da UFC**. Fortaleza, ano 7, v. 13, p. 87-101, 2008.

DIAS, Leila Christina. A cidade, a metrópole e o modo de vida: nota para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges. (Org.). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 87-93.

D'INCAO, Maria Ângela. Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana. Tempo social. **Revista de Sociologia da USP**. São Paulo v. 4. n. 1-2, , p. 95-109, 1992.

DOLFUSS, Olivier. **A análise geográfica**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difel, 1973. (Coleção Saber Atual, 159)

EGLER, Tamara Tania Cohen. Espaço Social na metrópole. In: SILVA, Cátia Antônia da. et al. (Org.). **Metrópole**: governo, sociedade e território. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, [2006]. p. 237-250.

FREYRE, Gilberto. **Homens, engenharias e rumos sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FRÚGOL JUNIOR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GODOY, Paulo Roberto Teixeira. A produção do espaço: uma reaproximação conceitual da perspectiva lefebvriana. **GEOUSP**: espaço e tempo. São Paulo. n. 23. 2008. p. 125-132.

GOMES, Horieste. **Reflexões sobre teoria e crítica em geografia**. 2. ed. Goiânia: EDUCG, 2007.

GOMES, Paulo César da Costa. Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de. et al. (Org.) **Geografia**: conceitos e temas. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 77-116.

GOURMETIDOS. Disponível em: <<http://www.google.com/search?hl=en&q=www.gourmetidos.com.br>>. Acesso em: 13 dez.2009

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Tradução de Waltensir Dutra. 21. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. Belém: EDUFPA, 2004. (Ciclo do extremo norte).

LEFEBVRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEMOS, Antônio José de. **O Município de Belém**: relatório municipal. Belém: [s.n], 1908.

LIMA, Dorotéa Maria de. Patrimônio Cultural: os discursos oficiais e o que se diz no Ver-o-Peso. In: LEITÃO, Wilma Marques (Org.). **Ver-o-Peso**: estudos antropológicos no mercado de Belém. Belém, NAEA;UFPA, 2010. p. 69-102.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARANHÃO, Haroldo. **Pará, Capital**: Belém, memórias & pessoas & coisas & loisas da cidade. Belém: Fundação Cultural do Município de Belém, 2000.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades**: alternativas para a crise urbana. 3. ed. Petrópolis, (RJ): Vozes, 2001.

MARTINS, José de Souza. (Org.). **(Des)figurações**: a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MONTEIRO, Benedicto. **História do Pará**. Belém: Amazônia, 2005.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN). **Caminhos de Geografia, Uberlândia**, v. 23. n. 17. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. Tradução Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fortes, 1998.

OLIVEIRA, Márcio Piñon de. Reconhecendo a metrópole no cotidiano. In: SILVA, Cátia Antônia da. et al. (Org.). **Metrópole**: governo, sociedade e território. [Rio de Janeiro]: DP&A; FAPERJ, [2006]. p. 59-66.

PALEN, John. **O mundo urbano**. Tradução de Ronaldo de Biasi e Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1975.

PEABIRU. <http://www.peabiru.org.br/2008/clippingpeabiru_revista-brasileiros.pdf>. Acesso em: dez. 2009.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém**: estudo de geografia urbana. Belém: UFPA, 1968, 2 v. (Coleção Amazônica).

RAVENA, Nírvia. O abastecimento no século XVIII no Grão-Pará: Macapá e vilas circunvizinhas. In: MARIN, Rosa Acevedo. **A escrita da história paraense**. Belém: NAEA;UFPA, 1998, p. 29-52

RIBEIRO, Eduardo Magalhães (Org.). **Feiras do Jequitinhonha**: mercados, cultura e trabalho de famílias rurais no semi-árido de Minas Gerais. Fortaleza: BNB; Universidade Federal de Lavras, 2007.

ROCHEFORT, Michel. O futuro das metrópoles no mundo globalizado. In: SOUZA, Maria Adélia de. **A metrópole e o futuro**: refletindo sobre Campinas. Campinas: Territorial, 2008, p. 23-34.

ROCQUE, Carlos. **História geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: Distribel, 2001.

RODRIGUES, Izabel Carmem. **Vem do bairro do Jurunas**: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Belém: NAEA, 2008.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 7. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. (Coord.). **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986.

_____. **A urbanização brasileira**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.

_____. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. **Por uma geografia nova**: da crítica a geografia a uma geografia crítica. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2004. (Coleção Milton Santos).

_____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005. (Coleção Milton Santos).

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006 (Coleção Milton Santos).

_____. **Economia espacial**: críticas e alternativas. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2007 (Coleção Milton Santos).

SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. A cidade de Belém no tempo da borracha. In: FONTES, Edilza. **Contando a história do Pará**: da conquista à sociedade da Borracha (século XVI-XIX). Belém: E. Motion, 2003, p. 3-25, v. 3,

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A insurreição do uso. In: MARTINS, José de Souza. (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: HUCITEC, 1996, p. 71-86.

SEEMANN, Jörn. Mapas, mapeamentos e a cartografia da realidade. **GEOGRAFARES**. Vitória, n. 4. p. 49-60, jun. 2003.

SENA, Ana Laura. **Trabalho Informal nas ruas e praças de Belém**. Belém: NAEA; UFPA, 2002.

SILVA, Catia Antonia. Crise da modernidade e trabalho em contextos metropolitanos. In: SILVA, Catia Antonia et al. (Org.). **Formas em crise: utopias necessárias**. Rio de Janeiro: Arquimedes, 2005. p. 23-46.

SILVA, Marcos Alexandre Pimentel; MALHEIRO, Bruno Cezar Pereira. A face ribeirinha da orla fluvial de Belém: espaços de (sobre)vivência na diferença. In: TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair; SILVA, Marcos Alexandre Pimentel. (Org.). **Belém: a cidade e o rio na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2005, p. 145-169.

SILVA, Marcos Alexandre Pimentel da. **A cidade vista através do porto: múltiplas identidades urbanas e imagem da cidade na orla fluvial de Belém**. 2006. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

SILVA, Tiago Luis Coelho Vaz. **Ver-a-Cor: um estudo sobre as relações raciais no mercado do Ver-o-Peso em Belém (PA)**. 2007. 117 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SILVEIRA, Maria Laura. Metrôpoles do terceiro mundo: da história ao método, do método à história. In: SILVA, Catia Antônia da; CAMPOS, Andreino. (Org.) **Metrôpoles em mutação: dinâmicas territoriais, relações de poder e vida coletiva**. Rio de Janeiro: Revan; FAPERJ, 2008. p. 17-35.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. (Org.). **O fenômeno urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara. p. 11-25.

SINGER, Paul. **O capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica**. 14. ed. São Paulo: Moderna, 1996. (Coleção Polêmica).

SOUZA, Maria Adélia de. A metrópole e o futuro: a dinâmica dos lugares e o período popular da história. In: _____. **A metrópole e o futuro**: refletindo sobre Campinas. Campinas: Territorial, 2008. p. 35-53.

SOUZA JUNIOR, José Alves de; Bezerra neto, José Maia. **Pontos de história da Amazônia**. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, [2000]. v.2.
100 p

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. **Trocando olhares**: uma introdução à construção sociológica da cidade. São Paulo: Studio Nobel, 2000. (Coleção cidade aberta).

VICENTINI, Yara. **Cidade e história na Amazônia**. Curitiba: EDUFPR, 2004.